UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DE MARÍLIA-SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FLÁVIA CRISTINA CASTILHO CARÁCIO

CONCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DOS CONFLITOS INTERPESSOAIS ENTRE CRIANÇAS

MARÍLIA
2014

FLÁVIA CRISTINA CASTILHO CARÁCIO

CONCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DOS CONFLITOS INTERPESSOAIS ENTRE CRIANÇAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, para obtenção de título de mestre em Educação.

Área 1 – Linha 1: **Psicologia da Educação: Processos Educativos e Desenvolvimento Humano**
Orientador: Raul Aragão Martins

MARÍLIA
2014

Carácio, Flávia Cristina Castilho.
C257c Concepção de professores acerca dos conflitos interpessoais entre crianças / Flávia Cristina Castilho Carácio. – Marília, 2014.
98 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2014.
Bibliografia: f. 77-80.
Orientador: Raul Aragão Martins.

1. Crianças. 2. Conflito interpessoal. 3. Desenvolvimento moral. 4. Escolas. 5. Psicologia da educação. I. Título.

CDD 370.15

FLÁVIA CRISTINA CASTILHO CARÁCIO

CONCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DOS CONFLITOS INTERPESSOAIS ENTRE CRIANÇAS

.

Dissertação para obtenção de título de mestre em Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, na área de concentração Área 1 – Linha 1: Psicologia da Educação: Processos Educativos e Desenvolvimento Humano

BANCA EXAMINADORA:

Orientador:_____

Prof. Dr. Raul Aragão Martins (FFC – Unesp – Marília)

2º Examinador: _____

Profª Dra. Alessandra de Morais Shimizu (FFC – Unesp – Marília)

3º Examinador:_____

Prof. Dr. Leonardo Lemos de Souza (FCL - Unesp – Assis)

Marília, 27 de fevereiro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** por estar presente em cada detalhe da minha vida;

Ao **Andre**, meu querido marido, pela dedicação e apoio sem medida;

Aos meus filhos **Lucca** e **Matteo**, que me ensinam a cada dia a ser uma pessoa melhor;

A toda a minha **Família**, pelo incentivo durante esse percurso;

Aos meus inúmeros **Amigos** queridos, pela compreensão;

Ao meu orientador **Prof. Dr. Raul Aragão Martins** pela amizade e orientação em todos os momentos;

A **Profª Dra. Alessandra de Morais Shimizu**, pela valiosa contribuição e carinho no exame de qualificação;

Ao **Prof. Dr. Leonardo Lemos de Souza,** pela compreensão e colaboração no exame de qualificação;

Aos **Professores da Pós-graduação** por possibilitar a qualificação necessária;

A coordenação e funcionários da **Pós graduação** que sempre me auxiliaram;

Ao **CNPQ** pelo auxilio com a bolsa concedida para a realização deste trabalho;

A todos os **Educadores** que participaram do estudo.

A conquista da autonomia moral é desejável para que todo ser humano possa avaliar as regras de seu grupo e decidir se elas estão de acordo com os princípios de justiça que promovem a dignidade inviolável da humanidade, a liberdade, a solidariedade e a igualdade.

L. Kohlberg

RESUMO

A resolução de conflitos interpessoais no ambiente escolar é um assunto que vem sendo amplamente discutido na atualidade, sendo compreendido dentro da teoria construtivista, por situações de interação social de confronto, desacordo e frustração, em que o educador deve estimular a criança a pensar, expor suas idéias e buscar soluções que possam ser negociadas considerando os diferentes pontos de vista, desenvolvendo um trabalho na lógica do diálogo, da cooperação e do respeito mútuo. Esta pesquisa tem como objetivo investigar as concepções dos professores acerca dos conflitos entre crianças do primeiro ciclo do ensino fundamental, sendo um estudo qualitativo, de natureza exploratória, fundamentado na teoria construtivista de Jean Piaget, que entende que os conflitos são necessários para o desenvolvimento moral da criança. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista com 39 professores do primeiro ciclo do ensino fundamental de quatro escolas públicas do interior do Estado de São Paulo. Para alcançar os resultados, foi feita a transcrição integral das entrevistas e análise dos dados. Os resultados confirmaram a hipótese inicial de que os educadores precisam assumir o seu papel na mediação dos conflitos entre as crianças em parceria com os pais, direção e funcionários da escola e de que há lacunas de conhecimento na formação do professor. As conclusões do estudo apontam para a necessidade de haver espaços de reflexão das práticas no cotidiano dos educadores, a fim de que, mudanças ocorram e venham contribuir para ampliar a restrita função da escola, de transmissão de conhecimentos, para a aprendizagem de valores morais, da convivência em sociedade, por meio da construção de vínculos solidários e cooperativos na escola.

Palavras-chave: Conflito interpessoal. Desenvolvimento moral. Ambiente educativo.

ABSTRACT

The resolution of interpersonal conflicts is an issue that has been discussed, widely, in the present era, it has been comprehended in the constructivist theory, by confronts, disagreement and frustration social interaction situations, where teacher should stimulates the child to think , expose their ideas and search solutions which could be negotiated considering different points of view, developing a work in dialogue, cooperation and mutual respect logic. This research has its main aim investigate the teacher's conception in conflict's resolution among children of first cycle of elementary school, as it is a qualitative study, with exploratory nature, grounded in the constructive theory of Jean Piaget, who understands that the conflicts are necessary for child's moral development. The data collection was done by half structured interviews with 39 teachers of Elementary schools' first cycle teachers of four of public schools in interior of Sao Paulo state. For the results, it has done the integral transcription of the interviews and data analysis. The result confirmed the initial hypothesis which teacher need to assume their role in conflicts mediation among kids in association with the parents, principal, and school employee, and that there are gaps in teachers' formation. Therefore, the study conclusions points the necessity to have spaces for reflection of school professionals daily practices, to contributes with the teacher in the change of the restricted to knowledge transmission education now a days conception to a performance which contributes which values of life in society learning, with solidary and cooperative linkage in school.

Keywords: Interpersonal conflicts. Moral development. Educative environment.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Caracterização dos sujeitos de pesquisa..... 31

Quadro 2 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores quanto a percepção dos conflitos e das causas que os produzem..... 35

Quadro 3 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores quanto a prática e suas dificuldades para atuar nos conflitos 45

Quadro 4 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores quanto ao preparo para atuar nos conflitos 54

Quadro 5 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores quanto a percepção do papel da família na resolução dos conflitos..... 58

Quadro 6 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores com relação ao papel da escola na resolução dos conflitos..... 62

Quadro 7 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores com relação aos objetivos do ensino fundamental.... 68

Tabela 1 – Categorias extraídas das entrevistas com os professores por núcleo temático..... 34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 REFERENCIAL TEÓRICO 13

2.1 O papel do professor no desenvolvimento moral 13

2.2 Conflitos interpessoais entre crianças no ambiente escolar e os estilos de resolução 21

3 OBJETIVOS 26

3.1 Objetivo Geral 26

3.2 Objetivos Específicos 26

4 MATERIAIS E MÉTODOS 27

4.1 Local da pesquisa 28

4.2 Participantes da pesquisa 28

4.3 Procedimentos de coleta de dados 28

4.4 Aspectos éticos 29

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO 30

5.1 Caracterização do grupo estudado 30

5.2 Categorização das respostas obtidas nas entrevistas com os professores 32

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 72

REFERÊNCIAS 74

APÊNDICES 78

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema desta pesquisa teve origem na minha experiência pessoal, como mãe e psicóloga, por meio da observação da prática do professor frente aos conflitos entre as crianças no ambiente escolar. Considerando que o processo de socialização tem início na infância, período em que as crianças passam grande parte do seu tempo na escola e vivenciam a todo o momento situações de interação social com os seus pares, frequentemente me questionava: "Será que os educadores estão preparados para atuar nas situações de conflito entre as crianças a fim de favorecer a construção dos valores morais" e "Quais são os conceitos que vêm sustentando sua prática?"

A hipótese inicial desse estudo foi a de que o educador apresenta hoje uma prática bastante diversificada de atuação nas situações de conflito entre as crianças e que não apresentam para tanto, uma sustentação teórica que venha auxiliá-lo na formação moral das crianças. Dessa forma, há necessidade de investimento nesse profissional a fim de que passe a trabalhar com consciência sobre a importância do seu papel, buscando a construção de um ambiente escolar democrático e justo.

Ao me deparar com a complexidade de situações que envolvem as interações sociais entre as crianças que iniciam o ensino fundamental e com as diferentes formas de atuação dos educadores para organizar tais ocorrências, ora sendo controladores em suas ações, ora inseguros e preocupados em serem bons modelos, pude perceber que se trata de um tema atual e relevante para o cenário da educação. Faz-se necessário ampliar e aprofundar estudos que possam contribuir com a formação de educadores e, dessa forma, com a construção da autonomia de seus alunos, considerando os valores morais como base do trabalho na educação.

Os conflitos na escola vêm sendo motivo de grande preocupação no cotidiano dos educadores, sendo amplamente discutidos por diversos autores e dentro de várias abordagens teóricas em âmbito internacional e nacional, como Deluty (1981), Selman (1980), Araújo (2001), Menin (2002) Sastre e Moreno (2002), Vinha (2003), Leme (2004), Del Prette e Del Prette (2005), Vicentin (2009) entre outros pesquisadores.

Após a aproximação teórica acerca do desenvolvimento moral com a realização da disciplina de mestrado e a leitura inicial do livro de Piaget, "O juízo moral da criança", (1932), compreendo que a teoria construtivista é uma importante fonte de conhecimento e possibilita embasar as práticas dos educadores frente às necessidades apresentadas pelas

crianças nas situações de interação social, visto que a maneira como o educador se posiciona (ou não) pode contribuir para o desenvolvimento sóciomoral de seus alunos.

No cotidiano da escola, o professor vivencia constantemente situações de conflitos entre as crianças e mesmo os profissionais que tiveram uma boa formação se sentem despreparados para conduzir tais situações. Apesar da insegurança, eles não podem ignorar os casos tidos como "mais graves", os quais envolvem agressão e requerem a intervenção imediata do professor. Para tanto, devem estar preparados para compreender e intervir, aproveitando esses momentos para o desenvolvimento moral, auxiliando-as a explicitarem o ocorrido e a verbalizarem seus sentimentos com relação ao fato ocorrido, incentivando a troca de pontos de vista entre os escolares.

O professor tem papel fundamental no trabalho com crianças pequenas, na mediação das relações, buscando a construção do respeito mútuo e da moral autônoma nas mais variadas atividades do cotidiano. Os conflitos nessa fase ocorrem por pequenos desacordos entre os escolares e, na maioria das vezes, são vivenciados por uma única perspectiva. Considerando que crianças nesse período se encontram na fase da moral heterônoma, esse é o momento em que o professor precisa auxiliar na compreensão das situações, utilizando espaços para reflexão, levando as crianças a considerarem variadas perspectivas, na convivência com o outro.

Em vista disso, o ambiente escolar e a atuação do professor devem estar pautados na construção de ambientes cooperativos e de respeito mútuo. A infância é uma fase privilegiada para formação do caráter e o professor é agente potencial para produzir mudanças concretas no desenvolvimento da moral dos sujeitos. Esse profissional, portanto, deve educar em valores, faz parte da sua prática, a fim de alcançar impactos positivos no cotidiano das pessoas e na organização da sociedade, influenciando as escolhas e as ações realizadas.

Como a escola para a criança, depois da família, é o principal ambiente de socialização, é nesse espaço em que as relações vão sendo constituídas em um processo de construção do caráter. Nesse momento ocorre a apropriação mais racional das regras de convivência e as principais construções cognitivas, afetivas, motoras e sociais. Para o desenvolvimento integral da criança, a socialização, a construção da identidade e a aquisição dos princípios das regras devem ocorrer de forma articulada entre a família e a escola, tendo o educador, na escola, um papel preponderante na construção dos princípios éticos e morais da criança.

Os conflitos interpessoais entre as crianças ocorrem o tempo todo no ambiente escolar e são consequência dos diferentes interesses, valores e necessidades de cada um. Na relação com seus pares, os escolares têm a oportunidade de buscar soluções que possam ser negociadas considerando os diferentes pontos de vista, momento em que o professor pode se posicionar, deixando clara a necessidade primordial do respeito para resolução dos conflitos. Os educadores, então, não devem ignorar os conflitos que estão sendo vivenciados entre as crianças, culpabilizando as famílias pelo comportamento inadequado delas. É preciso que tenham uma postura ativa de orientação dos valores morais de forma intencional e comprometida.

Para Jean Piaget (1994), o indivíduo não é um ser passivo; ele interage e constrói suas estruturas cognitivas na relação com o meio ambiente, sendo, dessa forma, um sujeito ativo e participativo. Assim, os valores morais são construídos nas relações sociais, na vivência dos problemas reais do cotidiano e, nesse momento, a criança requer o auxílio do adulto, no caso, do professor, para mediar essas vivências e ser modelo nas situações diárias. Muitos são os estudiosos que, a partir desses conceitos, vêm organizando estudos a fim de compreender as formas de resolução dos conflitos interpessoais.

Segundo Leme (2004), os conflitos aparecem como situações de interação social de confronto, desacordo, frustração e vão depender da construção de recursos afetivos e cognitivos para seu enfrentamento, tendo o professor o papel de observar como vêm sendo resolvidos os conflitos entre as crianças, colaborando para que encontrem caminhos para sua resolução assertiva por meio do diálogo e da expressão dos sentimentos, considerando a singularidade de cada um, podendo, assim, auxiliar na construção de relações mais cooperativas e de respeito mútuo.

Para Vicentin (2009), os conflitos são oportunidades para o trabalho na perspectiva da formação do ser humano em que a escola e o professor precisam articular estratégias para mediar essas relações, uma vez que podem favorecer o desenvolvimento da criança em ambiente democrático. Em seus estudos, observou, entretanto, que os conflitos são tratados de duas formas pelos educadores: como danosos ao bom andamento das relações entre os alunos e, para tanto, elaboram-se regras a fim de controlar seus comportamentos e pela busca de resoluções rápidas, transferindo os conflitos vivenciados no ambiente escolar como problema da criança para que pais e especialistas possam resolvê-los.

Dentro desse contexto, os estudos de Selman (1980) apresentam estratégias de negociação interpessoal, em que os sujeitos se desenvolvem de forma progressiva, do egocentrismo até a mutualidade. Para o autor, a competência moral, esta relacionada com a

capacidade de coordenar perspectivas, pautadas em um repertório de habilidades sociais, que são desenvolvidas nas relações de conflitos, por meio do desequilíbrio.

A formação do educador, então, passa a ser um aspecto fundamental para mediar às situações de conflito, promovendo a reflexão nos momentos de desequilíbrio para que uma nova organização ocorra. O educador, como mediador dos processos que a criança irá utilizar para a tomada de decisão nas situações de interação social deve buscar a construção de um ambiente democrático, não só em sala de aula, mas em todo espaço escolar, de forma que a resolução dos conflitos possa ser fruto de discussões e reflexões de todos os envolvidos, resultando assim no desenvolvimento integral das crianças.

Enfim, considerando que a formação moral é um processo de construção permanente na vida do ser humano, que os conflitos estão presentes no cotidiano e são importantes para o desenvolvimento da autonomia moral dos sujeitos, este estudo busca compreender as concepções dos professores acerca dos conflitos entre as crianças.

Para alcançar seus objetivos, esta dissertação inicia-se com a Introdução, que explica os motivos pela escolha do estudo. A partir da importância do tema da moral na modernidade, propusemo-nos a compreender como ocorrem os conflitos entre crianças no ambiente escolar e como são as intervenções realizadas pelos educadores. Os pressupostos teóricos que embasam essa discussão destacam-se o desenvolvimento da moral, a formas de resolução dos conflitos entre crianças e o papel do professor frente à construção de sujeitos autônomos. Seguem-se os objetivos, o método e a discussão, que nos levam a refletir sobre a temática dos conflitos no ambiente escolar e sobre a atuação dos educadores quando esses ocorrem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os conceitos organizados por Piaget têm possibilitado inúmeros estudos a respeito da moral. Na área da educação, há um crescente interesse por contribuições que auxiliem na construção dos valores morais no ambiente escolar e na compreensão das formas de resolução nas situações ocorridas diariamente entre as crianças que necessitam de intervenção. Para que haja o desenvolvimento da moralidade em crianças pequenas, o professor deve agir articulado a um ambiente escolar democrático, como um mediador do desenvolvimento dessa construção, considerando as situações de conflito como favoráveis ao processo de aprendizagem.

Dentro da perspectiva dos conflitos, os estudos de Robert Selman (VINHA, 2000; TOGNETTA; VINHA, 2011) e de Robert Deluty (LEME, 2004; VICENTIN, 2009) se destacam. A abordagem sociocognitiva, proposta por Selman será adotada neste estudo pelo fato de estar apoiada na idéia de que o indivíduo é produto do contexto social, apresenta segundo o autor, cinco níveis de aquisição de perspectiva, os chamados "estágios de desenvolvimento de adoção de perspectiva", em que os aspectos sociais, afetivos e cognitivos relacionam-se e integram interesses individuais e relacionais.

2.1 O papel do professor no desenvolvimento moral

A prática do professor tem a intencionalidade de buscar o desenvolvimento pleno das capacidades cognitivas, motoras, afetivas e sociais da criança. Segundo Vasconcelos (2003), é papel do professor permitir que a criança construa habilidades que lhe possibilitem participar ativamente na transformação do meio que está inserida, porém na atualidade, sentem-se inseguros ao se depararem com problemas de indisciplina e conflitos no ambiente escolar (LA FÁBRICA DO BRASIL, 2001).

O estudo da moralidade vem sendo construído por diversas pesquisas ao longo do tempo. Inicialmente se destacam as contribuições do filósofo Emmanuel Kant (1974), que considerou que agir moralmente é agir incondicionalmente por dever segundo as leis morais, de forma racional, baseado no dever de agir de acordo com os princípios universais. Para o psicanalista Freud (1997), a construção da consciência moral está relacionada ao superego, que desempenha o papel de juiz no controle moral das ações, sendo este o responsável pelo pensar e pelo agir morais, não atribuindo a moral apenas à razão, como fez Kant (1974).

Dos autores que se dedicaram ao estudo do desenvolvimento moral, o epistemólogo Jean Piaget (1994) e Lawrence Kohlberg (1992) se destacam por trazerem contribuições fundamentais para a compreensão da construção da moralidade. A obra de Piaget, "O juízo moral na criança", publicada originalmente em 1932, continua sendo estudada por contribuir para a elucidação do desenvolvimento do juízo moral que, segundo o autor, pode evoluir de tendências de desenvolvimento da anomia para a heteronomia e da heteronomia para autonomia a partir da interação da criança com o meio social e por meio de processos psíquicos individuais de autorregulação.

O psicólogo Lawrence Kohlberg (1992) trabalhou com dilemas morais e estende as tendências de desenvolvimento para outras idades. Elaborou um modelo psicogenético de desenvolvimento moral em que discrimina uma sequência hierárquica e universal de seis tendências, distribuídos em três níveis: pré-convencional, convencional e pós-convencional, entendendo que a justiça é a virtude maior da moral e reforçando os conceitos até então observados por Piaget em suas pesquisas.

Partindo do pressuposto de que a educação deve ser capaz, ao cumprir o seu papel, de promover o desenvolvimento integral de seus alunos com ações que envolvam o pensar e o agir, Araújo (2007) acredita que a escola precisa propiciar às crianças uma educação em valores, com um ambiente livre, em que possam fazer escolhas e tomar decisões a partir das relações estabelecidas umas com as outras e não de forma imposta por conteúdos e disciplinas, mas no conjunto delas.

La Taille (2009) afirma que a questão de ética e de valores deve ser inserida na escola por meio da aquisição das regras coletivas, permeadas nas vivências escolares, tendo por finalidade desenvolver a autonomia moral dos seus alunos para que sejam capazes de transformar a realidade social em que vivem orientados por princípios morais, como a justiça, a solidariedade, o respeito e a cooperação.

A política atual, que orienta os objetivos para o ensino fundamental, está regulada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (nº 9.394 de 220 de dezembro de 1996), que descreve a função da escola, orientando que deve propiciar a todas as crianças a formação básica para a cidadania, desenvolvendo a capacidade de aprender, com o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; o fortalecimento dos

vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRASIL, 1997).

Dessa forma, a escola é espaço de coletividades, de interação social e, portanto, precisa se posicionar moralmente. A educação moral, ou em valores, deve ser pensada não como uma disciplina isolada, mas como forma de trabalho de todos os profissionais nesse ambiente. Assim como os conflitos que ocorrem entre as crianças, várias outras situações de interação social estão acontecendo a todo o momento no ambiente escolar, dentro e fora da sala de aula e, dessa forma, os educadores, coordenadores e diretores vêm demonstrando, intencionalmente ou não, o agir moral que é compartilhado pelos atores da escola (MENIN, 2007).

Para Shimizu, Menin, Bataglia e Martins (2010), é importante que a educação moral seja abordada como tema transversal na escola, fazendo parte das disciplinas, dentro do contexto que está sendo vivenciado pelos alunos e educadores, visto que não é possível discutir valores, regras e princípios, separados do contexto em que ocorrem.

Essa dissociação entre a aquisição do conhecimento e o ensinar valores morais que parece estar em urgência nas escolas precisa mudar e ser reformulada a fim de que se integrem para o desenvolvimento da criança. Nesse sentido, faz-se necessário compreender o que é ser uma pessoa moral e como pais e educadores podem auxiliar no cotidiano das crianças, buscando a construção da moralidade autônoma.

Para Menin (1996), ser uma pessoa moral passa pela atitude de pais e professores, que são, inevitavelmente, modelos para as crianças. Dentro desse contexto, Puig (2004), reconhece que ser uma pessoa moral não é uma condição que passa por desejo ou por crença, sendo necessário encontrar meios para que isso possa se realizar de fato. Portanto, querer que alunos, nos primeiros anos do ensino fundamental, ajam moralmente não é suficiente, nem possível. É preciso identificar qual a ética presente na dimensão da escola e buscar estratégias coletivas para que a construção do trabalho democrático ocorra.

Apesar de a escola e seus educadores dizerem que querem e compreendem a importância de se realizar um trabalho na perspectiva da educação moral na escola, estudos realizados por De Vries e Zan (1998) apontam que, de fato, o que os educadores querem em sala de aula são alunos bem comportados, tranquilos e submissos às regras da escola. Nesse caso, para o aluno comportado fica o aprendizado da submissão, em que não se discute o ocorrido, não é preciso se posicionar e nem emitir seu ponto de vista.

Em "A construção da personalidade moral", Puig (1998) aponta que a consciência moral heterônoma ou autônoma tem sua origem nas práticas sociais, sendo que a

consciência pessoal necessita das relações com os demais para se formar. A escola deve, pois, estar preparada para inserir em seus currículos "práticas morais" que proporcionem a discussão e a reflexão do sentido das normas a fim de enfrentar situações complexas do ponto de vista da moral.

Para La Talille (2006), o comportamento moral depende da conjunção das dimensões intelectual e afetiva. Para o autor, a fase da infância tem maior significado, visto que ocorre a construção sucessiva da evolução dos sujeitos, que tem início com a anomia, no nascimento da criança, passando para a heteronomia e, por fim, para a autonomia. Essas sucessivas adaptações acontecem pelo mecanismo de assimilação e acomodação.

Para Piaget (1994), a criança tenta continuamente adaptar-se aos novos estímulos e aos esquemas que já possui por meio do mecanismo de assimilação e acomodação, que se caracteriza por uma integração à estrutura prévia, sem descontinuidade com o estado precedente. Nesse sentido, a qualidade das relações entre crianças e adultos vai possibilitando o desenvolvimento moral que deve ser construída com relações de respeito, de diálogo, de cooperação e de afeto.

No processo de formação da criança, pais e educadores devem reconhecer a importância das fases. A fase da heteronomia é um momento importante em que a criança se insere no mundo da moral, conquistada pela aprendizagem de situações impostas por adultos, por relações de coação e respeito unilateral. Nesse período, a obediência às regras é considerada ao pé da letra pela criança e vai sendo superada com o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, na convivência com seus pares, ao perceber, nas situações de conflito a noção de justiça.

Para Piaget (1994), a noção de justiça pode ser dividida em dois tipos: a justiça retributiva, que é mais primitiva e a justiça distributiva. Na justiça retributiva há proporcionalidade entre o ato e a sanção, havendo nela a sanção expiatória, que está ligada à coação do adulto, enquanto a sanção por reciprocidade está relacionada com a cooperação e às regras de igualdade. A sanção, nesse contexto, tem como propósito a recolocação da ordem, podendo ocorrer de forma imposta como na sanção expiatória ou por reciprocidade em que há participação da criança na construção da sanção.

A autonomia moral, considerando a concepção de Piaget (1994), sugere uma educação que privilegie situações de cooperação, de grupo, nas quais a descentração, o diálogo e o acordo se fazem necessários. A prática do professor deve estar articulada ao desenvolvimento moral da criança durante as interações sociais, privilegiando a expressão

das ideias e atuando de maneira a aproveitar as situações de conflitos como momentos de reflexão de escolhas e caminhos de enfrentamento das situações no cotidiano.

Para Menin (2007), quando a criança inicia o ensino fundamental, por volta dos seis e sete anos, começa a perceber que há diferentes formas de aceitação das regras impostas e passa a desenvolver um conflito interno. Nesse momento, a criança começa a perceber falhas na justiça adulta e, com essas experiências e o avanço da idade, a coação do adulto tende a diminuir para que o sentimento de respeito mútuo possa aparecer e reorganizar as regras já construídas. Dessa forma, as respostas passam a ser mais descentradas frente às situações sociais, considerando a si e ao outro na tomada de decisão.

Dentro desse contexto, a criança precisa ser estimulada pelo adulto a pensar, a expor suas ideias e ser considerada nas situações do cotidiano, visto que, nessa fase, ela apresenta fantasias de medo de perder o amor e de ser punida quando não cumpre as normas impostas por adultos. Isso acaba por reforçar a relação unilateral e heterônoma para a tomada de decisão. Segundo Piaget (1994), somente nas relações de cooperação, de respeito mútuo e de reciprocidade, em que a autoridade do adulto é mínima, é possível estabelecer uma relação de aceitação da regra e construção da autonomia pela criança.

O ambiente escolar, quando democrático, pode proporcionar trocas sociais entre as crianças, possibilitando que assumam pequenas responsabilidades no processo de tomada de decisão e passem gradualmente a se expressarem mais livremente. As novas experiências em grupo solicitam da criança novas formas de se reorganizar para a tomada de decisão (MENIN, 1996).

Para que o desenvolvimento moral ocorra no âmbito escolar, segundo as pesquisadoras Tardeli e Pasqualini (2011), a escola deve estar preparada para inserir em seus currículos práticas morais transversais nas áreas do conhecimento. Essas práticas devem abrir espaço para a reflexão, a deliberação de ações, o aparecimento de virtudes e a discussão do sentido das normas. A educação de valores para o desenvolvimento moral, nesse sentido, não pode estar na escola de forma fragmentada e isolada e requer estratégias conjuntas dos atores do contexto escolar para formar indivíduos autônomos.

O professor deve buscar que seus alunos reflitam sobre suas ações, sobre o impacto que elas podem provocar no outro e, dessa forma, quanto mais democrático for o ambiente da escola, mais possibilidade de se encontrar nele relações cooperativas. Estudo realizado por Tognetta (2003), com crianças de seis a sete anos, em escolas públicas, observou-as vivenciando ambientes diferentes: um autocrático e outro democrático. Foram utilizados os

dilemas morais e constatou-se que, no ambiente cooperativo, o professor incentivava a discussão dos problemas em grupo e a solidariedade.

Vinha (2003), em outro estudo com crianças do ensino fundamental, buscou compreender a maneira como agiam as crianças que vivenciavam ambientes diferentes, sendo um democrático e outro autocrático. Ficou evidenciado que as crianças, em ambientes autocráticos, tomavam decisões mais impulsivas, autocentradas e pouco elaboradas, enquanto as crianças que vivenciavam ambientes mais democráticos mostravam maior empenho em negociar com seus pares.

Para o professor, em grande parte das escolas, o desenvolvimento moral está relacionado à promoção de um conjunto de normas e regras para a obtenção da disciplina e do controle do comportamento das crianças. Conforme considerou De Vries e Zan (1998), faz-se necessário uma reflexão dessa prática. É importante que o professor, em sua atuação, venha facilitar o desenvolvimento moral, possibilitando que as regras sejam construídas coletivamente e favoreça o posicionamento das crianças, buscando soluções justas e democráticas.

O conhecimento do professor acerca da teoria de Piaget e suas implicações práticas podem contribuir para a formação do professor, de forma que, a preocupação não seja com o conteúdo ou com o conceito que o aluno obtém, mas com o processo de formação da criança, a fim de buscar sujeitos autônomos, que possam experenciar relações de cooperação com os pares, fundamentadas no respeito mútuo, com o estímulo ao diálogo e a expressão dos sentimentos, compreendendo que há uma relação indissociável entre a educação moral e intelectual.

Segundo Vasconcelos (2003), muitos professores não se sentem seguros em trabalhar com o desenvolvimento moral, entendendo ser responsabilidade da família. Para os autores Shimizu, Menin, Bataglia e Martins (2010), o ambiente familiar é importante e pode possibilitar a formação moral. Porém é no ambiente escolar que as crianças estabelecem suas relações sociais e podem experimentar diferentes conflitos e diferentes maneiras de resolvê-los.

Escola e família são responsáveis pela educação das crianças em nossa sociedade e estão vivenciando um momento de transição, com novas configurações e papéis sociais. Existe uma forte tendência dos atores da escola em responsabilizar as famílias pelas dificuldades de aprendizagem de seus alunos, considerando que os problemas que estão postos para a educação são oriundos da desestrutura familiar. Esta é uma explicação simplista e de generalização do problema, desconsiderando os múltiplos fatores que vêm

influenciando o cenário da educação, como as transformações sociais e culturais ocorridas nas últimas décadas (OLIVEIRA, 2002).

Um marco na mudança das famílias ocorreu com o rompimento destas com a ordem social, quando havia um comprometimento de todos com a formação das crianças. As famílias passaram a se organizar, entre pais e filhos, com laços mais fortalecidos. Oliveira (2002) realizou uma pesquisa com a representação de pais e professores sobre seus papéis e concluiu que a escola tutela a família e sua dinâmica própria e a família, por sua vez, deixa.

A postura do professor no cotidiano do ambiente escolar pode, ou não, favorecer a construção da autonomia. Vale ressaltar que a preocupação com a formação do professor para atuar na educação de valores morais é recente. No Brasil, os estudos surgem a partir da década de 90 e o que se observa nas pesquisas, nesse sentido, é fruto da construção do conhecimento e do aprimoramento das práticas de sala de aula.

Com o estudo de Vicentin (2009), pode-se compreender a importância do papel do professor na vida das crianças em relação à formação moral e afetiva. Atualmente alguns professores conseguem atribuir ao conflito uma oportunidade para o trabalho, como fator necessário de desequilíbrio para que uma autorregulação seja feita, possibilitando seu desenvolvimento por meio da troca de ponto de vista entre os pares, a fim de encontrarem uma solução em que todos se sintam satisfeitos. Há educadores, porém, que entendem o conflito como algo ruim, que atrapalha o trabalho em sala de aula, encontrando-se despreparados para atuar nessa problemática.

O desenvolvimento das crianças vai sendo construído no ambiente em que vivenciam as relações com o mundo e com elas mesmas. Segundo DeVries e Zan (1998), o ambiente escolar deve ser o espaço em que o professor combina as regras com os alunos de acordo com as necessidades que vão surgindo, apresentando atividades diversificadas e em pequenos grupos, em que eles possam ter a liberdade de tomar decisões, de lidar e resolver seus conflitos interpessoais, buscando com seus pares a melhor forma de resolver os problemas.

Considerando ainda a importância do ambiente escolar para a formação moral de crianças, Araujo (2001) realizou pesquisa com crianças de seis a sete anos que vivenciavam ambientes diferentes, sendo um autocrático e outro democrático e verificou que os alunos do ambiente cooperativo apresentavam um juízo mais autônomo e menos egocêntrico quando comparados com os de ambiente autoritários. Reavaliou as mesmas crianças após 10 anos e os resultados se mantiveram.

Compreendendo, pelos estudos realizados, que o ambiente escolar representa um importante fator na formação moral de crianças e adolescentes, faz-se necessário observar como a escola vem pensando essas questões e trabalhando com seus professores a fim de promover a discussão dos conflitos no ambiente escolar. Leme (2006) realizou um estudo para avaliar a percepção dos diretores em relação aos conflitos na escola e verificou que para eles a atenção dada pelos professores aos conflitos entre os alunos é suficiente.

Menin (1996) constatou, em seus estudos com crianças das primeiras series do ensino fundamental, que poucas são as regras colocadas pelas professoras, que podem ser reconstruídas pelos alunos. Na grande maioria das situações, as regras são impostas com o objetivo de disciplinar os alunos, impedindo que as trocas sociais ocorram, ensinando apenas que é necessário obedecer, tendo a escola, mesmo sem consciência da atual situação, um caráter autocrático que não colabora para o desenvolvimento moral.

La Taille (1998) apresenta uma pesquisa que mostra que a educação autoritária tende a gerar indivíduos submissos, conformistas, obedientes a uma autoridade e, portanto, com tendência a heteronomia. A imposição das normas pelo educador, especialmente na busca de impedir que os conflitos ocorram, de forma coercitiva e sem reflexão, não leva ao desenvolvimento intelectual e moral, sendo necessário que o educador possa assumir um conjunto de ações na escola, em direção â vivência do respeito mútuo e da cooperação entre as crianças, preparando-os para a autonomia.

Em vista disso, a escola deve ter consciência das necessidades das crianças frente ao seu papel na formação moral delas, para isso, precisa estar atenta ao envolvimento do educador na solução dos conflitos. O educador deve estar atento e propor aos alunos reflexão sobre as situações do cotidiano, sobre as ações das crianças e do impacto que estas ações representam no outro. Dessa forma, o educador estará auxiliando o desenvolvimento cognitivo e afetivo que, por sua vez, permite a resolução mais satisfatória nos conflitos.

Dessa forma, os educadores precisam se conscientizar do seu papel na formação moral e ética dos futuros sujeitos da sociedade, revisitando os princípios e conceitos que vêm influenciando sua prática na formação dos sujeitos. Guillot (2008) propõe que o adulto ouse assumir sua autoridade para promover a condição humana por meio de um processo contínuo de reflexão do cotidiano na escola. Corroborando a proposta de Guillot, Araújo já em 1996 nos apontava que, na educação, a atuação do professor devia ser intencional sobre as diferentes dimensões constituintes da natureza humana: sóciocultural, afetiva, cognitiva e bio-fisiológica.

Enfim, o desenvolvimento moral e ético dos sujeitos, no sentido epistêmico, passa pela convivência da criança no ambiente escolar e pela construção de vínculos afetivos entre as pessoas, os quais devem ser mediados pelo educador com o envolvimento de todos os atores da escola, pais e responsáveis. Parte-se do pressuposto de que as crianças não nascem detentoras de conhecimento acerca do convívio social, ético e moral. Elas necessitam da vivência dos princípios, do respeito, da cooperação, da justiça e de tantos outros, assim como da interferência do adulto, com referência, orientação nas atitudes responsáveis e comprometidas com o outro, para que possam agregar sentido e valor às regras da sociedade para viverem em harmonia.

2.2 Conflitos interpessoais entre crianças no ambiente escolar e os estilos de resolução

Os conflitos interpessoais, em ambiente escolar, vêm sendo discutidos por vários pesquisadores, tendo grande expressão na atualidade devido a suas formas de resolução, especialmente as formas agressivas de comportamento que vêm sendo constatadas entre crianças. Segundo Leme (2004), essa temática sempre foi um desafio para o educador no que diz respeito à forma de lidar com os conflitos, compreendendo que são situações que mobilizam conjuntamente recursos cognitivos e afetivos e, portanto, são indissociáveis na formação dos sujeitos.

O termo conflito em do latim *conflictus e* está relacionado com a ação de chocar; disputar ou a ação de lutar contra humano. São situações em desequilíbrio, percebidas como comportamentos externos e de oposição. Vinha (2003) considerou que os conflitos, embora normalmente vistos como negativos, são necessários ao desenvolvimento, uma vez que é, por meio do processo de equilibração ou autorregualação, que resulta a reflexão. Os conflitos são compreendidos, então, como positivos, ampliando a capacidade de organização dos recursos individuais e possibilitando o desenvolvimento humano.

No ambiente escolar, constituído de relações sociais, há possibilidade de contribuir para relações mais justas entre as crianças quando mediadas e acompanhadas por adultos que possibilitem a discussão dos conflitos de forma cooperativa. Para o professor construtivista, o conflito é positivo, natural e necessário ao desenvolvimento moral da criança e não deve estar centrado na resolução do problema em si, mas no processo de resolução, explorando as concepções e as formas mais justas de resolução.

Dois importantes autores internacionais vêm favorecendo as discussões acerca da resolução dos conflitos no Brasil; Robert Deluty (1981) e Robert Selman (1980). Para as idéias que embasam este estudo, as concepções do autor Robert Selman foram adotadas.

Para Selman (1980) existe uma progressão na forma como os sujeitos resolvem os conflitos interpessoais, sendo organizado pelo autor em cinco níveis, que tem inicio no nascimento da criança, com o egocentrismo, evoluindo até a mutualidade. Para tanto, envolve os aspectos cognitivos e afetivos dos sujeitos na adoção de estratégias de negociação diante de um conflito.

Leme (2004) realizou estudos para esclarecer aspectos envolvidos na violência intrapessoal e algumas inter-relações entre cognição e afetividade no funcionamento psicológico com crianças e adolescentes. Observou que a tendência de submissão e a agressividade se destacam, havendo necessidade de programas educacionais que busquem levar as crianças não só à percepção dos próprios direitos, mas também à dos outros, aprendendo a solucionar conflitos de forma pacífica.

Outros estudos que se destacam e vêm considerando essa abordagem em relação aos conflitos. Vicentin (2009) buscou, com estudantes com idades ente 12 e 16 anos, avaliar os estilos de resolução de conflito de filhos de pais com e sem problemas de álcool e estudar a diferença entre gêneros, faixa etária, situação conjugal dos pais e expressão dos sentimentos com relação às estratégias de solução de conflitos indicadas pelos filhos. Verificou que os adolescentes apresentavam respostas com tendências submissas, seguidas por respostas agressivas, desconsiderando os próprios sentimentos.

Mais recente, o estudo de Oliveira (2012) avaliou crianças e adolescentes de uma instituição sócioeducativa do interior do estado de São Paulo, a fim de identificar e relacionar as tendências morais presentes, os estilos de resolução de conflitos apresentados e a percepção de educadores para os comportamentos agressivos. Os resultados apontam que não há diminuição de condutas agressivas com o aumento da idade das crianças, como havia pensado o pesquisador, e, também, que as manifestações agressivas podem ser a única estratégia para se posicionar dentro de ambientes autoritários e coercitivos.

Outra forma de organizar os conceitos na resolução dos conflitos é a partir das ideias de Selman (1980), que investigou o desenvolvimento da coordenação das perspectivas em situações de negociação interpessoal. Constatou que nem sempre o emprego de uma estratégia elaborada significa que tal comportamento seja ético, sendo necessário conhecer os princípios que motivaram a ação. Entende que a competência moral é a capacidade de coordenar perspectivas pautadas em um repertório de habilidades sociais, tais como estratégias de negociação interpessoal desenvolvido pelos sujeitos numa situação de desequilíbrio como resultado da interação entre as disposições biológicas ou naturais e os fatores socioculturais.

Selman valeu-se do método clínico elaborado por Jean Piaget, utilizando mais histórias do que dilemas para compreender como a criança distingue a sua perspectiva e a do outro; como as coordena; e de que maneira as novas diferenciações e coordenações de um determinado estágio se constituem e se superam, propondo a adoção de perspectivas que vão do egocentrismo à mutualidade, que ocorre pelo mecanismo de equilibração proporcionado pelos desequilíbrios existentes nos conflitos.

Nas relações entre as crianças é necessário avaliar, de forma conjunta, como está elaborando cognitivamente o seu próprio ponto de vista com relação ao do outro, também sendo necessário compreender como a afetividade é regulada nas interações e qual a finalidade da criança, dominar ou cooperar. Os níveis de entendimento da criança em situações de interação podem se alterar, de acordo com as situações. Ela pode apresentar níveis superiores para uma situação e, em outras, responder com níveis mais baixos (SELMAN, 1980).

Conforme Selman (1980), as crianças raciocinam de forma diferente do adolescente e do adulto, sendo heterônomas até, aproximadamente, os oito anos de idade, visto terem uma condição limitada de diferenciar o seu ponto de vista do outro. Assim, não conservam os valores morais, suas atitudes estão mais relacionadas ao respeito pela figura de autoridade. Em função dessas características, reconhece que existe uma progressão da resolução de conflitos que se inicia com o egocentrismo até a mutualidade.

Em vista disso, a capacidade de negociação dos sujeitos desenvolve-se em estágios, progredindo das concepções mais egocêntricas, em que a tomada de decisão é unilateral e desconsidera o outro, para mecanismos mais elaborados de colaboração e cooperação que considerem o outro nas relações. Essa coordenação, segundo Selman (1980), não depende só da operação cognitiva denominada descentração, mas envolve também um componente social que deve ser desenvolvido em conjunto com os aspectos cognitivos. A seguir, serão descritos os níveis de desenvolvimento de estratégias de negociação interpessoal, segundo o modelo de Selman (1980 apud VINHA, 2003).

Nivel 0: Amizade momentânea e solução física para os conflitos

Nesse nível, as crianças resolvem não interagindo com o conflito, mas sim se afastando dessas situações, como quando está brincando e, por algum conflito, abandona a brincadeira, afastando-se do problema para que ele deixe de existir.

Outra forma pelo qual as crianças resolvem os conflitos nesse nível é a intervenção física, como lutar e agredir a outra criança com ações momentâneas. Por exemplo, arrancar da mão de outra criança um brinquedo.

Nivel 1: Amizade unilateral e não relacionada com a solução dos conflitos

Nesse nível, quando os conflitos ocorrem, as crianças percebem que o problema foi causado pela ação de alguém, que é o culpado, tendo do outro lado, uma criança que foi a vitima. Dessa forma, a resolução é unilateral, pois é percebida pela criança não como um desacordo e sim como uma transgressão da regra por uma criança que deve reverter o ocorrido.

Nivel 2: Amizades bilaterais e soluções cooperativas para os conflitos

As crianças conseguem, nesse nível, perceber que ambas as partes têm envolvimento com o conflito e pensar reciprocamente. Devem, para tanto, participar da resolução. Um exemplo seria quando cada criança quer uma brincadeira diferente e decidem juntos brincar de uma coisa e depois de outra.

Nivel 3: Estabilidade de Amizades e soluções mútuas para os conflitos

Os conflitos são percebidos pelas crianças, nesse nível, como um processo que faz parte das relações em que a comunicação prevalece para a resolução, não sendo utilizadas ações físicas e agressão, mas sim a valorização dos sentimentos na intimidade das relações.

Nivel 4: Interdependência autônoma e ação simbólica como uma resolução para os conflitos

Em relações mais aprofundadas, há mais comprometimento entre os sujeitos e facilidades no estabelecimento da comunicação, da qual a comunicação não verbal faz parte da resolução. Há compreensão das necessidades de ambas as partes, em uma relação de reciprocidade.

Vinha (2003), considerando os estudos de Selman, comparou crianças de duas terceiras séries, sendo umas de escola autocrática e outras, de escola democrática. Ficou

evidente que as crianças da escola autocrática tiveram estratégias menos eficazes que as crianças da escola construtivista, que demonstraram formas mais eficazes por coordenar as perspectivas dos envolvidos no conflito. Pelo estudo, aprova-se a forma como as escolas construtivistas concebem os conflitos e os relacionam com o desenvolvimento moral na criança.

Tognetta (2003) relacionou os conflitos no ambiente escolar, comparando crianças de seis a sete anos que vivenciavam ambientes escolares diferentes: um caracterizado por relações autoritárias e outro, por relações de cooperação com achados que apontam que existe uma disposição maior para a solidariedade entre as crianças que vivenciam ambiente cooperativo.

Licciardi (2010) investigou as estratégias de resolução de conflitos entre crianças de três a seis anos, utilizando sessões de observação das crianças e entrevista com sutuações-problema, com resultados que demonstram a predominância de estratégias que envolvem ações físicas e/ou impulsivas nas crianças de três a quatro anos, seguidas por ações mais impositivas em crianças de cinco a seis anos.

Dessa forma, para a resolução dos conflitos entre as crianças, é necessário considerar que, ao passar dos anos iniciais, em que a criança tem uma tendência egocêntrica forte e heteronomia, o educador deve auxiliar na formação constante dos sujeitos, buscando a reflexão dos fatos ocorridos com eles e a construção de relações mais respeitosas e de reciprocidade, o que, considerando os níveis propostos por Selman (1980), pode levar ao desenvolvimento autônomo dos sujeitos com formas de resolução orientadas pelo respeito mútuo.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- Analisar as concepções dos professores acerca dos conflitos interpessoais entre crianças do primeiro ciclo do ensino fundamental.

3.2 Objetivos Específicos

- Conhecer como os conflitos ocorrem e porque ocorrem entre as crianças do ensino fundamental na concepção do professor;

- Analisar a ação do professor quando os conflitos ocorrem a quais são as dificuldades para atuar;

- Conhecer as concepções dos professores em relação ao seu preparo para atuar nos conflitos;

- Analisar as concepções do professor em relação ao papel da família nos conflitos;

- Analisar as concepções do professor em relação ao papel da escola nos conflitos interpessoais;

- Relacionar as concepções dos professores com os objetivos do ensino fundamental considerando a teoria construtivista.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

A análise em função do objetivo deste estudo é de abordagem qualitativa, ainda que os dados quantitativos sejam também considerados. Dessa forma, buscou-se investigar as categorias a fim de conhecer as concepções dos professores com relação à resolução dos conflitos interpessoais. Por se tratar de uma análise dos significados, foi utilizada a análise temática por ser transversal e possibilitar recortar, do conjunto das entrevistas, um quadro de categorias e projetar os conteúdos.

A partir dos dados obtidos, buscou-se interpretar o contexto, as razões e a lógica de falas, das ações e das inter-relações entre os participantes, possibilitando a análise crítica, dando maior visibilidade às falas dos professores com relação à temática dos conflitos interpessoais. Dessa forma, foi organizada uma tabela geral com todos os dados, que posteriormente foi organizada em quadros separados, dispostos por núcleos temáticos e respectivas categorias; as situações que demonstram o conteúdo das falas e a ocorrência delas com relação à temática dos conflitos interpessoais entre as crianças.

Os temas foram definidos a priori pela pesquisadora, por meio dos objetivos do estudo. Dentro de cada núcleo temático, foram identificadas as categorias e sua frequência. Os temas investigados foram quanto à percepção dos conflitos e das causas que os produzem; quanto à prática e suas dificuldades para atuar nos conflitos; quanto ao preparo para atuar nos conflitos; quanto à percepção do papel da família; com relação ao papel da escola; aos objetivos do ensino fundamental.

Como método de pesquisa, foi utilizado à entrevista. Segundo Yin (2005), as entrevistas constituem a principal fonte para coleta e análise de dados, havendo três tipos de entrevista: a aberta, para extrair fatos, opiniões e “insights”; a focada, com perguntas previamente formuladas e a terceira, a estruturada. Para esse estudo foi utilizada a entrevista focada, com perguntas previamente elaboradas para coleta de dados do estudo (YIN, 2005).

4.1 Local da pesquisa

Denomina-se campo o recorte espacial que corresponde à abrangência do objeto de estudo. Compreende o contexto em que se desenvolve a pesquisa, sendo o espaço onde serão obtidos os dados empíricos. Esta pesquisa foi realizada em quatro escolas públicas de ensino fundamental de um município no interior do Estado de São Paulo.

4.2 Participantes da pesquisa

O grupo foi selecionado após a apresentação do estudo pela pesquisadora junto à Secretaria Municipal da Educação, sendo indicadas pela coordenação quatro escolas da rede municipal de ensino fundamental que, no momento solicitado, poderiam aceitar a necessidade apresentada com relação à disponibilidade para entrevista individual com os professores, visto ter um número de professores volantes nessas escolas que auxiliariam durante as entrevistas.

Dessa forma, com a orientação da coordenação da Secretaria da Educação, foi realizado um contato prévio com as diretoras das escolas indicadas, a fim de apresentar a pesquisa e organizar um cronograma de datas e horários para as entrevistas, garantindo a participação dos professores.

As diretoras, em função do contato prévio, comunicaram-se com todos os professores que, prontamente aceitaram participar da pesquisa. A totalidade desses professores estava atuando com salas de primeiro e segundo anos, no momento da coleta de dados, nas quatro escolas, identificadas com as letras “A”, “B”, “C” e “D”. Os participantes foram nomeados pela letra “P”, seguido do número de identificação por ordem numérica.

4.3 Procedimentos de coleta de dados

Foi elaborado exclusivamente, para este estudo, um roteiro de entrevista semiestruturado, contendo doze questões. Em março de 2013 foi realizada uma entrevista piloto com professores do ensino fundamental de uma escola particular do interior do estado de São Paulo, havendo, então, a oportunidade de realizar a discussão e a adequação do roteiro de entrevista em função dos objetivos propostos para o estudo, antecedendo a aplicação posterior aos sujeitos do estudo (APÊNDICE A).

Para a realização das entrevistas, a direção organizou um cronograma de dias, períodos e horários em que os professores poderiam participar, considerando as necessidades da escola, como eventos de datas comemorativas, cursos fora da escola e reuniões dos professores. As entrevistas foram realizadas, durante os meses de abril e maio de 2013 pela própria pesquisadora, após a autorização de cada participante e assinatura do termo de consentimento com a duração em média de 30 minutos cada.

As entrevistas iniciavam-se com a apresentação da pesquisadora, do tema do estudo, esclarecendo sobre os procedimentos éticos e autorização para gravação, seguindo com as questões do roteiro de entrevista. Todas as entrevistas foram gravadas, possibilitando a sua transcrição na íntegra e, em todo o momento, foi garantido o sigilo profissional e o anonimato, em consonância com as normas do Comitê de Ética e Pesquisa.

4.4 Aspectos éticos

O projeto de pesquisa foi submetido à apreciação da Comissão de Ética da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, tendo sido aprovado com o parecer número 0015/2000. Os profissionais foram esclarecidos da finalidade do estudo e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APENDICE B).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos inicialmente partem da descrição das características do grupo de sujeitos do estudo, seguida da apresentação e da discussão dos quadros de categorias, obtidas a partir da análise das entrevistas com as professoras.

5.1 Caracterização do grupo estudado

O grupo foi constituído por 39 professores, atuando no momento da coleta de dados, no primeiro ciclo do ensino fundamental de quatro escolas municipais de uma cidade do interior do estado de São Paulo. A média de idade entre os participantes foi de 37 anos, havendo predominância do sexo feminino (97%).

Com relação à formação, a maioria dos participantes tinha a graduação em Pedagogia (72%), seguida de outras formações de nível superior (15%), com os cursos de Ciências Contábeis, Administração de Empresa, Ciências Biológica, Ciências Sociais, História e Geografia, Sociologia e Letras. Havia professores com o curso de magistério (13%).

A média de tempo de trabalho na educação foi de 11 anos, com participantes que atuam a 38 anos e com menos tempo, há um ano de trabalho.

A maioria não tinha nenhuma Pós-Graduação (69%), havia professores com especialização (24%) e três professores com mestrado (7%). Em relação às especializações, havia professores com Administração Escolar (8%), Psicopedagogia (8%) e Educação Especial (8%).

A maioria dos professores estava realizando cursos de aperfeiçoamento oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação (51%) seguido por professores cursando a graduação em Pedagogia (10%), cursos de especialização (3%) e de professores que não estavam realizando cursos no momento da entrevista (36%).

Quadro 1 - Caracterização dos sujeitos de pesquisa

Idade	Sexo	Formação	Ano	Pós-Graduação	Estudando	Tempo
28	F	Pedagogia	2005	Administração Escolar	Curso na Secretaria	6 anos
28	F	Pedagogia	2007	Não	Curso na Secretaria	4 anos
31	F	Pedagogia	2005	Psicopedagogia	Curso na Secretaria	6 anos
34	F	Pedagogia	1997	Educação Especial	Não	13 anos
46	F	Magistério	1997	Não	Graduação Pedagogia	14 anos
36	F	Pedagogia	2009	Não	Não	13 anos
49	F	Magistério	2001	Não	Curso na Secretaria	8 anos
31	F	Pedagogia	2005	Psicopedagogia e Administração	Curso na Secretaria	6 anos
36	F	Magistério	2001	Não	Curso na Secretaria	9 anos
36	F	Pedagogia	2009	Não	Não	1 ano
39	M	Magistério	1998	Não	Graduação Pedagogia	13 anos
31	F	Pedagogia	2002	Não	Curso na Secretaria	9 anos
45	F	Pedagogia	2000	Não	Não	21 anos
28	F	Pedagogia	2007	Educação Especial	Não	6 anos
28	F	Pedagogia	2009	Não	Não	8 anos
33	F	Pedagogia	2003	Administração Escolar	Curso na Secretaria	7 anos
36	F	Pedagogia	1997	Não	Curso na Secretaria	14 anos
46	F	Administração de Empresa e Magistério	1991	Não	Não	25 anos
29	F	Ciências Contábeis	2002	Não	Não	8 anos
40	F	Pedagogia Letras	2005 2006	Não	Não	5 anos
41	F	Pedagogia	1999	Educação Especial	Não	22 anos
33	F	Pedagogia	2004	Psicopedagogia	Não	5 anos
32	F	Pedagogia	2009	Não	Curso na Secretaria	8 anos
47	F	Pedagogia	1999	Não	Curso na Secretaria	8 anos
27	F	Pedagogia	2009	Não	Curso na Secretaria	3 anos
29	F	Magistério	2002	Não	Curso na Secretaria	9 anos
40	F	Pedagogia	2012	Não	Psicopedagogia	6 anos
56	F	Ciências Biológicas	1978	Não	Pedagogia	25 anos
66	F	Pedagogia	1976	Não	Curso na Secretaria	50 anos
39	F	Pedagogia	2009	Não	Curso na Secretaria	15 anos
37	F	Ciências Sociais	2004	Psicopedagogia e Mestrado	Curso na Secretaria	18 anos
44	F	Pedagogia	2003	Não	Curso na Secretaria	25 anos
46	F	Pedagogia	1998	Educação Especial e Administração	Curso na Secretaria	17 anos
43	F	Pedagogia	1999	Não	Curso na Secretaria	12 anos
34	F	Pedagogia	2010	Mestrado em Educação	Não	1 ano
37	F	Pedagogia	1997	Não	Não	9 anos
49	F	História e Geografia	1989	Não	Pedagogia	15 anos
28	F	Pedagogia	2006	Não	Curso na Secretaria	6 anos
34	F	Sociologia	2001	Mestrado em Ciências Sociais	Não	8 anos

Fonte: Elaborado pela autora.

5.2 Categorização das respostas obtidas nas entrevistas com os professores

A seguir apresentam-se os dados mais significativos coletados nas entrevistas com os professores, descrevendo-os em categorias e relacionando-os com as situações que demonstram a percepção dos professores com relação à temática dos conflitos, considerando a frequência que os dados aparecem nas falas.

Iniciamos a apresentação dos dados com uma tabela geral dos temas investigados a as respectivas categorias encontradas, com a freqüência e a porcentagem em que compareceu e que apontam as principais concepções dos professores. Segue a exposição dos dados, por quadros separados por núcleos temáticos e a discussão sobre eles, a fim de compreender sua abrangência.

A freqüência utilizada para organizar os quadros foi obtida a partir do número total de participantes da pesquisa em relação às falas que aparecem em cada categoria. Entretanto, para a organização do texto, as proporções entre a frequência apresentada nos quadros e os fragmentos de falas que os descrevem, não apresentam relação de proporção e sim de exemplificação do contexto das concepções, a fim de auxiliar o leitor.

Na tabela geral, os resultados demonstram que a percepção do professor em relação a ocorrência dos conflitos está relacionada com os valores da família, como falta de estrutura familiar e falta de orientação da família (39%), seguido pela concepção de diferenças de opiniões entre as crianças devido sua faixa etária (36%).

A prática do professor e suas dificuldades para atuação nos conflitos, esta pautada em ações desarticuladas entre o desenvolvimento moral e a aquisição do conhecimento, valorizando a resolução dos conflitos em momentos pontuais ocorrendo na maioria das vezes, com um pedido de desculpas e um abraço no amigo (49%). Há professores que atuam como mediadores, estimulando o diálogo, com rodas de conversa com as crianças (23%).

A experiência profissional foi reconhecida como principal fenômeno de preparo do professor para sua atuação nos conflitos (59%), seguido dos professores que conferem aos seus estudos e ao crescimento pessoal a formação para o trabalho (23%).

Com relação ao papel da família nos conflitos, a percepção dos professores esta relacionada com a falta de envolvimento da família com a escola e com os problemas da criança (62%), seguido de que acreditam que a família vem sendo parceira da escola no trabalho de orientação e auxílio da criança (36%).

O papel da escola na percepção do professor é de buscar proporcionar reflexões e discussão entre os professores, com a elaboração de projetos voltado para disciplina (41%),

seguido da concepção que é papel do professor atuar com as crianças nos conflitos, chamando pais, responsáveis e outros profissionais da escola quando necessário (31%).

O professor (56%) relaciona os objetivos do ensino fundamental com a alfabetização, o letramento, assim como, com o desenvolvimento integral da criança (56%), seguido por professores que valorizam mais a aquisição do conhecimento cognitivo com o cumprimento dos objetivos propostos para cada serie (36%), e professores que valorizam mais as relações de afeto, convívio social e preparo para vida em sociedade (8%).

Tabela 1 – Categorias extraídas das entrevistas com os professores por núcleo temático

Temas e categorias	***F***	**%**
Percepção dos professores com relação aos conflitos e suas causas		
1. Valores e orientação da família, problemas na família, falta de estrutura familiar, filhos únicos, falta de limite, diferenças sociais e culturais.	15	39
2. Diferenças de opinião entre as crianças envolvendo o material escolar, brinquedos, características físicas, egocentrismo, competição, liderança, imaturidade, intolerância e a faixa etária.	14	36
3. A vida moderna, sociedade tensa, falta modelos sociais, de valores, as crianças hoje assistem filmes e programas que não são apropriados para elas.	6	15
4. Os conflitos ocorrem e são positivos para o desenvolvimento da criança, fazem parte do convívio social, ocorrem mais no lanche.	4	10
Quanto a prática do professor e suas dificuldades quando os conflitos ocorrem		
1. Escuta os dois lados, busca fazer com que a criança sinta o que a outra esta passando, solicita que peçam desculpas, dizendo como devem proceder, tem que falar muitas vezes a mesma coisa, sente resistência da criança e da família para conversar e tem dificuldade em atingir o conteúdo e dar atenção aos conflitos.	19	49
2. Estimula que as crianças conversem e tentem resolver entre elas os conflitos, busca realizar rodas de conversa, utilizando leituras e projetos dentro das questões que aparecem nas relações, atua como mediador, em um processo contínuo.	9	23
3. Quando o conflito é mais grave ou sem solução em sala de aula, encaminha a criança para a direção e convoca os pais, sente a falta de parceria da família e falta de embasamento teórico para lidar com as situações de conflito.	8	20
4. Realiza um planejamento para não ter que parar a aula toda hora, buscando dessa forma, atuar na prevenção dos conflitos.	3	8
Quanto ao preparo do professor para atuar nos conflitos		
1. Experiência profissional, prática de sala de aula, cotidiano da escola, com os exemplos dos outros professores, seguindo as normas da escola e contando com o auxílio da coordenação.	23	59
2. A importância de ambas as situações; a formação profissional e a experiência do trabalho.	9	23
3. A importância da graduação, com as pesquisas e as leituras pessoais, material de apoio, reflexões nos grupos de estudo na escola, amadurecimento pessoal, formação familiar e convivência com as outras pessoas, vontade de aprender e crescer.	7	18
Percepção do professor com relação ao papel da família na resolução de conflitos		
1. Falta de envolvimento da família na escola, só tem contato nas reuniões, está distante, quem acaba educando é a escola, a criança não se identifica mais com a família, não planejou ter filhos, eles são criados por outras pessoas, são rejeitados, agredidos e abandonados, o social está prejudicando a criança.	23	62
2. A família é parceira da escola na formação da criança, tem papel de orientar, auxiliar, de ser exemplo e estar em envolvida nos projetos da escola, como na leitura.	14	36
3. A família não deve interferir nos conflitos da escola.	1	2
Percepção do professor com relação ao papel da escola na resolução de conflitos		
1. A escola tem projetos voltados para a disciplina, busca fazer reflexão entre os professores no horário de estudo e organiza palestras.	16	41
2. O professor deve auxiliar a criança a realizar reflexão das situações e conversar com os pais durante as reuniões de pais ou individualmente, buscando realizar a mediação.	12	31
3. A coordenação e direção devem trabalhar com a orientação da criança e chamar os pais para tentar resolver.	11	28
Sentido atribuído pelo professor aos objetivos do ensino fundamental		
1. Ambos os aspectos são considerado e valorizado: alfabetização e desenvolvimento integral	22	56
2. Valorização apenas dos conteúdos, do conhecimento, os objetivos da série, o letramento e a alfabetização	14	36
3. Valorização apenas das relações de respeito, afeto, diálogo, formação pessoal, convívio social e preparo para a vida em sociedade	3	8

Fonte: Elaborada pela autora.

Isto posto, procuraremos realizar uma descrição mais detalhada das categorias descritas, conforme cada tema investigado para que possamos discutir as principais concepções dos educadores acerca dos conflitos interpessoais entre as crianças no ambiente escolar.

Deteremo-nos, a seguir, a apresentar um quadro contendo as concepções do professor em relação à ocorrência dos conflitos entre as crianças no ambiente escolar e as causas que os produzem.

Quadro 2 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores quanto à percepção dos conflitos e das causas que os produzem

Tema	Categorias	Ocorrência
Percepção dos professores com relação aos conflitos e suas causas.	1.Orientação da família, problemas na família, valores da família, falta de estrutura familiar, filhos únicos, falta de limite dos pais com os filhos, diferenças sociais e culturais.	15 (39%)
	2.Diferenças de opinião entre as crianças, envolvendo o material escolar, brinquedos, características físicas, egocentrismo, competição, liderança, imaturidade, intolerância e faixa etária.	14 (36%)
	3.A vida moderna sociedade tensa, faltam bons modelos sociais, ausência de valores; as crianças hoje assistem a filmes e a programas que não são apropriados para elas.	6 (15%)
	4.Os conflitos ocorrem e são positivos para o desenvolvimento da criança, fazem parte do convívio social.	4 (10%)

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os participantes, 39% relataram que os conflitos ocorrem entre as crianças no ambiente escolar e atribuem essas situações aos valores que são trazidos de casa e à falta de orientação da família. Segundo eles, são esses que vem interferindo no comportamento da criança na escola. Dentre as situações relatadas, destacam-se a falta de estrutura familiar; a questão das famílias com filhos únicos; a falta de limite recebido pelos pais em casa e as diferenças sociais e culturais.

> *"Parte da família, se eles não conseguem dar limites para os seus filhos, a escola não vai conseguir. Eles acabam vivenciando coisas, que vão colocar em prática na sociedade em que convivem". (P2)*

> *"Por falta da família dar essa base para a criança, porque não pensa no amanhã, que ela vai se deparar com outras crianças na escola". (P15)*

A concepção do professor em relação aos conflitos está associada à crise na família contemporânea; com o trabalho da mulher fora de casa e como vêm se organizando as

famílias na atualidade. Compreende-se que a falta de papéis definidos nos lares vem influenciando o desequilíbrio da função escolar e suas ações. Nesse sentido, Donatelli (2004), aponta que a família se encontra em crise desde que a mulher assumiu a vida pública e alterou o papel social das famílias, enfraquecendo a autoridade dos pais, que se tornaram incapazes de ensinar aos seus filhos como devem se comportar em sociedade, mantendo um excesso de afetividade a fim de suprir sua ausência.

Outros autores corroboram com concepções semelhantes e apontam para a dificuldade dos pais em educarem seus filhos. Costa (2004) refere que a família passou a ser considerada incapaz de proteger a própria vida da criança, visto o alto índice de mortalidade infantil. Há pesquisas, como a de Polônia e Dessen (2005) que afirmam que o sucesso escolar está relacionado com o acompanhamento da criança pela família, o que contribui para a permanência dessa concepção entre os educadores.

Ao contrário, há pesquisas que apontam para as concepções dos pais com relação à educação dos seus filhos e demonstram que as famílias se responsabilizam e compartilham o acompanhamento da vida escolar dos filhos. O estudo realizado por Fevorini (2009) aponta que a função de educar não tem sido delegada para escola e que, com relação à formação dos valores morais da criança, embora exista a crença de que a família esteja em crise, essa é uma concepção do professor e não da família.

O educador tem assumido um discurso simplista e reducionista frente a essa complexa problemática na educação, segundo Patto (1997) e Szymanski (2003). Frequentemente os educadores responsabilizam as famílias pelo fracasso escolar, assim como as dificuldades no controle do comportamento das crianças, especialmente em escolas públicas, geralmente, os pais desses alunos apresentam baixa renda e, portanto, identificam as famílias como "desestruturadas", considerando as crianças como causadoras potenciais na ocorrência de problemas na escola.

Dessa forma, compreende-se que, para o desenvolvimento pleno da criança, é necessário a existência e a permanência de estratégias que busquem a parceria da família com a escola, estimulando-se as políticas públicas para atender às particularidades de cada escola, com autonomia suficiente, para a construção de planos coletivos, orientados pelos educadores e pela comunidade escolar a fim de se obter sucesso na aprendizagem da criança. Araújo (2001) apontam, como estratégia para esse fim, a valorização dos espaços de reuniões com os pais, em que haverá a interação e o fortalecimento dessa parceria.

O que se observa, com os dados, é uma forte tendência entre os educadores em atribuir à organização familiar os problemas das crianças na escola, especialmente a "falta

de educação", deixando essa responsabilidade somente a cargo do professor, que se sente sobrecarregado, compreendendo isso como uma nova função que precisa fazer além do seu trabalho, gerando insatisfação e angústia com relação ao seu papel.

> *"A criança vem sobrecarregada de casa. Eles acabam se agredindo um ao outro, falando do outro, empurrando. Eles mesmos se dão bem, não têm muito, assim, é mais quando acontece alguma coisa em casa, chegam na escola e extravasam". (P17)*

> *"A falta de uma estrutura familiar hoje, da mãe, que é o alvo principal de tudo isso, de estar mais presente, para focar nesses princípios básicos o, por favor, com licença então a gente vê que as mães não têm mais tempo, a família perdeu esse bom senso dos princípios básicos de uma boa educação". (P20)*

> *"A individualidade das crianças em casa. Eu acho que os pais não têm tanto tempo e acabam fazendo tudo o que eles querem. Eles não têm limites. Aí, vêm para a escola, um lugar que tem que se socializar e acabam tendo problemas de desrespeito com o outro, com o limite do outro". (P23)*

É necessário, então, criar espaços de discussão entre os educadores, para que se possa discutir essa temática, comum a todos na escola, compartilhar as vivências e refletir acerca do papel da escola no desenvolvimento da criança. É preciso que se amplie a compreensão dos profissionais da educação com relação à função da escola, uma vez que está contida nessa tarefa, o desenvolvimento integral do seu educando.

A tarefa de educar moralmente é de toda a comunidade. Essa responsabilidade deve ser compartilhada por pais, educadores e demais funcionários, que, uma vez conscientes de sua função e de a escola ser espaço privilegiado de interações entre as crianças, busquem o diálogo e a qualidade dessas relações.

> *"Acho que falta orientação em casa, pela correria do dia a dia, os pais não conseguem dar uma atenção maior, orientar o que é certo e errado". (P25)*

> *"Vem dos valores que são trazidos de casa. A família contribui muito nessa formação da criança com relação ao respeito e à ética". (P28)*

> *"Está faltando muito a parte da família. Ficou tudo para a escola, desde saúde até de escovar os dentes. A família deixou muito. Acham que a escola é responsável por tudo. A palavra educação tem dois sentidos, tem a educação do educar a criança e a*

> *educação que a escola oferece, que é alfabetizar. Então, para a família, a educação é toda da escola". (P32)*

> *"Sempre tem alguma coisa familiar. Eles veem esses conflitos dentro de casa e reagem do mesmo jeito aqui na escola. Eu acho que é o ambiente em que eles vivem. Então a gente tem que ir contornando isso, conversando para poder ir trabalhando". (P34)*

Outros aspectos, ressaltados com ênfase entre os participantes (36%) foram a intolerância, a competição e a busca da liderança, que ocorrem entre as crianças, determinando as situações de conflitos. Na concepção do professor, a intolerância está relacionada com a faixa etária das crianças no início do ensino fundamental, prevalecendo, ainda, relações egocêntricas, concebidas por situações de imaturidade em que há falta de habilidade da criança em dividir com o outro, ocorrendo divergências de opinião, especialmente envolvendo objetos do material escolar e os brinquedos.

Nas situações de interação social, aparecem sentimentos, crenças, juízos e valores que são construídos em um processo dinâmico no encontro com o outro e que requerem a mediação de um adulto quando as crianças são pequenas. A diversidade aparece de muitas maneiras, na convivência entre as crianças e dessas com a sociedade e, por isso, a função do educador deve ser orientada para os valores e princípios de como deve se agir perante o outro, estimulando esse movimento de solidariedade, em que a descentração, possibilita o olhar para o coletivo.

> *"Quando não concordamos com a opinião do outro. Essa questão de trabalhar o respeito entre eles, isso tem que ser desenvolvido". (P1)*

> *"Eles são muito intolerantes. Acho que a tolerância não está sendo trabalhada, às vezes, um esbarra e o outro já quer descontar, não procura um adulto para tentar resolver". (P3)*

> *"A questão da imaturidade, de não querer dividir. A gente faz um trabalho de socialização para tentar resolver isso". (P4)*

Na faixa etária estudada, entre seis e oito anos, as crianças apresentam comportamentos próprios da heteronomia. Considerando os estágios descritos por Piaget, o desenvolvimento humano ocorre pela maturação, pela experiência, pela interação social e a equilibração, estando em constante adaptação, ocorrendo, ao mesmo tempo, o desenvolvimento intelectual com as operações reversíveis e o aspecto afetivo com as

relações de reciprocidade. No início do ensino fundamental, as crianças se encontram na heteronomia e compreendem a relação com o adulto como desigual, prevalecendo a obediência e a submissão às regras impostas.

Conforme vai crescendo, e sendo favorecida por situações de desequilíbrio, a fim de que novas adaptações ocorram, vai aprendendo, por meio da experiência, que cada situação ocorre de uma maneira e assim deve ser avaliada, considerando as várias perspectivas, deixando de realizar o cumprimento da regra apenas por obediência à figura de autoridade quando não julgar que é justa. As regras passam a existir para que as relações entre as pessoas sejam possíveis e boas, iniciando a tendência a autonomia.

> *"Eles têm uma dificuldade muito grande de lidar um com o outro, de respeitar o espaço do outro e isso acaba gerando conflito". (P21)*

> *"É da imaturidade, cada um tem uma opinião e eles não conseguem respeitar a do outro. Aí começa a confusão, começa o conflito". (P26)*

> *"Entre os pequenos também há competição. Eles são espertos, competem muito". (P27)*

Os participantes acreditam que os conflitos entre as crianças nessa fase, são poucos e muitas vezes são de fácil resolução, sendo mais comum ocorrerem fora da sala de aula, enquanto não estão com o professor, durante o lanche, na biblioteca ou nas aulas de educação física. Isso nos possibilita inferir que nas relações, quando estão pautadas na coação e na obediência à figura de autoridade, não há trabalho na busca da autonomia. Nos momentos em que a figura de autoridade não esta presente, a resolução dos conflitos por meio do diálogo e da cooperação não aparece.

Para compreender a naturalização dos conflitos que o educador relata, pode-se constatar que, considerando a faixa etária do grupo estudado, com pouca condição ou pouca maturidade para a discussão, existe falta de estrutura cognitiva que permita a reciprocidade. La Taille (2006), em pesquisa realizada com crianças de seis a nove anos, constatou que, na maioria das vezes, as crianças de seis anos não atribuem sentimentos positivos a quem falta com a generosidade nas relações. Para a construção dos valores morais, os educadores devem estar preparados para realizar discussões acerca da temática da justiça, da coragem, da generosidade e da gratidão com as crianças.

Nesse contexto, Vinha e Mantovani de Assis (2007) afirmam que os valores e princípios que norteiam a ação humana dizem respeito a como se deve agir perante os outros. La Taille (2009) afirma também, que age moralmente quem, ao respeitar o outro, respeita a si próprio. Acrescenta que saber o que deve ser feito de modo racional não é suficiente para agir moralmente. É preciso querer fazer. Os modelos vivenciados pelas crianças, com relação às atitudes dos adultos, podem contribuir com a formação de uma sociedade mais justa, em que o agir de forma ética deveria ter predomínio em relação às vaidades, com a valorização e prática da virtude moral da generosidade.

Tognetta (2007) estudou a virtude da solidariedade em crianças pequenas, de seis e sete anos. Constatou que a cooperação e as relações de confiança no ambiente escolar podem interferir favoravelmente e para tanto o professor deve ter conhecimento sobre o desenvolvimento sociomoral humano, a fim de auxiliar as crianças na reflexão das relações pessoais desenvolvendo a generosidade ao invés de ser submetida ao autoritarismo.

> *"Isso é da idade deles, do egocentrismo. Eles não entendem ainda a partilha, o dividir. No processo de aprendizagem, faz parte eles entrarem nesses conflitos para que eles possam aprender o que é certo e errado, o que eles podem fazer e o que não podem". (P30)*

> *"É que ela é egocêntrica. Vejo também que não tem uma educação que vem de casa, falta diálogo, em que a família explique; há pouca convivência com os pais. Está um pouco perdida a questão dos valores, estando a cargo da escola, das entidades". (P37)*

> *"É falta de se colocar no lugar do outro, de não ter essa sensibilidade. Tem a questão do egoísmo, de se importar mais com ele mesmo". (P38)*

São inúmeros os motivos e as situações que envolvem os conflitos no ambiente escolar, sendo quase impossível estabelecer uma relação direta, porém todos são fruto da diversidade de opiniões e das novas aproximações que as crianças fazem das situações. A qualidade das relações que se estabelecem no ambiente escolar, segundo La Taille (2009), deve ter como ponto de partida os valores morais, sendo importante auxiliar as crianças a pensarem durante as situações de conflito, nos diferentes pontos de vista e em como deve ser sua ação, considerando os valores morais.

> *"Ocorrem por causas de materiais, de brinquedos que eles trazem. Você fala que é para o recreio, mas um ou outro acaba pegando fora de hora e aí o outro quer também. A gente pede para guardar e resolve". (P24)*

> *"Existe a questão de liderança, da apropriação do material indevidamente e tudo eles resolvem com briga, com brincadeiras agressivas". (P33)*

Uma questão evidenciada foi a relação que o professor faz entre a idade da criança e os tipos de conflitos, atribuindo às crianças menores os conflitos mais fácies de serem resolvidos e às crianças maiores, os conflitos mais complexos. Estudando as crianças da pré-escola que tendem a ser submissas às regras impostas, Licciardi (2010) reconhece que os educadores realizam ações de contenção, imposição, censura e ameaças com as crianças. Nessa etapa, segundo Piaget, a criança é egocêntrica e tem uma noção de justiça retributiva, em que julga severamente os erros dos colegas e cabe ao professor mediar e auxiliar a criança a olhar para além de sua percepção.

As crianças em torno de 8 a 11 anos julgam por igualdade absoluta e há necessidade de direitos e deveres iguais. Apenas por volta dos 12 anos é que a criança evolui para uma noção de justiça que venha considerar o contexto em que o conflito ocorreu, havendo um amadurecimento na estrutura cognitiva, tornando possível a negociação nos conflitos de forma justa, considerando as diferentes perspectivas.

> *"Nas séries iniciais, eu vejo que são menos os conflitos. São mais por causa de material escolar. É um pouco de ciúmes". (P13)*

> *"Vai depender de cada ano, de cada série, da idade das crianças. A questão de emprestar objetos, sempre acaba dando em briga, não sei se é a fase deles, do egocentrismo. Já com os maiores tem a questão da fofoca, de um cuidar da vida do outro". (P16)*

Entre os participantes, 15% relacionam a ocorrência dos conflitos com a vida moderna, com a tensão da sociedade e com a falta de modelos sociais para construção dos valores. Consideram que os meios de comunicação e o modelo capitalista, os quais vêm regulando os valores em nossa sociedade estão cada vez mais próximos do individualismo e das ações competitivas, influenciando a construção social da criança, que tem como modelo, a sua comunidade.

O educador deve buscar mediar as situações entre as crianças, nos momentos de desacordos, a fim de obter uma solução que seja refletida e venha deixar todos os envolvidos satisfeitos. É necessário fazê-lo por meio do diálogo, a fim de que haja o entendimento da perspectiva de cada um e assim se possa gerar, no grupo, alguma reflexão capaz de contribuir para a construção do respeito mútuo.

> *"A falta de tolerância, uma inversão dos valores, não sei se é devido à mídia, desse excesso de TV, de informações. Quando um agride o outro, a pessoa sente prazer em agredir e ver o outro passar por algum constrangimento".(P6)*

> *"Eu acho que a vida esta muito tensa. A família tem as suas problemáticas cada vez maiores: o pai trabalha fora, a mãe também, chegam cansados, não têm tempo para as crianças, os programas que os adultos veem para descansar acabam sendo filmes que não são próprios para a idade das crianças. É nessa vida moderna, corrida, tão cheia de estresse que as crianças estão inseridas e os adultos nem percebem". (P9)*

> *"A questão social, do relacionamento, eles estão no processo de aprendizado, de convívio fora do ambiente a que estão acostumados. Eu posso não posso ter o mesmo comportamento que eu tenho em casa. Então, às vezes, saber lidar com esse outro é algo difícil". (P35)*

Outro aspecto ressaltado são os modelos sociais vivenciados pela criança. A forma como os adultos vêm resolvendo seus problemas, sendo competitivos e considerando mais o seu ponto de vista, em detrimento de outro, com pouca tolerância na resolução dos seus problemas cotidianos e pouca generosidade com o outro, diz muito sobre os valores que a criança vai ter como referência para a organização da vida em sociedade.

> *"Não sei se é competição, de querer ser melhor que os outros ou querer ver o outro para baixo". (P12)*

> *"É imaturidade mesmo. Os adultos não aprenderam a resolver esses conflitos. Olha os modelos, os exemplos. As crianças estão precisando de modelos, precisando de amor". (P18)*

Os conflitos também foram reconhecidos pelos participantes (10%) como positivos e necessários para o desenvolvimento da criança, tanto no processo de aprendizagem, como nas relações sociais. São positivos para o desenvolvimento da criança, visto que estão fazendo parte do processo de construção do convívio social. Nesse sentido, Piaget considerou que as fontes da autonomia seriam as relações de cooperação, de respeito mútuo e a reciprocidade, nas quais a criança tem a possibilidade de construir gradualmente sua autonomia moral na interação com o meio.

Segundo Vinha (2003), os conflitos interpessoais são situações favoráveis e necessárias ao processo de aprendizagem. Quando o professor compreende esses momentos como positivos para que seus alunos, permite que eles possam tentar resolver

seus problemas por si sós, proporcionando-lhes a coordenação dos vários pontos de vista a fim de que se chegue a alguma solução. Se houver dificuldade para realizar esse processo, é bom que tenha, no professor, uma figura que poderá auxiliá-los a encontrar uma solução mais aceitável para eles.

Um aspecto interessante dessa maneira de atuar do professor é que este, ao deixar que os conflitos façam parte do cotidiano das crianças ao invés de tentar impedi-los, permite que as crianças tomem as decisões que julguem necessárias frente à problemática vivenciada, por meio de negociações feitas por elas. Isso possibilita, também, que elas se responsabilizem pelas consequências dos próprios atos, acreditando que são capazes de encontrar boas soluções para suas dificuldades.

> *"A gente tem uma idéia bem restrita dessa palavra conflito; brigas são conflitos de diversidades de opiniões. O que eu vejo é isto, a diversidade de opiniões". (P20)*

> *Eu acho que os conflitos são positivos. Muitas vezes o atrito vai ajudar a criança, não só as duas crianças, mas o grupo, muitas vezes o conflito vem para que a criança descubra o erro e repense, reflita com o conflito. (P27)*

> *"É totalmente natural e positivo quando, dentro do sistema de aprendizagem, ocorram os conflitos. Por exemplo, em nível de cognição, o conflito é importante, ele faz parte do desenvolvimento da criança". (P31)*

> *"São conflitos de relacionamento e isso é natural do ser humano, é natural das crianças". (P39)*

Há também professores que ressaltam que a escola pode auxiliar na construção de um ambiente cooperativo, promovendo atividades coletivas e auxiliando as crianças na construção do respeito de umas pelas outras. Para as autoras, Devries e Zan (1998), um ambiente sóciomoral construtivista é fruto de uma relação horizontal entre o professor e aluno, em que o respeito mútuo e as relações de cooperação estão inseridos na prática do professor, o que se distingue do ambiente tradicional das escolas, em que o professor, busca deter o controle sobre os alunos e impede que os momentos de discussão ocorram, centrando para si, a forma de resolução nas situações de conflito.

Para Araujo (1996) o professor deve diminuir ao máximo seu poder de tomada de decisão frente aos conflitos entre as crianças e modificar sua postura de detentor do conhecimento. De acordo com os relatos de alguns professores, os conflitos são naturais e

positivos visto que possibilitam, frente aos momentos de desequilíbrio, que a criança possa ter autonomia para resolver e assim avançar na construção social, ganhando habilidade para reorientar a realidade das situações que os cerca.

> *"É uma fase do desenvolvimento deles. A gente vai ensinando e, com o tempo, eles vão melhorando". (P19)*

> *"É natural, numa festinha ou em qualquer outro campo que tenham várias crianças juntas, vai ter algum tipo de conflito. Eu acho que é da natureza humana". (P22)*

> *"Vem de uma situação muito difícil familiar, mas olhando e vendo o amor que um tem pelo outro. Eu trabalho monitoria, tem aqueles com mais dificuldade e têm os que são mais avançados. Então um vai ajudando o outro". (P29)*

> *"A escola é o primeiro local em que eles saem do ambiente particular e vão para o público. Eles têm que ceder para poder ter o apoio do outro colega. Tenho que organizar um ambiente coletivo e isso implica muitas vezes eu ter que abrir mão de alguma coisa e isso vai melhorando". (P35)*

Passamos para o quadro a seguir que nos permite constatar a percepção dos professores em relação a sua prática para atuar nos conflitos quando esses ocorrem e as dificuldades encontradas realizar essa ação.

Quadro 3 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores quanto à prática e as suas dificuldades para atuar nos conflitos

Tema	Categorias	Ocorrência
Quanto à prática do professor e as suas dificuldades na ocorrência dos conflitos.	1. Escuta os dois lados, busca fazer com que a criança sinta o que a outra está passando, solicita que peçam desculpas, dizendo como devem proceder, tem que falar muitas vezes a mesma coisa, sente resistência da criança e da família para conversar e refere dificuldade em conciliar o conteúdo e dar atenção aos conflitos.	19 (49%)
	2.Estimula que as crianças conversem e tentem resolver entre elas os conflitos, busca realizar rodas de conversa, utilizando leituras e projetos dentro das questões que aparecem nas relações, atua como mediador, em um processo continuo.	9 (23%)
	3.Quando o conflito é mais grave ou sem solução em sala de aula, encaminha a criança para a direção e convoca os pais, sente a falta de parceria da família e falta de embasamento teórico para lidar com as situações de conflito.	8 (20%)
	4.Realiza um planejamento com as crianças para não ter que parar a aula toda hora, buscando dessa forma, atuar na prevenção dos conflitos.	3 (8%)

Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação a percepção dos professores sobre a própria atuação, apontam para uma prática pautada no diálogo e no trabalho com as regras de convivência, porém, 49% dos participantes apontam para uma atuação apenas com as crianças envolvidas, muitas vezes, conversando fora do contexto em que ocorreu o conflito, a fim de buscar uma solução definitiva, de forma corretiva, para os conflitos.

> *"A gente tenta conversar. Então, tem as regras, temos os nossos combinados desde o inicio do ano. Penso que seja conversar, estar fazendo com que uma sinta o que a outra criança está passando". (P1)*

> *"Procuro conversar, dialogar, chamar as crianças envolvidas para explicar como deveria ter procedido para estar resolvendo aquele problema e não agindo na violência". (P2)*

> *"É com diálogo geralmente. Eu faço acariação, coloco os dois de frente, questiono, pergunto se estão se colocando no lugar, se fosse*

> *com ele como agiria. Às vezes, até no canto da mesa, enquanto o resto está trabalhando. Quando a coisa é de uma dimensão maior, que já agrediu quatro, cinco, seis, eu me direciono para todos e sempre pergunto para as duas partes e termino assim com as desculpas". (P5)*

> *"Eu chamo para conversar. Cada um coloca o que aconteceu e a gente tentar orientar até as duas partes ficarem satisfeitas". (P7)*

A intervenção do professor, considerando a busca da autonomia, é bastante limitada, pois embora haja uma fala que concorre para uma relação pautada no diálogo, fica evidente que a relação é autoritária e centralizadora. Para educar em valores, o professor deve promover a reflexão individual e coletiva com seus alunos, que permita analisar criticamente as situações, aproveitando o espaço social da escola, em que o comportamento das crianças passa a ser regulado em função das regras coletivas, trabalhando as questões morais; condutas e hábitos mais coerentes com os princípios e as normas que estão sendo, de forma intencional ou não, vivenciados no ambiente escolar (SERRANO, 2002).

> *"Eu procuro ouvir os dois lados e entender o que aconteceu. Os dois vão falar e eu vou interferir de acordo com o bom senso, procuro sempre fazer com que eles possam pedir desculpas um para o outro. Então, assim, às vezes, a gente pensa que o problema é tão grande e eles resolvem com uma simples palavra". (P8)*

> *"Em geral conversando, eu chamo para fora da sala e cada um expõe o que aconteceu. Cada um fala o seu lado e, aí, às vezes, a gente entra em um acordo. Às vezes, não. Cada conflito é resolvido de uma forma diferente". (P12)*

> *"Eu chamo para conversar em particular, às vezes, coloco para fora da sala, peço para pedir desculpas e dar um abraço. Se é de uma ordem mais grave, a gente chama a direção para conversar com a criança". (P15)*

Nesse sentido, muitas vezes o professor decide qual a forma de resolução e solicita que as crianças envolvidas realizem da sua maneira, o que favorece a tendência à heteronomia, visto que não possibilita a reflexão das situações vivenciadas por eles, que muitas vezes obedecem à professora e resolvem de forma automática e simplista, com um pedido de desculpas e um abraço. Considerando as contribuições de Selman (1980), que buscou compreender a relação entre o juízo e ação, destaca-se a importância de se

conhecer o princípio que precede a ação. Quando o professor dita o que deve ser feito, a criança não precisa pensar para agir e, dessa forma, não alcança as estratégias de resolução.

De acordo com as pesquisas de Selman (1980), as estratégias de negociação interpessoal são meios empregados pelos pares para restabelecer o equilíbrio interno quando os conflitos ocorrem, considerando os aspectos estruturais do pensamento e os afetivos, na busca do desenvolvimento das capacidades psicossociais: tomada e coordenação de perspectivas, estratégias de negociação interpessoal e a consciência do significado pessoal.

Para o autor, os mecanismos de assimilação e acomodação, descritos por Piaget, explicam o avanço da criança de um nível para outro, em que a coordenação de perspectivas é o núcleo para o desenvolvimento. Em crianças pequenas, os níveis encontrados são 0 e 1 com pouca possibilidade ainda de coordenar o ato com a intenção, prevalecendo dessa forma o respeito unilateral, momento em que há necessidade de estimulo à reflexão. Nesse sentido, o fato de o professor decidir o que a criança deve dizer e fazer não possibilita avanços no seu desenvolvimento.

> *"Depende da situação. Eu chamo e falo o que é certo e eles vão pedir desculpas". (P10)*

> *"Eu peço para pedir desculpas, abraçar. Como eles são pequenos, é tranquilo. Na primeira reunião, eu já peço para que os pais possam marcar o nome no material de cada um. Cada um tem o seu e deixo bem claro que a professora não está aqui para cuidar do material, cada um vai cuidar do seu e tem que respeitar se o amigo não quiser emprestar. Eu procuro dar o exemplo e emprestar o meu material, tento estimular uma cooperação, que um ajude o outro". (P18)*

> *"A gente chama, conversa e, se for o caso, deixo eles entrarem em um consenso. Quando eu percebo que eles não vão entrar, eu intervenho chamando a atenção, às vezes, chamando do lado, conversando. Às vezes, simulo uma situação para ver como eles resolveriam". (P21)*

> *"No primeiro momento, a gente tem que conversar com os dois lados, chamar os dois lados e conversar, explicar que aquilo não pode ser assim". (P34)*

Esses dados sinalizam que é necessário rever a formação dos professores visto que não vêm possibilitando que as crianças expressem seus sentimentos e realizem o

desenvolvimento de habilidades nas interações sociais. No ensino fundamental, em que as crianças são pequenas, pouco se discutem os problemas e os conflitos que ocorrem em sala de aula e dessa forma, deixa-se de encontrar soluções coletivas que possam beneficiar a todos, ensinando valores.

> *"Eu sempre parto do princípio de que é não fazer o mesmo que o outro fez. Se o colega fez algo errado, passa para a professora que a professora vai resolver e não você resolver com suas próprias mãos. Outra coisa é trazer literatura que trabalhe as questões da moral e da ética". (P20)*

> *"Eu converso, por exemplo, quando um mexe com o outro, eu falo: Você gostaria que fizesse isso com você e já resolve ali no momento. Ninguém quer uma coisa ruim, na maioria, resolve assim". (P24)*

> *"Se for briga, eu peço para pedir desculpas, para dar um abraço no colega e falo que a gente vai conviver um ano inteiro, então tem que ser amigo. A criança precisa aprender a abraçar, aprender o limite do outro, o que ela não gostaria que fizesse com ela, ela não pode fazer com o outro". (P25)*

> *"Eu procuro fazer a criança entender, se colocar no lugar do outro, chamo a criança, tenho um dialogo com ela e faço com que ela perceba que, se fosse ela naquela situação, como ela se reagiria. Depois dessa reflexão, a gente coloca assim para ela pedir desculpas". (P37)*

Há professores (23%) que procuram estimular as crianças a conversarem a fim de tentarem resolver entre elas os conflitos, buscando realizar rodas de conversa, leituras e a produção de projetos coletivos. Quando as situações de conflito aparecem, atuam como mediadores, auxiliando as crianças a encontrarem uma forma de resolver seus problemas e sentem que esse é um processo que leva tempo, requer diálogo e o envolvimento de todos na mesma temática.

> *"Eu costumo levar eles a refletirem nas rodas de conversa ou trazer uma literatura que trabalhe a situação, histórias que mostrem a questão da diferença para eles aprenderem a respeitar". (P4)*

> *"Eu resolvo com diálogo, interfiro mediando as conversas por meio de reflexão, sempre fazendo a criança refletir o que está fazendo e que pense na situação do outro também". (P33)*

> *"Eu peço para a criança ir até a outra e conversar com o amigo e ai eu fico de olho. Eles tentam se entender. Deu certo deu, não deu, eles vão conversar de novo. Eles são livres assim, eles falam bastante, conversam, então tem bastante conflitos entre eles, porque na verdade penso que isso seja um objetivo positivo eles aprenderem a resolver os problemas. É papel da gente deixar que eles vivenciem. No primeiro momento, eles vão achar um caminho. Se não foi possível, aí eu tento ajudar de alguma maneira, vamos conversar, nunca só um parte porque tem sempre os dois lados e estamos num coletivo. É uma turma, eu faço parte dela, então não estou lá para impor alguma coisa, então estou no comum". (P35)*

Os recursos, como textos de apoio, dinâmicas, brincadeiras e a organização de projetos, foram apontados como possibilidades de trabalho para o professor, na lógica da necessidade de a criança realizar alguma reflexão sobre as situações ocorridas. Quando esses recursos atendem às necessidades demandadas pelas crianças em suas vivências, muito podem contribuir com a construção de valores morais. Ao contrário disso, a introdução de temas transversais que tratam dos valores em educação, sem a consonância com os problemas vivenciados, em nada poderá contribuir.

Nesse sentido, não é possível ter um único projeto na escola com a utilização de um mesmo material de apoio e programação de atividades. Certamente não fará sentido algum para a maioria das crianças e irá apenas cumprir a função de mais um conteúdo desarticulado da vivência e, por isso, pouco significativo.

> *"Eu procuro estabelecer o diálogo dentro da sala, refletir por que aconteceu, procuro mediar com leituras e projetos as questões de disciplina, trazendo esse conhecimento para as crianças, como sujeitos de reflexão, o que é muito importante". (P6)*

> *"De várias formas, individualmente, com uma reflexão individual. No coletivo, eu pego algum livro didático que trate do assunto e faço refletirem". (P38)*

Prática destacada pelos professores (20%) são os encaminhamentos para coordenação e direção a fim de que possam auxiliar na resolução dos conflitos. Nessa concepção, quando os conflitos são maiores e não se encontra uma solução em sala de aula, todos os membros da escola, em maior ou menor grau, se envolvem com os conflitos,

sobretudo a direção, que busca auxiliar a negociação a pedido do professor fora do espaço onde o conflito ocorreu com o objetivo de resolver de forma denifitiva e autoritária.

Entretanto, dentro da concepção construtivista, a gestão escolar pode desenvolver um trabalho na lógica da promoção de um ambiente seguro e agradável voltado para a convivência entre as crianças, atuando por meio de uma prática reflexiva dos direitos e deveres de todos com as crianças e seus educadores no seu cotidiano escolar, considerando os conflitos nas diferentes situações como parte das relações. Na questão dos conflitos interpessoais, estes não devem ser ignorados quando ocorrem ou resolvidos de forma autoritária, pois não possibilitam a reflexão dos problemas e nem a construção da autonomia (LEME, 2006).

Para a tomada de decisão, a direção e a coordenação escolar devem buscar a gestão dos conflitos por meio da troca de experiência, ouvindo alunos, educadores, pais e outros membros da escola, realizando debates e atividades voltadas para as discussões dos problemas vivenciados na escola, com a tomada de decisão coletiva, valorizando a boa convivência e possibilitando justiça nas regras utilizadas, sem privilegiar uns em detrimento de outros. Dessa forma, independente da realidade de cada escola, é possível enfrentar os conflitos de forma a contribuir com o desenvolvimento da criança e da construção da autonomia.

> *"Primeiro um diálogo aberto, discutir, ouvir todos e tentar esclarecer o que aconteceu. Se for um caso particular, eu costumo conversar com o aluno individualmente e, se for preciso, falo com a direção e chamamos a família. Também procuro uma história, um livrinho que tem aquele contexto para estar explorando com os alunos". (P13)*

> *"A gente chama individualmente, conversa, escuta os dois lados e, quando é uma coisa um pouco mais grave, a gente manda para a diretora, para ver se é necessário chamar os pais. Mas normalmente a gente resolve aqui dentro, conversa com as crianças, pede desculpas um para o outro e diz para não acontecer mais". (P17)*

Uma intervenção ressaltada pelo professor é a prática de participar à família o que esta ocorrendo com o filho, seja individualmente ou em reuniões. Essa prática é utilizada quando as intervenções em sala de aula não resolvem e a situação se mantém. A participação dos pais é fundamental para que haja reflexão dos problemas de forma

ampliada, o que não é a mesma coisa que buscar ajuda dos pais a fim de conter algum tipo de comportamento da criança como vem sendo relatado pelos professores.

> *"Eu converso e, quando não dá certo, eu encaminho para a direção. Aí alguém da direção conversa e, se persistir, convoca os pais para estar conversando". (P11)*

> *"Eu sempre converso na hora e já soluciono o problema. Agora, quando eu vejo que tem algo que sempre se repete, eu procuro trabalhar com uma história essa temática e, se for muito grave, aí tem que ter a intervenção dos pais". (P14)*

> *"Tem que chamar atenção e também não fico fazendo uma tempestade em copo de água. Senão a gente para a aula a todo o momento. Quando é mais grave, a gente fica mais rígida, chega mandar para a diretoria, tem que tomar uma atitude perante a sala, perante os pais". (P22)*

A participação dos pais na escola, quando o professor solicita, a fim de resolver alguma situação de conflito que tenha ocorrido envolvendo os filhos é descrita como uma dificuldade, visto eles não comparecem. Acreditam, pois, que o comportamento da criança se mantenha. Vasconcellos (2003) afirma que o descontentamento dos professores ocorre visto que "estes não dispõem de uma concepção", ou seja, de um método que seja eficiente, sendo necessário primeiramente tomar consciência da problemática em que os conflitos estão inseridos.

> *"A família que não participa da vida escolar do aluno. A gente percebe que as famílias estão mais afastadas. Os alunos que são mais problemáticos, os pais não comparecem às reuniões, eles não se preocupam com a tarefa e essas crianças acabam achando que podem fazer tudo o que querem". (P13)*

> *"Quando tem que conversar com os pais, eles nem sempre estão abertos à crítica, porque você está criticando na verdade a família, a educação deles, uma falha deles e isso é complicado. O mais difícil mesmo é chegar aos pais e tentar fazer com que eles compreendam que a gente precisa agir em conjunto". (P14)*

> *"Não depende da gente. Às vezes, a gente chama a família e aí você entende o porquê de aquilo acontecer. Então na hora que você escuta todo o histórico familiar, a gente começa a compreender um pouco melhor o que acontece com a criança, por que a criança age desse jeito". (P17)*

Outra prática ressaltada pelo professor (8%) foi a de buscar planejar as ações a fim de evitar que os conflitos ocorram. Dessa forma, o professor decide o que é correto ou não o aluno fazer, cabendo ao aluno não questionar, não pensar e atender com obediência e respeito às solicitações do professor. Dessa forma, as crianças estão tendo a oportunidade de aprender a serem submissas ao outro, deixando de considerar as suas necessidades e sentimentos, o que não possibilita a construção da autonomia.

Quando a criança tem medo da punição, pela imposição da regra pelo professor, que busca controlar seu comportamento visando à obediência, evitando não ter problemas de comportamento em sala de aula, ele deixa de educar para autonomia e reforça a heteronomia, favorecendo com que a criança apresente um comportamento modulado, condicionado, que pouco aprende a fazer crítica ou a questionar os fatos. Dessa forma a criança aprende a seguir as regras, mas não as relaciona com o seu conteúdo.

> *"Busco planejar, para não ter que estar toda a hora parando o conteúdo para apagar incêndios". (P3)*

> *"Eu procuro parar a aula e conversar sobre o que está acontecendo, tentar resolver entre eles mesmos. Os outros também estão vendo e acabam também compreendendo para evitar confusões futuras com relação ao mesmo problema". (P26)*

> *Chamo os dois e pergunto o que aconteceu. Aí num diálogo entre os dois, um falando e outro colocando, eu sempre converso para prevenir o aumento do conflito ou então a agressão. (P31)*

A idéia de que no conflito tem um lado que está certo e outro que está errado, possibilita às crianças a vivência das situações de forma unilateral, cada um aprendendo com isso a identificar um causador e, dessa forma, um culpado para a situação ocorrida. Diante dessa forma de trabalho, o professor atribui um castigo ou define uma forma de reparação. Parece ser mais fácil resolver assim e também mais rápido, mas certamente não é o mais justo e nem é o melhor para a criança aprender, visto que nos conflitos, fruto das divergências de opiniões, há perspectivas diferentes e perceber cada uma delas é o princípio da convivência.

Para que haja uma organização social, segundo La Taille (2006), é necessário que os limites sejam colocados a fim de esclarecer o que devemos ou não fazer, como não roubar, não matar, não agredir, porém não é possível haver regras para dar conta de toda a complexidade de situações que são vivenciadas nas relações entre as crianças. Assim,

quando os conflitos ocorrem, é necessário que haja uma reflexão capaz de mediar a construção dos valores e princípios que estão orientando suas atitudes e ações.

> *"Quando não tem o diálogo, são situações em que a criança não fala com a gente". (P28)*

Há professores que não identificam dificuldades para atuar e relatam que com as crianças menores, é mais fácil de resolver. Segundo Vinha (2000), os conflitos são necessários ao desenvolvimento e não devem ser encarados como problemas a serem resolvidos do ponto de vista administrativo, visto que, quando são encarados dessa forma, perde-se a oportunidade do desenvolvimento da autonomia por meio do trabalho com as regras e os valores necessários à convivência. A construção de estratégias para se trabalhar com os conflitos deve objetivar a cooperação, considerando que esse é um processo lento e que depende das experiências diárias, o que impossibilita pensar que os conflitos possam ser evitados ou controlados.

> *"Eu não senti nenhuma dificuldade. Com os pequenos, a gente consegue sempre resolver e não tem conflitos". (P7)*

> *"Acho que não existem tantas dificuldades. A professora tem que ser a mediadora, conversando e tentando resolver os conflitos". (P27)*

Uma preocupação evidenciada é com o fato de a resolução de conflitos entre as crianças levar um tempo maior e, com isso, prejudicar o conteúdo a ser desenvolvido em sala de aula. Nesse sentido, há necessidade de o professor compreender que esse movimento é fundamental tanto para construção do conhecimento como na construção de valores, visto ser processual, dinâmico e contínuo por toda a vida. Quando as crianças, durante as situações de aprendizagem, podem questionar, argumentar e colocar o seu ponto de vista, estando à vontade para expor suas idéias, podem construir estratégias mais justas para soluções dos problemas em seu cotidiano.

> "*Atingir o conteúdo e lidar com esses conflitos, equilibrar de forma que consiga resolver os dois lados, ensinar e não deixar de dar atenção". (P9)*

> *"É tentar fazer com que eles entendam o que está acontecendo. Às vezes, a gente toma atitudes e eles não entendem o motivo. Eles são pequenos". (P32)*

O quadro a seguir apresenta as principais concepções em relação ao preparo do professor para atuar nos conflitos interpessoais.

Quadro 4 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores quanto ao preparo para atuar nos conflitos

Tema	Categorias	Ocorrência
Quanto ao preparo do professor para atuar nos conflitos.	1.Experiência profissional, prática de sala de aula, cotidiano da escola, com os exemplos dos outros professores, seguindo as normas da escola e contando com o auxílio da coordenação.	23 (59%)
	2.A importância de ambas as situações; a formação profissional e a experiência do trabalho.	9 (23%)
	3.A graduação, com as pesquisas e as leituras pessoais, material de apoio, reflexões nos grupos de estudo da escola, amadurecimento pessoal, formação familiar e convivência com as outras pessoas, vontade de aprender e crescer.	7 (18%)

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação às concepções dos participantes sobre o preparo para atuar com os conflitos, é predominante a concepção entre os professores (59%), de que a experiência profissional em sala de aula com crianças do ensino fundamental e a convivência com a rotina da escola é o que possibilita a atuação nos conflitos. Também é ressaltado pelos participantes o aprendizado com os exemplos dos outros professores; as normas de cada escola e o auxilio da coordenação e da direção a fim de encontrar estratégias para trabalhar nas situações de conflito.

> *"Com a prática, você vai convivendo com situações e vai buscando um meio de sanar". (P4)*

> *"No trabalho. Eu via os outros professores, não expondo os problemas perante os outros, mas resolvendo com a criança fora da sala". (P12)*

> *"Vendo os outros professores mais experientes, a direção também explica como deve ser feito". (P15)*

Outra concepção ressaltada pelos participantes é de que a prática se sobrepõe ao que é aprendido teoricamente na faculdade. Para atuar com os conflitos, os participantes reforçam a necessidade das situações práticas, de vivência e troca de experiência, o que aponta para o desconhecimento de um referencial teórico que possa estar sustentando a atuação do professor.

As mudanças com a democratização política do país geraram, segundo Aquino, (1996), um novo aluno e também um novo professor: "um novo sujeito histórico", que vem respondendo de modo diferente à convivência. Os novos valores e modos de agir em sociedade colocam para a escola uma mudança social concreta e que, de fato, é na prática, como os educadores relatam, que existe a possibilidade de olhar para a realidade em que se está e buscar estratégias. Entretanto, com o conhecimento acerca da origem do problema o professor poderá atuar.

Nesse sentido, conhecer as bases teóricas que estão auxiliando na tomada de decisão do professor é fundamental, pois, assim como as crianças, o professor está vivenciando os valores da sociedade e não é intocável a eles. Pelo contrário, vivencia a superficialidade das relações, que não difere dos aspectos que envolvem a formação de pedagogos, em que, segundo La Taille (2009), muito se tem aprendido a ensinar matemática, mas pouco sobre a matemática. Trata-se de lacunas de conhecimento que devem ser superadas.

> *"Na faculdade a gente aprende a teoria, mas é na prática mesmo, no dia a dia, observando o que um professor fez e deu certo". (P16)*

> *"Na prática é diferente da teoria. Cada ano é um novo ano, o ano passado era uma sala muito agitada, mas também muito boa; esse ano a coisa já é mais tranqüila e dá para observar as crianças com o seu jeitinho. Eu acho que é a prática mesmo que ensina a lidar com isso". (P23)*

Há professores (23%) que atribuem à sua prática de trabalho com os conflitos o aprendizado com a formação profissional, com a faculdade e os estudos relacionados com a sua área de trabalho, equilibrando isso com a importância da vivência da prática escolar, no cotidiano de sala de aula com as crianças. Dessa forma, os educadores compreendem que não basta a prática, a observação do comportamento, é preciso compreender o funcionamento do desenvolvimento e, sobretudo, auxiliar as crianças a construir valores considerando as mudanças sociais.

> *"A gente vai tendo um amadurecimento pessoal e profissional. Começa a perceber, com os estudos o que a gente vem fazendo, o que possibilita refletir sobre como agir com as crianças, a nossa própria conduta, para depois fazer acertos dentro da sala de aula". (P6)*

> *"Leituras que eu fiz e também na prática, porque faz vinte anos que eu dou aula como professora. Então a gente está ouvindo um pouquinho, lendo, vendo entrevista na televisão. Nos próprios encontros que a gente tem aqui, esse assunto é discutido também. Então a gente vai assimilando e aos poucos levando para a sala de aula". (P13)*

Houve participantes (18%) que destacaram a importância da graduação em pedagogia, para aprender a lidar com os conflitos, porém apontaram para as dificuldades nos cursos de graduação em relacionar à teoria com a prática. Compreendem que estas não vêm possibilitando conhecer, de forma ampla, a prática atual nas escolas. Há professores que valorizam também a continuidade dos estudos para a resolução dos conflitos entre as crianças.

> *"Na faculdade, tem que ter uma coisa interligada entre a teoria e a pratica. Quando eu fui para a faculdade de pedagogia, eu não trabalhava na área da educação, então ficava uma coisa vaga. Os professores não gostam muito de estagiário dentro da sala e acaba colocando ele lá no fundo. Aí o estagiário fica lá, como observador, e não aprende nada, não consegue adquirir experiência". (P22)*

> *"Muitas capacitações de formação continuada. No curso de pedagogia, você vai saber tudo e depois vai colocar a sua teoria em prática, muitas vezes. Depois, você vai ver que não vai dar certo, ai tem que recomeçar. Eu gosto muito de ler, eu sou filósofa. Eu acho que é isso". (P29)*

A formação pessoal do professor, os valores familiares, a convivência em família e as contribuições que foram sendo adquiridas ao longo da vida em suas relações também são apontadas como situações importantes para o preparo para atuar nos conflitos. Na fala desses professores, é possível evidenciar que em sua vivência fora do ambiente escolar, os problemas são tratados com o diálogo, de forma processual, ganhando habilidade necessária para refletir sobre as circunstâncias dos problemas.

> *"Pela minha formação familiar. Meu pai e a minha mãe, desde pequena, quando tinha algum conflito, falavam, conversavam sobre todas as decisões que eles tinham que tomar". (P9)*

> *"Eu acredito que com os meus pais. Meu pai nunca me ensinou que, se bateu, levou. Hoje, eu aprendi um pouco mais com as literaturas, os estudos e no dia-a-dia, observando". (P20)*

A organização de cada escola para desenvolver reflexões com os professores acerca de suas dificuldades e de estratégias para o seu enfrentamento também foi destacada, influenciando na conduta do professor. Acreditam na importância da troca de experiência, no estudo e na organização de projetos como um fator que pode auxiliar a qualificação da prática.

As instituições educativas precisam investir em momentos de reflexão, com trocas de saberes, leituras, orientação e apoio aos professores com relação aos valores morais. A teoria construtivista considera que ninguém nasce com os valores constituídos e que a valoração do objeto é construída na interação do indivíduo com o mundo. A interação entre as crianças é um momento privilegiado para que a educação para autonomia ocorra, cabendo aos profissionais da escola construir vínculos solidários e respeitosos.

> *"Aqui na escola é uma norma conversar com as crianças. A diretora sempre fala para parar o que a gente está fazendo e conversar, que não tem problema parar o conteúdo, e quando a gente não consegue resolver, passamos para a coordenadora". (P7)*

> *"A gente sempre tem um momento de discussão sobre os problemas da escola com troca de experiências, o que acaba ajudando. Eu aprendi na faculdade a questão do desenvolvimento, mas isso, de como agir, a gente vai aprendendo no dia a dia". (P14)*

> *"A vida, os anos de estudo. A minha profissão, eu não encaro como uma opção profissional é uma questão de vocação mesmo, a gente precisa participar de um grupo de estudo e conversar muito". (P31)*

A seguir, apresentamos o quadro que demonstra a percepção do professor em relação ao papel da família na resolução dos conflitos interpessoais.

Quadro 5 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores quanto à percepção do papel da família na resolução de conflitos

Tema	Categorias	Ocorrência
Percepção do professor com relação ao papel da família.	1.Falta de envolvimento da família na escola, só tem contato em reuniões de pais, está distante, quem acaba educando é a escola, a criança não se identifica mais com a família, não planejou ter filhos, eles são criados por outras pessoas, são rejeitados, agredidos e abandonados; o social está prejudicando a criança.	24 (62%)
	2.A família é parceira da escola na formação da criança, tem papel de orientar, auxiliar, de ser exemplo e estar envolvida nos projetos da escola, como, por exemplo, a leitura.	14 (36%)
	3.A família não deve interferir nos conflitos da escola.	1 (2%)

Fonte: Elaborado pela autora.

A maioria dos professores (62%) compreende que os conflitos estão ocorrendo por falta de envolvimento da família com a escola. Sentem que ela deveria estar mais próxima, mais envolvida, porém está distante, o que não tem sido positivo para as crianças por esse envolvimento ter um papel fundamental no processo de formação.

> *"Normalmente, aos alunos que mais precisam os pais não dão muito retorno. São chamados, mas não vêm na maioria dos alunos que têm dificuldades de se relacionar, a família é difícil". (P12)*

> *"A gente chama a família na escola para tentar resolver o problema e aí a gente acaba arrumando mais um, porque a família não aceita o que o filho está fazendo. Eu acho que a ajuda da família é muito importante, a gente precisa desse apoio em casa". (P26)*

> *"A família está faltando hoje em dia, faltam coisas na sociedade de hoje, exatamente o que mais está faltando é na família, é no básico, é quando eles estão formando a personalidade, eu vejo mesmo um abandono". (P29)*

> *"Eu acho que os conflitos ocorrem com os alunos porque não têm muito o apoio da família. A família vai deixando as crianças de lado. Nas famílias que cuidam e estão sempre participando, as crianças são mais tranquilas". (P35)*

Nesse sentido, os participantes acreditam que as famílias devem ser modelos para as crianças, buscando interferir na sua formação com exemplos práticos do dia-a-dia. Em muitos os discursos foi possível identificar a expectativa dos educadores com relação à organização das famílias, dentro de uma estrutura de família nuclear tradicional, em que o pai fica responsável pela questão financeira e a mãe cuida dos seus filhos, assim como Souza (1997), Patto (1997) e Carvalho (2004) também descrevem em seus estudos.

Fica evidente que, entre os educadores, há indevida generalização sobre a falta de organização familiar que tem sido a principal responsável pelas dificuldades na aprendizagem e na falta de disciplina das crianças. Essa idéia é, porém, preconceituosa e pouco explicativa frente à magnitude do problema. As dificuldades no processo de aprendizagem são oriundas de múltiplos fatores e devem, portanto, ser coerentes com sua complexidade (PATTO, 1997).

> *"A parceria é essencial: um mau exemplo dentro de casa, a criança reproduz na escola ou também pela falta de exemplo, a criança que não é amparada, pode ficar mais apática ou agressiva". (P14)*

> *"É um papel extremamente importante dentro da família. A criança vai observar como os pais, os avós, resolvem os conflitos, o que reflete na maneira que a criança vai usar fora para resolver". (P15)*

Nesse contexto, os educadores vêm pontuando que a família tem sido um ponto de conflito, visto que percebem que os filhos não vêm sendo planejados e que, muitas vezes, são educados por outras pessoas, são rejeitados, agredidos e abandonados. Entretanto a família deve ser compreendida como um fenômeno social e responsável pelos seus filhos, sendo necessário lidar com essa problemática com o estabelecimento de uma parceria pautada na cooperação e no respeito mutuo entre pais e educadores a fim de promover o desenvolvimento da criança (LA FÁBRICA DO BRASIL, 2001).

> *"As crianças não têm mais aquela identificação com o pai, a mãe e o irmão. Elas são criados por avós, tios, tem crianças que moram com pessoas desconhecidas, são agredidas. Eles contam que são rejeitados, que não foi uma criança planejada, se sentem ofendidos com isso". (P2)*

> *"A família tem um papel muito importante, mas eu não consigo ver a família ajudando a resolver os conflitos. Ela está sendo, até, um*

> *ponto de conflito, porque a gente faz um trabalho em sala de aula, conversa com as crianças; a família, em casa, não. A criança chega em casa e fala para o pai, ele vem cobrar da professora. Não temos essa parceria com a família, eu não consigo ver. É raro". (P3)*

Há professores que identificam a necessidade da família na escola apenas quando algo mais grave acontece envolvendo a criança, como nos casos de agressões em que formas violentas de resolução são praticadas pelas crianças. O encaminhamento desses problemas aos pais tem, na maioria das vezes, o sentido de apontar o problema e não de buscar soluções conjuntas em prol do desenvolvimento.

Essa participação pontual da família na escola para auxiliar na intervenção em situações problemáticas ocorridas, aponta para uma prática que está restrita a um tipo de ação: a coação, que desconsidera a participação dos pais, limitando a organização das escolas a um papel de formação cultural. O trabalho pedagógico deve ter, porém, a intencionalidade em educar para autonomia (TOGNETTA; VINHA, 2007).

> *"Quando acontece alguma coisa de bater, empurrar, se machucar, a gente chama os pais, faz uma convocação". (P28)*

> *"Então a família precisa orientar. É orientação para tranqüilizar a criança deixar ela mais calma. Hoje em dia é complicado, porque os pais trabalham e quem acaba educando é a escola". (P19)*

> *"A família passou a responsabilidade para o professor literalmente e se você tenta pôr limites, os pais não gostam. Sempre a culpa não é do filho, é do professor e nós estamos extremamente estressados e sobrecarregados. É uma profissão linda, mas hoje é ingrata demais". (P22)*

Para alguns professores (36%), o papel da família tem sido de parceria e vem auxiliando na resolução dos conflitos na escola. Acreditam que, quando pais e educadores apresentam uma relação de confiança, considerando a importância da família no cuidado dos seus filhos, há possibilidade de realizar um trabalho integrado e articulado, embora nas falas, evidencia-se essa preocupação de forma pontual, por meio de situações de convocação dos pais na escola, o que não aponta para um processo contínuo e de parceria.

> *"Cada criança foi educada de uma forma, as famílias são diferentes, precisamos entender isso, então cada família tem um*

> *papel muito importante e a escola precisa estar junto com essa família para poder estar resolvendo isso". (P1)*

> *"Eles são presentes, eles vêm quando são convocados, vêm para tentar resolver o problema, um ou outro que não. A presença da família é importantíssima, porque se não for a família, como a gente vai resolver". (P7)*

> *"Procuro passar para eles a minha dificuldade em sala de aula, peço que eles me auxiliem também em casa, conversem antes de virem para a escola. Se acontecer alguma situação, tem que agir.É muito importante essa parceria entre a escola e os pais para se ter um resultado positivo do trabalho". (P8)*

Independente das diferenças sociais entre as crianças, sejam pertencentes a escolas públicas ou privadas, os meios para se trabalhar com o desenvolvimento humano e os aspectos inerentes ao processo de aprendizagem são os mesmos, com relações justas e de cooperação. A crença de que os conflitos são próprios das escolas públicas e de sua clientela está presente nas falas e requer ser repensado quando compreendido nos conceitos construtivistas.

> *"Eu acho que tanto a resolução como a produção do conflito dependem muito da clientela da escola. Aqui os pais são participativos, são pessoas que vêm, ajudam muito quando são orientados. Uma coisa que eu percebo é que, quando é solicitado um encaminhamento para a criança, eles vão eles buscar ajuda e tentam auxiliar". (P9)*

> *"Papel de acompanhamento do dia a dia, de olhar o caderno, ver se a criança está bem, se a criança está se relacionando bem com os professores e com os outros colegas, se ela está feliz de ir para a escola". (P13)*

Para um participante (2%), os conflitos devem ser resolvidos na escola sem a interferência dos pais. Essa concepção busca desarticular as funções no processo de educar, que, na verdade, devem ser articulados, buscando o desenvolvimento integral da criança, considerando que esse ocorre a todo o momento e em todos os espaços que a criança freqüenta. Dessa forma, a interferência da família nas dificuldades dos seus filhos junto a escola é inerente e indissociável.

> *"Eu acho que a família não poderia interferir nos conflitos da escola. Os conflitos da escola devem ser resolvidos dentro da*

> *escola. Eles acabam tomando uma proporção que não é a que você queria. A gente pode chamar a família para conversar e pedir ajuda, mas não, assim, deixar que ela venha e interfira dentro da escola". (P30)*

Passamos para o quadro a seguir que nos permite verificar a percepção dos professores em relação ao papel da escola na resolução dos conflitos interpessoais.

Quadro 6 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores com relação ao papel da escola na resolução de conflitos

Tema	**Categorias**	**Ocorrência**
Percepção do professor com relação ao papel da escola.	1.A escola tem projetos voltados para a disciplina, busca fazer reflexão entre os professores no horário de estudo e organiza palestras.	16 (41%)
	2.O professor deve auxiliar a criança a realizar reflexão sobre as situações e conversar com os pais durante as reuniões, em grupo ou individualmente, buscando realizar a mediação.	12 (31%)
	3.A coordenação e direção devem trabalhar com a orientação da criança e chamar os pais para tentarem resolver juntos.	11 (28%)

Fonte: Elaborado pela autora.

Os participantes (41%) relataram que, para resolver os conflitos que existem entre as crianças na escola, vêm se organizando vários projetos envolvendo alunos e professores, voltados para a disciplina. Para a elaboração desses projetos, os atores da escola buscam realizar reflexões sobre o tema e sobre as dificuldades do cotidiano nos momentos de estudo entre os professores.

Porém, muitos são os equívocos que vêm sendo cometidos nas instituições escolares na elaboração desses projetos. Muitos se organizam a fim de conter a indisciplina das crianças e, nesse sentido, criam-se regras autoritárias, que são impostas e que desconsideram suas causas e a autonomia das crianças no processo de resolução. O uso de cartões coloridos durante o lanche das crianças é um exemplo disso: a criança que não se comporta no lanche ganha um cartão amarelo e, se juntar três dessa cor, ganha um vermelho e vai conversar com a diretora.

Quando as regras são elaboradas em grupo e discutidas por todos, são combinadas no coletivo, sendo possível que todos assumam responsabilidades, o professor atua como mediador e as crianças têm condições de auxiliar na resolução dos problemas. Tognetta e

Vinha (2007) em pesquisa, encontraram que, em salas de professores democráticos, existe uma auto-regulação individual e do grupo, frente aos conflitos, maior com relação às classes autocráticas, em que as crianças esperam passivamente as ordens do professor que diz quando e como devem fazer sem proporcionar a elas reflexão.

La Taille (2006, p. 56) diz que "[...] a pessoa disciplinada não é aquela treinada para obedecer, mas sim aquela que compreende as razões de se comportar de um modo ou de outro." Dessa forma, a conduta da criança precisa ser corrigida, mas sem utilizar punições, utilizando a sanção por reciprocidade e não a autoridade, a fim de contribuir com o desenvolvimento da personalidade moral.

> *"A gente observa sim. A gente já vem fazendo um projeto de disciplina ao longo dos anos e é tudo uma questão da disciplina". (P6)*

> *"Aqui o recreio é mais dirigido. Muitas pessoas estão em cima, então, dificilmente ocorrem conflitos. Entre eles, assim, baixinho, um cutuca ou empurra, tem aquela criança que fica com vontade do lanchinho do outro". (P15)*

> *"Nós temos alguns trabalhos sobre os conflitos na escola. No começo do ano, a gente pensa e repensa de novo como resolver tudo isso, essa questão de aceitar o outro, de aceitar a diversidade de opinião". (P20)*

> *"A escola tem um projeto de disciplina. A gente trabalha bastante, conversa sobre amizade, sobre a importância do amigo, sobre a importância de não estar sozinho e que, se gerar conflito você acaba ficando sozinha e isso é ruim e que a gente precisa conviver bem com as pessoas". (P25)*

A construção das regras, utilizando recompensas e punições, é uma prática bastante utilizada nas escolas, porém, quando o educador democraticamente permite que seus alunos se relacionem, ele possibilita que as crianças possam descobrir meios saudáveis de convivência e passem a utilizar atitudes de respeito e cooperação de forma ativa e valorizada, tornando possível que vivenciem uma sociedade mais justa no futuro.

Considerando as afirmações de La Taille (2009), há disposições no ser humano para o desenvolvimento da moral. Os sentimentos de simpatia e indignação em que as regras, princípios e valores, quando presentes no cotidiano das crianças, com o seu desenvolvimento podem levar à formação dos juízos morais ou "princípios universais de justiça", de reciprocidade e igualdade de direitos humanos.

Com o desenvolvimento do juízo da moral, as crianças passam a seguir as regras, convencidas do valor dos seus princípios, o que seria muito importante na construção de uma sociedade justa e democrática. Entretanto, não só crianças e adolescentes, mas muitos adultos não alcançam a autonomia moral e acabam cumprindo as regras que estão postas em nossa sociedade, não pelos princípios que as norteiam, mas sim, por ser mais fácil atender aos costumes sociais.

> *"Vamos desenvolver um projeto do, por favor, com licença e muito obrigado, um projeto que a escola esta iniciando esse ano e pediu para os professores prepararem uma atividade dentro da sala de aula para que as crianças agradeçam às merendeiras da escola. Então eu conversei com elas para que quando forem buscar a merenda até o balcão com as merendeiras possam agradecer". (P27)*

> *"Quando eu cheguei a essa escola, havia conflitos grandes entre os alunos e os professores. Mas, assim, dos quatro a cinco anos que eu estou aqui eu acho que isso diminuiu, nos horários nossos de estudo a gente coloca as dificuldades e vejo que melhorou bastante. Quando eu vejo pela TV os acontecimentos com a escola, fico pensando que o que falta talvez seja essa parceria, e esse dialogo que é demorado". (P29)*

> *"Aqui na escola tem um projeto de disciplina, fica a critério de cada professor colocar em prática dentro de sua sala de aula e nem sempre as coisas acontecem de uma forma harmoniosa porque, às vezes, até no início é as professoras até se envolvem bastante com os projetos. Elas têm idéias, mas no decorrer do ano com as faltas e as dificuldades de contato com a família, às vezes a pouca participação da direção da escola, fica tudo para o professor resolver dentro da sala, sozinho e acaba se perdendo um pouco o interesse que se teve no começo do ano". (P33)*

A ação do professor na mediação de conflitos, possibilitando a reflexão sobre os fatos ocorridos é relatada muitos dos participantes (31%). Essa mediação é fundamental dentro do processo de aprendizagem e, embora esteja restrito a apenas alguns profissionais que compreendem o desenvolvimento humano de forma processual, muitas vezes ainda há lacunas de conhecimento acerca da moral presentes em suas falas.

A função da escola é apontada pelo professor não no aspecto da integralidade, considerando as fases de crescimento e desenvolvimento da criança. Fica evidente nos relatos a preocupação do educador com o aspecto cognitivo, o que se distancia das reflexões necessárias em busca da autonomia nas relações. Para Donatelli (2004), a escola

pouco olha para seu papel, o que colabora para a permanência da concepção de que as dificuldades estão externas à escola e assim se justificam e não se promovem mudanças.

Entretanto, o preparo que a escola deve proporcionar à criança é para que elas alcancem a vida pública e, nesse sentido, o processo de educação necessita englobar o desenvolvimento do conhecimento cognitivo articulado com o afetivo, considerando o processo de socialização e a construção dos valores morais próprios da convivência. A escola e seus educadores estão focados nas atividades pedagógicas, deixando de reconhecer os conflitos presentes no cotidiano escolar como uma oportunidade para o trabalho na formação do indivíduo, assim como apontado nas contribuições de Vinha (2003), que compreende que o educador teme que os conflitos ocorram e tende a evitá-los, considerando esses momentos como uma perda de tempo.

É indissociável, na função de educar, o trabalho com os conteúdos da herança cultural e os aspectos que envolvam o cotidiano da criança, independente da situação de cada uma ou de cada escola; seja esta de origem pública ou privada. O que deve ser considerado, assim como Piaget demonstrou em seus estudos, é que, no processo construtivo, de auto-organização, tem importância o descentramento cognitivo e afetivo, que se dá no plano intelectual pelas operações reversíveis e, no plano afetivo, pelas relações de reciprocidade que ocorrem nas relações estabelecidas pelo indivíduo com o meio social.

Dessa forma, cabe ao professor promover a cooperação, atuando nos momentos de desequilíbrio, em que os conflitos ocorrem entre as crianças, a fim de favorecer a adaptação das estruturas de conhecimento, entendendo os princípios éticos como necessários para a convivência. Para tanto, a imposição de regras e normas de disciplina no ambiente escolar devem ser desestimuladas, pois isso pouco poderá auxiliar, quando não for fruto das experiências vivenciadas entre eles no processo de construção da autonomia. Isso não faz sentido e, dessa forma, não é aceito ou seguido.

> *"A gente tem que ajudar as crianças a começarem a refletir sobre os acontecimentos". (P1)*

Um aspecto que foi ressaltado nas falas, a respeito da temática dos conflitos que ocorrem na escola, foi a ajuda da direção, da coordenação e de outros profissionais da saúde na busca para resolução, visto que na concepção dos participantes (28%), quando as crianças estão em momentos fora da sala de aula, no lanche ou outra atividade, buscar a resolução dos conflitos não compete ao professor.

> *"Eu vejo os professores reclamando que está tão difícil. Às vezes, as diretoras buscam os alunos e levam e eu não sei o que aconteceu, mas, assim por cima, eu sei que está acontecendo alguma coisa". (P12)*

> *"Na hora da perua sempre tem reclamação: que uma criança beliscou, que a criança da outra sala beliscou também. A gente procura a direção e a direção que vai esclarecer". (P13)*

> *"A gente chama os pais, tem que encaminhar para psicólogo, para um neurologista. Então assim, essas crianças que se sobressaem em relação à indisciplina. A gente está sempre encaminhando. Eu mesma tenho um olho bem clinico para esses alunos desde o inicio do ano, vejo quem é diferenciado. Vamos chamar a mãe para conversar, vamos encaminhar, porque tem que tentar ajudar essa criança". (P22)*

Embora a intervenção isolada não venha possibilitar mudanças em valores, quando o professor encaminha seus alunos para coordenação, eles devem ser ouvidos e acolhidos para que a tomada de decisão ocorra por meio da reflexão do que ocorreu, compreendendo que os vínculos no ambiente escolar devem ser solidários, considerando que o professor, ao precisar de auxilio dos outros atores da escola, estarão sendo modelos para as atitudes das crianças e apenas um ambiente cooperativo e coerente pode contribuir com a formação de personalidades éticas.

O professor se sente muitas vezes despreparado frente aos inúmeros desafios do cotidiano. Em crianças pequenas, pode estar presente o binômio do medo/amor como fonte afetiva do respeito moral por figuras de autoridade e, nesse caso, os encaminhamentos não devem pretender que haja respeito às regras, pois as crianças não são autônomas e portanto não compreendem o significado moral dos contratos sociais. É importante para essas crianças, segundo La Taille (2009), encontrar adultos que os despertem e os acolham no ambiente escolar.

> *"Quando acontece algum conflito é encaminhado para a direção porque as pessoas que ficam no pátio estão vendo e a única coisa que eu percebo é de empurrar para querer ficar na fila, do lugar na fila". (P28)*

> *"A gente tem um suporte da coordenação, mas eu não tenho muito o costume de mandar crianças. Eu tento resolver na sala, eu mando quando a coisa é muito fora do normal, quando estou vendo que a coisa está tomando dimensões que a família pode vir reclamar". (P3)*

> *"Quando acontece alguma coisa mais grave, a gente procura passar para as meninas da coordenação e para a direção e que aí elas vão conversar. Elas sempre orientam para nós ouvirmos os dois lados". (P8)*

> *"Eu não sei falar de outros lugares, mas aqui na escola tem um trabalho forte. A criança é convocada para falar o que aconteceu, as crianças envolvidas, todas, são ouvidas e as outras crianças que participaram de testemunhas". (P9)*

Outra percepção do professor com relação ao papel da escola é a preocupação da coordenação, direção e de outros professores em envolver a família nas questões dos conflitos. Apontam para esse fato de maneira positiva, como um respaldo importante para as situações vivenciadas entre as crianças. Quando os conflitos têm potencial de se tornarem um problema futuro, ao serem identificados, recebem a mediação pelos educadores. Na prática, porém, o que se observa é a transferência de responsabilidade da escola na gestão dos conflitos, que se tranquiliza com a notificação aos pais sobre os problemas ocorridos.

> *"Eu percebo que elas procuram conversar com os alunos. Se não resolver, chamam a família das crianças envolvidas para estar passando o caso, para não chegar no futuro e falar que não foi avisado do estava acontecendo". (P2)*

> *"Conversando com os pais, chamando os pais para ter uma conversa inicial e ver por que esta acontecendo isso. Às vezes, a criança está se comportando de uma forma diferente e pode ser por muitos fatores: separação de pais, sabe, e a criança fica mais agressiva mais triste, mais apática. Então essas conversas assim". (P14)*

> *"Aqui é bem tranquilo, no geral se resolve dentro da sala mesmo, só quando acontece alguma coisa mais grave, quando alguém se machucou, coisas assim, que a gente acaba trazendo para a direção. A direção chama o pai, a mãe e conversa". (P19)*

> *"Quando está passando do limite, a gente conversa com a direção, a direção chama a família dessa criança e vamos tentar resolver o problema junto com a família, por que tem coisas que são do dia a dia, aquelas briguinhas que a gente resolve aqui, agora tem coisas que fogem, uma situação de agressão, de buylling" (P26)*

O quadro a seguir demonstra a percepção dos professores em relação aos objetivos do ensino fundamental.

Quadro 7 - Categorização das respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores com relação aos objetivos do ensino fundamental

Tema	Categorias	Ocorrência
Sentido atribuído pelo professor aos objetivos do ensino fundamental.	1.Ambas as situações são consideradas e valorizadas; alfabetização e desenvolvimento integral da criança.	22 (56%)
	2.Valorização apenas dos conteúdos/ conhecimento/ objetivos da serie/ letramento e alfabetização.	14 (36%)
	3.Valorização apenas das relações de respeito/ afeto/ dialogo/ formação pessoal/ convívio social e preparo para a vida em sociedade.	3 (8%)

Fonte: Elaborado pela autora.

O sentido atribuído aos objetivos do ensino fundamental, na concepção do professor evidencia os aspectos da alfabetização e do desenvolvimento integral da criança (56%), com a valorização das habilidades em todos os sentidos.

Para o ensino fundamental, foco deste estudo, a LDB aponta a educação em valores como principal objetivo da educação básica, com o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo, a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores, o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Nesse sentido, a educação está definida como dever da família e do Estado, fundamentada nos princípios de liberdade e solidariedade humana, em que, para se obter o pleno desenvolvimento do educando, há necessidade do preparo desse para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho com a aquisição de conhecimentos, competências e habilidades, sendo necessária a formação de valores básicos para a vida e para a convivência uma educação plena, que integra os cidadãos na vida social.

> *"Desenvolver as habilidades em todos os sentidos, não só nos conteúdos a serem ensinados, mas também nas relações entre eles". (P1)*

> *"O objetivo é integrar a criança no meio em que ela convive e alfabetizar". (P32)*

Outro aspecto enfatizado pelos professores (36%) foi a questão do desenvolvimento cognitivo da criança como principal objetivo para o ensino fundamental. Nesse sentido, a valorização da aquisição do conhecimento, com o cumprimento dos objetivos prescritos para cada série e, em especial, nos anos iniciais, o letramento e alfabetização se destacam.

> *"O ensino fundamental é a base para essas crianças, a questão da aquisição da leitura, da escrita, a concepção dos números e das quatro operações básicas". (P15)*

> *"Trabalhar com a coordenação motora, relacionar o numeral a quantidade, fazer alguns cálculos mentais, que eles possam sair lendo e escrevendo". (P16)*

A alfabetização foi uma expressão bastante utilizada, compreendida pelo professor como base para as escolhas futuras dos sujeitos, tendo foco nos conteúdos a serem desenvolvidos em cada série. A LDB incorporou os valores no processo de aprendizagem com os Parâmetros Curriculares Nacionais, ficando explícitas a importância do ensino e a aprendizagem dos valores na educação escolar. Sua inserção, entretanto, tem ocorrido de forma contraditória, visto que se apresenta de maneira normativa aos educadores que devem ajustar seus currículos escolares para acolher essa demanda.

Dessa forma, muitos educadores se apoiam nos referenciais da alfabetização, dando ênfase aos conteúdos a serem desenvolvidos, acreditando que o desenvolvimento dos valores ocorre de forma paralela em alguns trabalhos específicos que organiza sistematicamente no planejamento de suas ações. Seria importante que uma nova leitura desses conceitos fosse organizada nas escolas e discutida amplamente junto aos professores para que essa concepção possa se fundamentar teoricamente e reorganizar a compreensão do processo de aquisição da leitura e escrita que passa pelo mesmo processo de aquisição dos valores nos momentos de desequilíbrio e de adaptação.

> *"Que a criança possa resolver, a partir desse preparo qualquer situação da vida dela lá fora, que esteja preparada para o mercado trabalho". (P37)*

> *"Eu trabalho com alfabetização, acredito que um bom ensino vai fazer com que as portas se abram para eles, não só para novos estudos, mas em tudo, na formação conceitual, moral e física". (P39)*

Para os participantes, a escola, na sociedade atual, vem assumindo novos papéis e o professor tem se adaptado a essas mudanças com o sentimento de estar assumindo mais do que deveria. Essa percepção esta diretamente relacionada à forma de compreensão da função da escola na formação das crianças, uma vez que o conhecimento dos saberes se evidencia. O professor compreende a educação de forma dicotomizada; existe uma educação formal que diz respeito a aquisição dos conhecimentos e uma educação de valores que, nessa concepção, é dever da família que esta deixando muito a desejar.

> *"A escola está assumindo um papel diferenciado, ajuda a moldar a formação pessoal de cidadão, de se relacionar dentro e fora da escola dentro e fora da família, nos vários grupos". (P9)*

> *"Acho que o nosso objetivo deveria ser mais o conteúdo, mas a gente engloba tudo. Somos um pouco mãe, um pouco psicóloga, um pouco médica, um pouco de tudo o que você imaginar, mas o nosso objetivo mesmo é a formação do cidadão consciente e que respeita as diferenças". (P12)*

Entre os participantes, ainda, 8% apontam para a necessidade de formar pessoas para o convívio social, com a valorização das relações, do respeito e do diálogo. Para essa minoria, a formação pessoal e o preparo para a vida em sociedade é o objetivo maior da educação nos anos iniciais do ensino fundamental.

> *"Que estabeleçam uma relação pessoal um com o outro, vendo as semelhanças e as diferenças e passam a respeitar um ao outro". (P2)*

> *"O objetivo é preparar a criança para fazer parte da sociedade em que está inserida". (P6)*

Outro aspecto abordado foram os valores da escola e dos atores sociais que estão presentes na vida das crianças, buscando estabelecer uma relação direta entre o papel da educação e o entorno social da criança. A cultura de compreender os sentidos do convívio escolar deve ser o objetivo dos educadores ao se depararem com a vida coletiva, a que a escola proporciona espaço, em que os princípios são inevitavelmente evidenciados e, portanto, possíveis de serem trabalhados por adultos conscientes e autônomos.

> *"A gente precisa ter clareza dos conteúdos, de qual é a relação que a escola tem com a família, de qual é o tipo de aluno que realmente a gente quer formar, se é aquele aluno que simplesmente*

> *saiba as questões técnicas, de ler e escrever ou, além disso, que ele saiba resolver os problemas, os conflitos e associar o que está aprendendo com o cotidiano deles". (P31)*

O professor compreende que é da família a responsabilidade de auxiliar a criança na educação, sendo modelo para que a alfabetização ocorra e os valores sejam construídos, para o que a escola possa oferecer, de forma complementar, o seu desenvolvimento. O profissional da educação deve ter clareza da sua intervenção não como um parâmetro a ser seguido, mas, como DeVries e Zan (1998) nos aponta, com a mobilização dos recursos cognitivos e afetivos pelos educadores na escola que, ao construirem uma atmosfera sociomoral e atuarem nos conflitos interpessoais, possibilitam o processo de equilibração e auto-regulação, necessários à aprendizagem.

> *"Nessa faixa etária, aprende-se muito pelo exemplo. Se na casa tem leitores, essas crianças vêm para nós quase que prontas. O ensino fundamental é muito amplo, a gente precisa focar, separar quais atividades vão se contemplar. Também tem a parte afetiva, que hoje a gente sabe que muitos pais correm atrás de ganhar o dinheiro e não dão atenção adequada a seus filhos, dão coisas e não passam valores. Ao contrario tem uns que acham que quanto mais acumular, mais esperto é". (P5)*

A questão da construção da identidade da criança foi ressaltada como um objetivo a ser desenvolvido pelo professor, em que se faz necessário considerar a formação moral e as relações afetivas a fim de contribuir com a organização da vida em sociedade. Quando o professor valoriza o trabalho das interações sociais entre as crianças, possibilita o desenvolvimento moral em um ambiente menos autoritário e menos individualista.

> *"Construírem os conceitos, o diálogo com as outras crianças, vão interagindo e construindo o conhecimento mediado pelo professor. O trabalho é conhecer o nome, a identidade, do que gostam, suas preferências, com quem mora, é a identidade da criança". (P28)*

> *"Nós vamos trabalhar com as questões de relacionamento, que é bastante difícil e a gente percebe que no mundo de hoje, as pessoas estão cada vez mais agressivas, mais indiferentes, individualistas, egoístas porque o próprio sistema da sociedade concorre para isso". (P29)*

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão dos conflitos interpessoais entre crianças no ambiente escolar, está predominantemente relacionada com a concepção do professor de que há dificuldade na organização das famílias para ensinar valores aos seus filhos, delegando para a escola a função de educar. São muitas as situações que foram relatadas que explicam essa concepção, sendo o principal apontamento a falta limites das crianças que quando chegam à escola, apresentam problemas de indisciplina e acaba sobrecarregando o professor que deve lidar com essa situação, realizando um trabalho que, a seu ver, é social.

A participação da família no desenvolvimento da criança é indispensável e necessária, mas se localiza no plano privado e assim se apresenta por um funcionamento particular frente às experiências sociais. Na escola, a criança tem a possibilidade de se relacionar com um grupo, com o coletivo, na interação com as outras crianças, longe da proteção dos pais e o professor deve mediar essas situações com a construção de regras de convivência. Dessa forma concluímos que a função de educar cabe a todo adulto que interage com a criança, seja na função de educador, coordenador, pais ou familiares que, conscientes do seu papel, podem e devem contribuir para o desenvolvimento da moral.

Embora seja expressiva a concepção do professor com relação à prática pautada no diálogo para a resolução dos conflitos entre as crianças, orientado pelas regras de convivência, o que se pode observar é que, ao atuar apenas com as crianças envolvidas no conflito, buscando culpados quando estes ocorrem, estão sendo trabalhadas apenas soluções definitivas, de forma pontual e corretiva, que não proporcionam momentos de descentração e reflexão entre as crianças com relação aos valores envolvidos na convivência, colaborando para a manutenção da heteronomia.

Em relação à concepção do professor para atuar nos conflitos, compreende-se que, embora a sua experiência profissional seja a principal forma de aquisição de estratégias para lidar com nas situações de conflito, seja na convivência da rotina escolar, nos exemplos de outros professores e com as orientações da coordenação e direção da escola, possibilitando a habilidade de como se deve fazer, o que se observa é que, justamente por apresentarem essa concepção, não buscam ferramentas para sua atuação no conhecimento e na reflexão das causas dos conflitos.

Os profissionais da escola, dessa forma, vêm organizando vários projetos na temática da disciplina, buscando conter aquilo que entendem como comportamento inadequado, fruto das famílias desorganizadas que contribuem para a manutenção da

indisciplina das crianças no ambiente escolar, desconsiderando dessa forma, a autonomia das crianças para a construção de soluções voltadas para os seus conflitos e o estímulo necessário para ações cooperativas e solidárias.

Com relação aos objetivos do ensino fundamental, frente à necessidade da promoção da educação em valores, o professor evidencia os aspectos da alfabetização e do desenvolvimento integral da criança, com a valorização das habilidades de forma ampla nessa fase do desenvolvimento, entretanto não tem articulado o domínio da leitura, da escrita e do cálculo com a compreensão dos valores em que se fundamenta a sociedade, tendo em vista as falas recorrentes no sentido de atribuir a função de educar à família. Quando isso não ocorre, é motivo de esgotamento do professor frente ao seu papel.

Ao se definir o papel do educador na formação humana, não é mais possível atribuir a esse profissional um papel de transmissão de conhecimentos e assimilação de saberes, que considere apenas os conhecimentos como o principal objetivo da escola com relação aos seus alunos, baseada na relação autoritária como se encontra com esse estudo. Diante da importância dessa temática, é fundamental que novos estudos possam contribuir com a reflexão dos assuntos aqui tratados, a fim de que mudanças efetivas sejam realizadas nas instituições educativas, visando à formação de pessoas que possam vivenciar a cooperação, a reciprocidade e o respeito mútuo.

Por fim, o educador deve considerar que, nas relações entre as crianças no ambiente escolar os conflitos interpessoais fazem parte das relações e que a disciplina almejada, por meio da coerção e da punição, nada pode contribuir com o desenvolvimento da criança. É necessário que, mudanças concretas ocorram em relação ao papel do educador, visto sua importância na construção de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**. São Paulo: Summus, 1996.

ARAUJO, U. F. O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil. In: MACEDO, L. **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa de Psicólogo, 1996. p. 105-136.

ARAUJO, U. F. O ambiente escolar cooperativo e a construção do juízo moral infantil: sete anos de estudo longitudinal. **ETD**: Educação temática digital, Campinas, v. 2, n. 2, p.1-12, 2001. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1869/1710 >. Acesso em: 15 jan. 2014.

ARAUJO, U. F. A construção social e psicologica dos valores. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Educação e valores**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2007. p. 17-64.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF, 1997.

CARVALHO, M. E. P. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola?: o dever de casa e as relações família–escola. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 12-15 jan./abr. 2004.

COSTA, J.; F. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DEL PRETTE, Z. M.; DEL PRETTTE A. P. **Psicologia das habilidades sociais na infância**: teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2005.

DELUTY, R. H. Alternative-thinking ability of aggressive, assertive, and submissive children. **Cognitive Therapy and Research**, New York, v. 5, n. 3, p. 309-312, Sept. 1981.

DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

DONATELLI, D. **Quem me educa?:** a família e a escola diante da (in) disciplina. São Paulo: Arx, 2004.

FEVORINI, L. B. **O envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos**: um estudo exploratório. 2009. Tese de doutorado. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009.

FREUD, S. **O mal estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GUILLOT, G. **O resgate da autoridade na educação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os pensadores) p. 195-256.

KOHLBERG, L. **Psicologia del desarrollo moral**. Bilbao: Desclés Brouwer, 1992.

LA FABRICA DO BRASIL. **Escola e Família:** instituições em conflito. São Paulo: Observatório do Universo Escolar; Ministério da Educação, 2001.

LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-24.

LA TAILLE, Y. **Três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 1998.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética:** dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LA TAILLE, Y. Moralidade e violência: a questão da legitimação de atos violentos. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 329-341, 2009.

LEME, M. I. S. Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. **Psicologia:** reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 367-380, 2004.

LEME, M. I. S. **Convivência, conflitos e educação nas escolas de São Paulo**. São Paulo: ISME, 2006.

LICCIARDI, L. M. S. **Investigando os conflitos entre as crianças na escola**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MARTINS, R. A.; SILVA, I. A. Valores morais do ponto de vista de professores do ensino fundamental e médio. In: LA TAILLE, Y.; MENIN, M. S. M. (Org.). **Crise de valores ou valores em crise**? Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 185-198.

MENIN, M. S. S. Desenvolvimento moral: refletindo com os pais e professores. In: MACEDO, L. (Org.). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 37-104.

MENIN, M. S. S. Valores na escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 91-100, jan./jun. 2002.

MENIN, M. S. S. Educação moral na escola: subsídios a partir da teoria de Piaget. In: MONTOYA, A. D. et al. **Contribuições da psicologia para a educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 45-62.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, F. C. **Relações entre desenvolvimento moral, percepção da manifestação de condutas agressivas e estilos de resoluções de conflitos em crianças e adolescentes**. 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

PATTO, M. H. S. (Org.). **Introdução à psicologia escolar**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994. (Original publicado em 1932).

POLÔNIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.

PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998.

PUIG, J. M. **Práticas morais:** uma abordagem sociocultural da educação moral. São Paulo: Moderna, 2004.

SASTRE. G. V.; MORENO, M. **Resolução de conflitos e aprendizagem emocional**: gênero e transversalidade. Tradução Ana Venite Fuzato. São Paulo: Moderna, 2002.

SELMAN, R. L. **The growth of interpersonal understanding developmental and clinical analyses.** New York: Academic Press, 1980.

SERRANO, G. P. **Educação em valores:** como educar para a democracia. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SHIMIZU, A. M. et al. Representações de educadores de escolas brasileiras a respeito de educação em valores morais. In: REUNIÃO ANUAL DA A SSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 33., 2010, Caxambu. **Anais**... Caxambu: Anped, 2010.

SHIMIZU, A. M. **As representações sociais de moral de professores das quatro primeiras séries do ensino de 1º grau**. 1998. 2 v. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1998.

SOUZA, A. M. P. R. As contribuições dos estudos etnográficos na compreensão do fracasso escolar no Brasil. In: MACHADO, A. M.; SOUZA, M. P. R. (Org.). **Psicologia escolar**: em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SZYMANSKI, H. **A relação família – escola**: desafios e perspectiva. Brasília, DF: Plano, 2003.

TARDELI, D. D.; PASQUALINI, A. R. B. Educação em valores: possibilidades de intervenção pedagógica na resolução de conflitos escolares. In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (Org.). **Conflitos na instituição educativa**: perigo ou oportunidade?. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 191-226.

TOGNETTA, L. R. P. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola**: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

TOGNETTA, L. (Org.). **Virtudes na educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

TOGNETTA, L. R.; VINHA, T. **Quando a escola é democrática:** um olhar sobre as regras e assembléias na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

TOGNETTA,L.R.P.; VINHA, T.P.(Org.) **Conflitos na instituição educativa**: perigo ou oportunidade?: contribuição da psicologia . Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.p.161-190.

VASCONCELLOS, M. S. **Disciplina e indisciplina como representações de professores na educação contemporânea**. In: BARBOSA, R. L. Formação de Educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003. p.465 - 479.

VICENTIN, V. F. **Condições de vida e estilos de resolução de conflitos entre adolescentes.** 2009. 223 f. Tese (Doutorado em Psicologia)–Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VINHA, T. P. **O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

VINHA, T. P. **Os conflitos interpessoais na relação educativa**. 2003. 426 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

VINHA, T. P.; MANTOVANI DE ASSIS, O. Z. A autonomia, as virtudes e o ambiente cooperativo em sala de aula: a construção do professor. In: TOGNETTA, L. R. P. (Org.). **Virtudes e educação**: um desafio da modernidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

VINHA, T.; TOGNETTA, L. R. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009.

YIN, R. K. **Estudo de Caso:** planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APENDICE A

ENTREVISTA COM O PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL

Objetivo: Identificar a concepção do professor com relação à resolução de conflitos entre os alunos na escola.

1. Em sua opinião, quais são os objetivos do ensino fundamental?

2. Ocorrem conflitos entre os alunos em sua sala de aula?

3. Qual a causa dos conflitos?

4. Qual o seu procedimento quando eles ocorrem?

5. Como você aprendeu a agir assim?

6. Quais são as principais dificuldades que você identifica para atuar nos conflitos?

7. Você observa outros conflitos ocorrendo na escola?

8. Como a escola vem resolvendo esses conflitos?

9. Qual o papel da família nos conflitos?

10. Você gostaria de receber informações sobre a resolução de conflitos?

11. Gostaria de acrescentar algo?

9. Você poderia fornecer alguns dados pessoais para contribuir com esse estudo?

Idade: _____ anos Sexo: [ ] masculino [ ] feminino

Formação: _____ Ano de formação:_____

Pós-Graduação: [ ]especialista:_____[ ] mestre [ ] doutor [ ]outro:_____

Função que exerce no momento: _____ Tempo na função:_____

APENDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
De acordo com a Resolução 1996/96 do Conselho Nacional de Saúde

Título: A RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E A ATUAÇÃO NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERPESSOAIS

Pesquisadora Responsável e Pesquisadora: Flávia Cristina Castilho Carácio

Prezado (a),

Estamos realizando um estudo referente à formação do professor para atuar na resolução de conflitos interpessoais por meio de entrevistas com os professores do ensino fundamental das escolas públicas e privadas do município de Marília. Para isso, solicitamos sua participação na presente pesquisa.

Esclarecemos que a decisão de participar ou não é pessoal e será totalmente respeitada. As suas informações serão tratadas com absoluto sigilo. Não há necessidade de que você se identifique, sendo garantido o anonimato. Se for do seu interesse, você poderá conhecer os resultados do estudo. As informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e poderão ser publicados em novas pesquisas, revistas científicas e congressos. Estaremos a sua disposição para esclarecimentos e orientações sempre que você necessitar. Garantimos, ainda, que os procedimentos do estudo não implicam em riscos ou desconfortos e, caso você se sinta desconfortável, poderemos conversar sobre isso e você poderá interromper sua participação a qualquer momento. Em caso de dúvida, você pode procurar a pesquisadora responsável.

Eu, _____, RG_____, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa: **A RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E A ATUAÇÃO NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERPESSOAIS** e como sujeito, fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Flávia Cristina Castilho Carácio, dos procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer implicação, e que poderei conhecer os resultados do estudo. Tendo ciência do exposto acima, desejo participar da pesquisa da forma recomendada pela pesquisadora que subscreve este documento.

Local e data:

Assinatura do participante da pesquisa Assinatura da pesquisadora

Responsável pela pesquisa
Mestranda Flávia Cristina Castilho Caracio
RG: 24.600.860-X, CRP: 65467
e-mail: flavinhacaracio@yahoo.com.br

APENDICE C

Quadro 1 – Síntese das entrevistas da questão um a cinco.

Q1 - Objetivos Ensino Fundamental	Q2 – Ocorrem conflitos?	Q3 – Quais as causas dos conflitos	Q4- Como age nos conflitos?	Q5 – Aonde aprendeu?
Desenvolver as habilidades das crianças em todos os sentidos não só nos conteúdos a serem ensinados, mas até nas relações entre eles. (P1) O ensino da alfabetização, que estabeleçam uma relação pessoal um com o outro, vendo as semelhanças e as diferenças e passar a respeitar um ao outro. (P2) Criar consciência da inclusão e atingir os objetivos da série, de acordo com os conteúdos do ensino fundamental, criar cidadãos conscientes de sua vida. Tem muitos objetivos a ser alcançados da parte pedagógica social, emocional. (P3) Fazer com que a crianças saiam letradas. (P4) A escrita e a leitura sistematizada. Nessa faixa etária aprende se muito pelo exemplo, se na casa tem leitores, essas crianças vêm para a gente quase que prontas. O ensino fundamental é muito amplo, a gente precisa focar, separar quais atividades vão contemplar. Também tem a parte afetiva que hoje a gente sabe que muitos pais correm atrás de ganhar o dinheiro e não dão atenção adequada a seus filhos, dão coisas e não passam valores, ao contraio	Conflitos entre opiniões, de vontades, assim de um quer o outro não quer, ou às vezes duas crianças querem a mesma coisa então sempre qualquer coisa acaba sendo um motivo de conflito. (P1) Em uma discussão um querer puxar o brinquedo do outro e às vezes, muitos partem para a agressão física, não resolve somente no dialogo. Eles já vêm com a orientação dos pais que é para brincar com o seu brinquedo, não emprestar para o colega. (P2) Eles são muito intolerantes acho que a tolerância não está sendo trabalhada, às vezes esbarra e ai já quer descontar, não procura um adulto para tentar resolver. (P3) A questão da maturidade, de não querer dividir, a gente faz um trabalho de socialização para tentar resolver isso. Também tem questão familiar, depende de como a família lida com os conflitos. São coisas bem pequenas nada assim que eu tenha percebido muito grande. (P4) Eles estão se organizando enquanto pessoas, cada criança traz o jeito da sua família, são conflitos do que é meu e o que é do outro, por que tem pais que acham que não tem problema. A	Quando não concordamos com a opinião do outro. Essa questão de trabalhar o respeito entre eles, isso tem que ser desenvolvido. (P1) Parte da família, se ela não consegue ter limites com os seus filhos, a escola não vai conseguir. Eles acabam vivenciando coisas, que vão colocar em pratica na sociedade em que convive. (P2) Precisamos desenvolver nos alunos a consciência de estar resolvendo na conversa. (P3) A criança acaba se deparando com o outro ser diferente, que não pensa da mesma maneira, eu acredito que isso esteja relacionado em como a família conduz. (P4) É com dialogo geralmente. Eu faço acari ação, coloco os dois de frente, questiono, pergunto se colocando no lugar, se fosse com ele como agiria, às vezes, até no canto da mesa enquanto o resto esta trabalhando. Quando a coisa é de uma dimensão maior, que já agrediu quatro, cinco, seis, eu me direciono para todos e sempre pergunto para as duas partes e termino assim com as desculpas. (P5) Eu acho que é muito como a família educa em casa, a experiência que eles trazem o ambiente familiar. (P6) Eu acho que os pais	A gente tenta conversar, então tem as regras, temos os combinados desde o inicio. Penso em conversar, estar fazendo com que o outro senta o que a criança esta passando. (P1) Procuro conversar, dialogar, chamar as crianças envolvidas para explicar como deveria ter procedido para estar resolvendo aquele problema e não agindo na violência. (P2) Busco planejar, para não ter que estar toda a hora parando o conteúdo para apagar incêndios. (P3) Eu costumo levar eles a refletirem na roda da conversa ou trazer uma literatura que trabalhe a situação, histórias que mostrem a questão da diferença para eles aprenderem a respeitar. (P4) Eu acho que foram os exemplos da minha vida. O adulto trata com muito rigor uma coisa banal e muito banal uma coisa que merecia muito rigor, eu procuro dimensionar isso, mas foram os exemplos da minha vida, as cobranças da minha mãe, dos meus pais. (P5) Eu procuro estabelecer o dialogo dentro da sala, refletir por que aconteceu, procuro mediar com leituras e projetos às questões de disciplina, trazendo esse conhecimento para as	A faculdade, as discussões durante as aulas e a experiência. (P1) A gente tem que conversar muito com eles por que eles não têm um dialogo em casa, só apanham, apanham. (P2) Com a prática, você vai convivendo com situações e vai buscando um meio de sanar. (P4) A gente vai tendo um amadurecimento pessoal, profissional, começa a perceber com os estudos o que a gente vem fazendo, possibilita refletir como agir com as crianças, a nossa própria conduta primeira para depois poder fazer esses acertos dentro da sala de aula. (P6) Aqui na escola é uma norma conversar com eles, a diretora sempre fala para parar o que a gente esta fazendo, que não tem problema e quando a gente não consegue, passamos para a coordenadora. (P7) Com as situações rotineiras, cada professor tem o seu jeito de lidar com isso na pratica, tem o professor que prefere deixar os dois de castigo, eu procuro ouvir os dois lados para que eles entenderem o motivo que a professora esta deixando eles fora de alguma atividade. (P8) Pela minha formação familiar. Meu pai e a minha mãe desde pequena quando tinha

tem uns que acham que quanto mais acumular mais esperto é. (P5) O objetivo é preparar a criança para fazer parte da sociedade que está inserida. (P6) O objetivo é de alfabetizar. (P7) Desenvolver todas as habilidades, capacidades voltadas para a coordenação, para o contado com a leitura e escrita, para que eles possam ter subsídios ter autonomia e dar continuidade nos seus estudos seguintes. (P8) Desenvolver todas as habilidades e capacidades voltadas para a coordenação, para o contado com a leitura e escrita, para que eles possam ter subsídios, ter autonomia e dar continuidade nos seus estudos seguintes. (P8) Dos conteúdos básicos até a formação pessoal. Eles estão começando a viver em sociedade e precisam aprender como lidar com certos conflitos próprios da idade. A escola tem esse papel, mas hoje está assumindo um papel diferenciado, ajuda a moldar a formação pessoal de cidadão, de se relacionar dentro e fora da escola dentro e fora da família nos vários grupos. (P9) A alfabetização e formar o cidadão com conhecimento para o mundo. (P10) A alfabetização, assimilar os conteúdos e encaminhar a convivência entre os alunos, a questão das regras a da socialização entre as	gente tem que estar trabalhando o que é seu o que é do outro, o meu direito vai até aonde começa o do outro que eu não gosto para mim eu não posso fazer para o outro. (P5) A questão da tolerância. São 23 crianças diferentes, por que são de vinte e três famílias diferentes, cada uma vive em um ambiente familiar e trazem sua experiência para dentro da sala, gerando conflitos, tem crianças mais tolerantes que conseguem se adequar mais ao espaço compreende mais, mas tem crianças que não, já vai para um lado mais agressivo, desde verbalmente até fisicamente. (P6) Eles não conseguem dividir muito, não tem aquela formação da divisão, eles brigam muito por causa do lugar, todo mundo quer ser o primeiro da fila. A gente antes de fazer qualquer atividade conversa, mas acho que é da idade deles isso de não pensar no outro, você tem que colocar um monte de regrinhas. (P7) É natural da faixa etária, geralmente ocorre no momento em que eles estão sozinhos, no horário de lanche. Venho fazendo um trabalho de leitura e fiz também a dinâmica da amizade com palavrinhas intrusas, como fofoca e eles estão se policiando. No horário do lanche quando acontece, eu procuro sempre ouvir os dois lados até chegar a um consenso e o que errou, vai ser punido por causo disso. O tipo de	deviam conversar mais sobre a função da escola em casa com as crianças desde quando começa do parquinho, a questão da amizade, da tolerância para que a convivência seja melhor. Eu penso que é na família que começa o dialogo, mais hoje em dia não se tem mais tempo. (P7) Eu procuro ouvir os dois lados e entender o que aconteceu. Os dois vão falar e eu vou interferir de acordo com o bom senso, procuro sempre fazer eles pedirem desculpas um para o outro então e então assim, às vezes, a gente pensa que o problema é tão grande e ele se resolve com uma simples palavra. (P8) Eu acho que a vida esta muito tensa. A família tem as suas problemáticas cada vez maiores, o pai trabalha a mãe também, chegam cansados, não tem tempo para as crianças, os programas que os adultos vêem para descansar acabam sendo filmes que não são próprios para a idade das crianças. Essa vida moderna, corrida, tão cheia de stress que as crianças estão inseridas e os adultos nem percebem. (P9) É o egocentrismo da idade. (P10) Eu acho que está na família, o professor corrige e a família em casa passa a mão na cabeça, tira a autoridade do professor e quando o professor corrige vem reclamar na escola. (P11) Não sei se é competição, de querer ser melhor que os	crianças, como sujeitos de reflexão, o que é muito importante. (P6) Eu chamo para conversar, cada um coloca o que aconteceu e a gente tentar orientar até as duas partes ficarem satisfeitos. (P7) A falta de limites, eles precisam entender que tem regras e precisam seguir, esbarrou no amigo tem que pedir desculpas. (P8) Eu acabo falando alto que eu não gosto, mas acabo, ouço uma parte ouço a outra e tentamos conversar, procuro trazer outros exemplos, de algum desenho ou um caso que aconteceu. (P9) Depende da situação. Eu chamo e falo o que é certo e eles vão pedir desculpas. (P10) Eu converso e quando não dá certo eu encaminho para a direção, ai alguém da direção conversa e ai se persistir ai a gente convoca os pais para estar conversando. (P11) Em geral conversando, eu chamo para fora da sala e cada um expõe o que aconteceu cada um fala o seu lado e ai às vezes, a gente entra em um acordo, às vezes, não, cada conflito é resolvido de uma forma diferente. (P12) Primeiro um diálogo aberto, discutir, ouvir todos e tentar esclarecer o que aconteceu. Se for um caso particular eu costumo conversar com o aluno individualmente e se for preciso falo com a direção e chamamos a família. Também procuro uma história, um livrinho que tem	algum conflito, falavam, conversavam sobre todas as decisões que eles tinham que tomar. (P9) Eu acho que eles tem que saber os limites no inicio a gente fez um combinado de turma e então eles sabem o que pode e o que não pode e que é na sala, tem que entender que é uma regrinha, agora quando é uma coisa mais seria eu chamo a direção para estar conversando com a criança. (P10) No trabalho. (P11) No trabalho. Eu via os outros professores não expondo os problemas perante os outros e resolvendo fora da sala. (P12) Leituras que eu fiz e também na pratica, por que faz vinte anos que eu dou aula como professora então a gente esta ouvindo um pouquinho, lendo outro, vendo entrevista na televisão, nos próprios encontros que a gente tem aqui esse assunto é discutido também então a gente vai assimilando e aos poucos levando para a sala de aula. (P13) A gente sempre tem um momento de discussão sobre os problemas da escola com troca de experiências, o que acaba ajudando. Eu aprendi na faculdade a questão do desenvolvimento, mas isso de como agir, a gente vai aprendendo no dia a dia. (P14) Vendo os outros professores mais experientes, a direção também explica como deve ser feito. (P15) Olha na faculdade a gente aprende a teoria, mas é na pratica mesmo no dia

crianças. (P11) Acho que o nosso objetivo deveria ser mais de conteúdo mais a gente engloba tudo, a gente é um pouco mãe, um pouco psicóloga, um pouco médica, um pouco de tudo de tudo que você imaginar, mas o nosso objetivo mesmo é a formação do cidadão, consciente que respeita as diferenças. (P12) Ensinar o aluno a escrever, assim leva ao conhecimento. (P13) É a alfabetização, as noções básicas de matemática, história, geografia, ciências e a formação da identidade, a questão do social, da convivência. (P14) O ensino fundamental é a base para essas crianças, a questão da aquisição da leitura, da escrita a concepção dos números e as quatro operações básicas. (P15) Trabalhar com a coordenação motora, com a questão da autonomia, relacionar numeral a quantidade, fazer alguns cálculos mentais que eles possam sair lendo e escrevendo. (P16) Que o aluno consiga compreender o que está lendo, sair daqui alfabetizado sabendo os conceitos básicos de matemática e consiga se virar, resolver situações de modo geral. (P17) Essa formação de ler e escrever. (P18) O conhecimento da matemática e da alfabetização. (P19) É atingir o todo do conhecimento, principalmente os avanços na moral e	punição depende; vai ficar sem o horário de brincar no dia seguinte, ou tem uma atividade que errou então vai ter que sentar e refletir sobre o que você fez ate para levar eles a pensarem o que estão fazendo e o que é possível melhorar pensando nisso. (P8) As famílias estão se desfazendo, estão tomando configurações cada vez mais diferenciadas então para a criança lidar com isso esta sendo complicado, eu acho que as pessoas estão tratando eles como adultos que já sabem pensam que eles conseguem resolver. (P9) Eles têm muito egocentrismo e então se meche em alguma coisa deles é um motivo de conflito, coisas pequenas e eu não vejo nada assim que seja grande. (P10) Vem das raízes que eles trazem de casa, por exemplo, o preconceito que os pais têm, eles passam para os filhos, o mesmo preconceito acaba gerando conflitos em sala de aula. (P11) É uma que se respeitam, então assim são pequenininhos, conversam, bagunçam e tudo, mais ao mesmo tempo eles respeitam, não são de brigar eles são bem amigos eu peguei essa turma sabendo que ela era uma gracinha. (P12) Nas series iniciais eu vejo que são menos os conflitos, são mais por falta de material escolar, é um pouco de ciúmes, na hora do recreio acontece mais conflitos. (P13)	outros ou querer ver o outro para baixo. (P12) Eu acho que é a falta de esclarecimento da família, por que tem criança que fica muito sozinha então ela não sabe como resolver esses conflitos, tem que ter uma pessoa para estar mediando. (P13) Às vezes, um assunto não é muito bem resolvido em casa, ai ela não tem noção de como se comportar em uma situação, agora têm outros que acabam sendo gerados aqui, basicamente por ser uma criança em desenvolvimento, começando a aprender, é um conflito natural do desenvolvimento dela. (P14) Por falta de a família dar essa base para a criança por que não pensa no amanha que ele vai se deparar com outras crianças na escola. (P15) Tudo na vida tem conflito, não existe nada que não tenha conflito, então para mim é natural, tem que ter. (P16) A criança vem meio sobrecarregada de casa e ai eles acabam um agredindo, falando do outro, empurrando. Por que entre eles mesmos, eles se dão bem, não tem muito assim é mais quando acontece alguma coisa em casa e na hora que eles chegam na escola, eles extravasam. (P17) É imaturidade mesmo, os adultos não aprenderam a resolver esses conflitos, olha os modelos, os exemplos, está precisando de modelos, precisando de amor. (P18) É uma fase do	aquele contexto para estar explorando com os alunos. (P13) Eu sempre converso na hora e já soluciona o problema, agora se eu vejo que tem algo que sempre se repete ai eu procuro tentar trabalhar com uma história essa temática e se for muito grave ai tem que ter a intervenção dos pais. (P14) Chamo para conversar em particular, às vezes, coloco para fora da sala, peço para pedir desculpas, dar um abraço, se é de uma ordem mais grave a gente chama a direção para conversar com a criança. (P15) Tentar através do dialogo, conversar, mostrar como é, perguntar o porquê, por que fez isso. (P16) A gente chama individualmente, conversa, escuta os dois lados e quando é uma coisa um pouco mais grave a gente manda para a diretora, para ver se é necessário chamar os pais, mas normalmente a gente resolve aqui dentro, conversa com as crianças, pede desculpas um para o outro e diz para não acontecer mais. (P17) Eu peço para pedir desculpas, abraçar, como eles são pequenos é tranqüilo. Na primeira reunião eu já peço para que os pais possam marcar o nome no material de cada um. Cada um tem o seu e deixo bem claro que a professora não está aqui para cuidar do material, cada um vai cuidar do seu e tem que respeitar se o amigo não quiser emprestar, mas se	a dia, observando um professor que fez uma coisa e deu certo. Outra coisa, eu tento elogiar aquele com bom comportamento, eu sempre fico me esforçando para que eles possam ter um comportamento adequado. (P16) Eles ainda não têm maturidade para entender. (P17) Na vida, no trabalho, no dia a dia. (P18) A com a pratica, no dia a dia, também não adianta tentar resolver tudo porque não dá, tem coisas, que eles precisam aprender a resolver entre eles, por que os pequeninhos não conseguem e vem tia, tia depois que eles estão maiorzinhos, eles vão se resolvendo ali entre eles. (P19) Eu acredito que com os meus pais, meus pais nunca me ensinam que bateu levou. Hoje, eu aprendi um pouco mais com as literaturas, os estudos e no dia a dia, observando. (P20) Acho que mais na prática do dia a dia mesmo, a gente teve bastante teoria na faculdade, nos estágios e observando no dia a dia. (P21) Na faculdade tem que ter uma coisa interligada entre a teoria e a pratica. Quando eu fui para a faculdade de pedagogia eu não trabalhava na área da Educação, então ficava uma coisa vaga. Os professores não gostam muito de estagiário dentro da sala e acaba colocando ele lá no fundo e ai o estagiário fica lá como observador e não aprende nada, não consegue adquirir experiência. (P22)

do intelectual do aluno. (P20) A alfabetização, a iniciação da criança na vida em todos os sentidos. (P21) É a formação do aluno em todos os aspectos. (P 22) A escolarização, o preparo para os estudos. (P23) Ensinar para os alunos a verdade consensual. (P24) São noções de calculo, de língua portuguesa, escrita, noções de convivência e de solidariedade. (P25) No segundo ano o nosso objetivo é a alfabetização do ensino de 100% dos alunos. (P26) Formar cidadões. (P27) Construírem os conceitos, o diálogo com as outras crianças, então vão interagindo e construindo o conhecimento mediado pelo professor. O trabalho é conhecer o nome, a identidade, do que gostam, suas preferências, com quem mora, é a identidade da criança (P28) A alfabetização e o letramento, nós vamos trabalhar as questões de relacionamento, que é bastante difícil e a gente percebe que no mundo de hoje, as pessoas estão cada vez mais agressivas, mais indiferentes, individualistas, egoístas porque o próprio sistema da sociedade concorre para isso. (P29) Eu tenho uma concepção que educação é humanização, tornar-se cidadão, capaz e competente. (P30) A gente precisa ter	Vai depender de cada ano, de cada série, da idade das crianças. A questão de emprestar objetos, da briga, não sei, se é a fase deles de egocentrismo, já os maiores tem também a questão da fofoca, de um cuidar da vida do outro. (P13) Eu creio que a família hoje é formada por poucos filhos, chega aqui eles encontram mais 23 e os conflitos são parecidos é a questão de um pegar o material do outro, são conflitos típicos de filho único, de querer só para si as coisas, de não aceitar, não dividir com o outro, não consegue perceber que o outro também tem opinião. (P15) Cada um tem um jeito de pensar. Esse ano mesmo, na minha sala, tem um aluno que é baiano, então ouve um conflito muito grande por que ele tem um jeito de falar, ele tem uma cultura diferente, ele meio que foi recriminado no inicio, porque é o diferente. (P16) Falar mal do outro, insultar, colocar apelido, isso acontece sim. (P17) Aqui é uma escola tranqüila, não tem muitos conflitos assim, tem uns conflitos assim da fase de egocentrismo, então eles pegam o material sem pedir ou esse é um dos conflitos maiores. (P18) Eles não conseguem diferenciar quando o amigo trombou sem querer, quando machucou sem querer, então, eles revidam igual. Tem a criança mais agressiva, que só	desenvolvimento deles, a gente vai ensinando e com o tempo eles vão melhorando. (P19) A falta de uma estrutura familiar hoje, da mãe que é o alvo principal de tudo isso, estar mais presente para focar nesses princípios básicos, como eu disse o, por favor, com licença então a gente vê que as mães não têm mais tempo, a família perdeu esse bom senso dos princípios básicos de uma boa educação. (P20) Eles têm uma dificuldade muito grande de lidar um com o outro, de respeitar o espaço do outro e isso acaba gerando conflito. (P21) É natural, numa festinha ou em qualquer outro campo que tenham varias crianças juntas, vai ter algum tipo de conflito eu acho que é da natureza humana. (P22) A individualidade das crianças em casa. Eu acho que os pais não têm tanto tempo e acaba fazendo tudo o que eles querem. Eles não têm limites, ai, vem para a escola, um lugar que tem que se socializar e acaba tendo problemas de desrespeito com o outro, com o limite do outro. (P23) Eles estão centrados neles, então, tudo é para eles, não conseguem pedir. (P24 Acho que falta orientação em casa, pela correria do dia a dia, os pais não conseguem dar uma atenção maior, orientar o que é certo e errado. (P25) É da imaturidade, cada um tem uma	não eu procuro dar o exemplo e emprestar o meu material, tento estimular uma cooperação, que um ajude o outro. (P18) Eu pergunto o que aconteceu, vejo as duas versões, às vezes, a versão de quem estava perto também e ai se são uma coisa mais simples, um pede desculpas para o outro, dão à mão e abraça, mas não tem que dar muita corda para os conflitos deles, se não, parece que os conflitos aumentam (P19) Eu sempre parto do principio que é não fazer o mesmo que o outro fez, se o colega fez algo errado, passa para a professora que a professora vai resolver e não você resolver com suas próprias mãos. Outra coisa é trazer literatura que trabalhe as questões da moral e da ética. (P20) A gente chama, conversa e se for o caso eu deixo entrarem em um consenso entre eles. Quando eu percebo que eles não vão entrar, eu intervenho chamando a atenção, às vezes, chamando do lado, conversando, às vezes, simulo uma situação para ver como eles resolveriam. (P21) Tem que chamar atenção e também não fico fazendo uma tempestade em copo de água. Se não a gente para a aula a todo o momento. Quando é mais grave, a gente fica mais rígida, chega mandar para a diretoria, tem que tomar uma atitude perante a sala, perante aos pais. (P22)	A prática é diferente da teoria. Cada ano é um novo ano, o ano passado era uma sala muito agitada, mas também muito boa esse ano a coisa já é mais tranqüila e dá para observar as crianças com o seu jeitinho eu acho que é a pratica mesmo que ensina a lidar com isso. (P23) Eu acho que foi na vida mesmo na pratica, no trabalho. (P24) Foi no dia a dia, nesses nove anos dando aula, eu achei mais fácil resolver coletivamente, assim os outros também ouvem, tem opiniões diferentes do que está acontecendo naquele momento, colocam a opinião deles e acaba sendo geral. (P26) Foi à prática do dia a dia, da própria família. (P27) Na convivência da gente, vamos construindo os conceitos, nas situações, nas relações pessoais. (P28) Muitas capacitações da formação continuada. No curso de pedagogia você vai saber tudo e depois vai colocar a sua teoria em pratica e muitas vezes depois, você vai ver que não vai dar certo, ai tem que recomeçar. Eu gosto muito de ler eu sou filosofa, eu acho que é isso. (P29) Na minha pratica, com os meus filhos. Eu vejo assim, o que dá resultado, nesse sentido, eu percebo que algumas coisas funcionam e outras não funcionam, não é com todo mundo que vai funcionar, depende muito da situação. (P30) A vida, os anos de estudo. A minha

clareza dos conteúdos, de qual é a relação que a escola tem com a família, de qual é o tipo de aluno que realmente a gente quer formar, é aquele aluno que simplesmente saiba as questões técnicas, de ler e escrever ou, além disso, que ele saiba resolver os problemas, os conflitos, associar o que esta aprendendo com o cotidiano deles. (P31) O objetivo é integrar a criança no meio que ela convive e alfabetizar. (P32) É a alfabetização, seria formar um individuo letrado, que saia do ensino fundamental lendo e escrevendo e interpretando aquilo que lê e escreve. (P33) A gente está aqui na escola preparando as crianças para o mundo lá fora, preparando para a escrita para a leitura, preparando para a vida. (P34) Formar a criança para ser cidadã, para participar e se relacionar bem na sociedade para se desenvolver enquanto ser humano, em seus aspectos físicos, psicológicos, sociais. (P35) Ensinar eles a buscarem o conhecimento, esse interesse de aprender. (P36) A alfabetização, que ela possa resolver a partir desse preparo qualquer situação da vida dela fora, que esteja preparada para o mercado trabalho. (P37) Preparar para a alfabetização. Trabalho de forma lúdica com o	sabe resolver o problema na briga, vai muito do social da criança, a criança que é mais cuidada é mais sociável, agora aquela criança que é mais solta, mais largadinha é mais agressiva. (P19) São as diferenças, eles percebem muito que o outro tem e o que o outro não tem, e o mais grave que eu vejo é que eles estão representando muito que eles vêem na televisão, muitos desenhos no dia a dia deles, eles não sabem brincar, na brincadeira eles já querem empurrar. Eu vejo muito a representação daqueles bichinhos da televisão assim, que solta fogo e se transforma em gelo, essas coisas. Outros conflitos são de não saber expressar o que eles querem e eles já agem no contato físico, pedem licença, mas tem que esperar o outro dar licença. (P20) Ocorrem conflitos de comportamento, de relacionamento e também de aprendizagem quando um tem um ponto de vista e o outro tem outro, eles se questionam entre si. (P21) São crianças, às vezes, um não se afina com outro, tem ciúmes, tem outros conflitos que é casual, por causa de uma borracha ou porque aconteceu alguma coisa no recreio. (P22) Essa questão social, de aceitação entre a diferença de um e de outro, de respeitar o outro. (P23) Ocorrem por causas de materiais, de brinquedos que eles trazem. Você fala que	opinião e eles não conseguem respeitar a do outro, ai começa a confusão, começa o conflito. (P26) Entre os pequenos também há competição, eles são espertos, competem muito. (P27) Vem dos valores que são trazidos de casa. A família contribui muito nessa formação da criança com relação ao respeito e a ética. (P28) É realmente mostrar as causas, o lado positivo e negativo, eles vão adquirindo esta postura de assimilar aquilo que é mais correto. (P29) Da idade deles, do egocentrismo, eles não entendem ainda a partilha, o dividir. No processo de aprendizagem, faz parte eles entrarem nesses conflitos para que eles possam aprender o que é certo e errado, o que eles podem fazer e o que não podem. (P30) Elas não brincam uma com as outras fora da escola, não tem relação com o corpo da outra, não sabem a dimensão, a sua força, então quando o outro vem querer atravessar o meu espaço eu não sei como lidar e a primeira coisa que eu faço é sair. Estou preocupadíssima porque na representação da família, as crianças excluem mães, pais, dos próprios desenhos que na idade deles é uma forma de expressão. Eu permito que eles tenham muito contato, eu observo a ausência da família, eu mando um livro de literatura para casa para que a família leia junto, para tentar exigir que alguém da família sente, fique perto,	Eu tento ouvir os dois lados primeiro e conversar com eles. Eles pedem desculpas um para o outro e fica tudo bem, por que eles são assim; eles brigam e daqui dois minutos, já está tudo bem. (P23) Eu converso, por exemplo, quando um mexe com o outro, eu falo: Você gostaria que fizesse isso com você e já resolve ali no momento. Ninguém quer uma coisa ruim, na maioria, resolve assim. (P24) Se for briga, eu peço para pedir desculpas, para dar um abraço no colega e falo que a gente vai conviver um ano inteiro, então tem que ser amigo. A criança precisa aprender a abraçar, aprender o limite do outro, o que ela não gostaria que fizesse com ela, ela não pode fazer com o outro. (P25) Eu procuro parar a aula e conversar sobre o que esta acontecendo, tentar resolver entre eles mesmos. Os outros também estão vendo e acabam também compreendendo, para evitar confusões futuras com relação ao mesmo problema. (P26) A situação de se colocar no lugar do outro eu acho que isso é muito importante. (P27) Dentro da sala, no momento em que o evento ocorre. Eu falo: Foi certo, não foi certo, é bonito, não, não é bonito, se a gente está dentro da escola não é para a gente se tornar agressivo, briguento então vai conversar. (P29) Depende do conflito,	profissão, eu não encaro como uma opção profissional é uma questão de vocação mesmo, vocação, não é só uma questão de ensinar a criança a ler e a escrever, é muito mais, é uma questão formar seres humanos, nessa busca constante que a gente precisa ter, de participar de um grupo de estudo e conversar muito. (P31) Com pesquisa. Tive muitos problemas de me alterar muito dentro de sala e perder o controle da situação ai eu fui atrás da pesquisa, da leitura para saber como conduzir a situação, fiz um projeto chamado disciplina e fui colocando em pratica. (P33) Foi com a vivencia na escola, no dia a dia, porque se você só chamar a atenção não resolve, você tem que colocar um diante do outro. Inventar alguma brincadeira, uma dinâmica para eles entenderem, porque quando eles começam a conviver mais junto, começam esses conflitos. (P34) Com a prática do trabalho. (P35) Na pratica, fazendo cursos, conversando com os colegas. (P36) Com a experiência principalmente e eu tenho filhos pequenos, isso também contribui, a criança gosta de limite. (P37) Eu trabalhei em uma escola particular aqui em Marília que tinha a pratica de chamar o aluno no cantinho e conversar, não expor ele na frente dos outros e eu adoto isso para mim. (P38) Não sei não é uma coisa ensinada eu

conteúdo voltado para a alfabetização. (P38) Eu trabalho com alfabetização, acredito que um bom ensino vai fazer com que as portas se abram para eles, não só para novos estudos, mas em tudo, na formação conceitual, moral e física. (P39)	é para o recreio, mas um ou outro, pega fora de hora e ai o outro quer brincar também e ai a gente pede para guardar e resolve. (P24) Acontece muito de roubar material e esconder, colocar dentro da bolsa e não trazer mais, a gente observa e sabe quem foi. (P25) Por questão de materiais eles entram em conflito. As opiniões são diferentes e ai começa a discussão, são pequenas coisas, que geram um conflito maior. (P26) Às vezes um aluno se incomoda com o outro, são pequenas coisas, uma atividade na sala, que um fala: Eu acabei primeiro, não, fui eu que acabei primeiro. (P27) Vem de uma situação muito difícil familiar, mas olhando e vendo o amor que um tem pelo outro. Eu trabalho monitoria, tem aqueles com mais dificuldade e têm os que são mais avançados, então um vai ajudando o outro. (P29) Ocorrem conflitos da idade, briguinhas entre eles, são conflitos banais, coisas assim muito tranqüilas. (P30) É totalmente natural e positivo quando dentro do sistema de aprendizagem ocorram os conflitos, por exemplo, de nível da cognição, o conflito é importante ele faz parte do desenvolvimento da criança. (P31) Eles são bem individualistas, é o egocentrismo deles. (P32) Existe a questão de liderança, da apropriação de material	leia, ouça a voz e dialogue e não da certo. (P31) Está faltando muito a parte da família, ficou tudo para a escola desde saúde, de escovar os dentes, a família deixou muito, eles acham que a escola é responsável por tudo, a palavra educação ele tem dois sentidos, tem a educação do educar a criança e a educação que a escola oferece, que é alfabetizar então para a família a educação é toda da escola. (P32) Está faltando muito à participação da família na educação da criança, 90% da minha sala fica em creche ou em instituição, saem de casa às sete horas da manha e retornam para a casa entre seis e sete horas, muitos deles dependem do transporte escolar. A família está delegando muito para a escola a questão básica dos valores está causando esse problema, principalmente de indisciplina na sala de aula. (P33) Sempre tem alguma coisa familiar, eles vêem esses conflitos dentro de casa e reagem do mesmo jeito aqui na escola, eu acho que é o ambiente em que eles vivem então a gente tem que ir contornando isso, conversando para poder ir trabalhando. (P34) A questão social, do relacionamento, eles estão no processo de aprendizado, de convívio fora do ambiente em que estão acostumados e eu posso não posso ter o mesmo comportamento que eu tenho em casa	normalmente eu converso com a turma toda, explico para eles, para que eles possam perceber que o que coleguinha fez, não foi com a intenção de roubar o lanche, é só vontade de experimentar aquilo, procuro mediar isso, conversando com eles sempre depois que acontece. (P30) Chamo os dois e pergunto o que aconteceu, ai num dialogo entre os dois um falando e outro colocando, eu sempre converso para prevenir o aumento do conflito ou então a agressão. (P31) Tento intermediar, sem estar castigando, eu não vou falar quem é culpado ou quem é inocente, a gente vai tentar resolver da melhor maneira possível. (P32) Eu resolvo com dialogo. Começo sondando o tipo de crianças na sala vai estabelecer as regras com eles de comportamento, o uso do espaço da sala de aula, uso do material coletivo e eu cobramos isso constantemente. Eles resolvem com agressão física, eu interfiro mediando às conversas por meio de reflexão, sempre fazendo a criança refletir o que esta fazendo e pense na situação do outro também. (P33) No primeiro momento a gente tem que conversar com os dois lados, chamar os dois lados e conversar, explicar que aquilo não pode ser assim. (P34) Eu peço para a criança ir até a outra e conversar com o amigo e ai eu fico de	acho que vem da pessoa, a minha mãe conversa muito comigo e eu aprendi a ouvir as pessoas antes de julgar, antes de sair brigando, é a formação pessoal, com certeza. (P39)

	indevidamente e tudo, eles resolvem com briga, com brincadeiras agressivas. (P33) A escola é o primeiro local em que eles saem do particular e vão para o ambiente publico então eles tem que ceder para poder ter o apoio do outro colega. Tenho que organizar um ambiente coletivo e isso implica muitas vezes em eu ter que abrir mão de alguma coisa e isso vai melhorando. (P35) Eles são egoístas ainda a maioria são filhos únicos. (P36) Ela é muito egocêntrica então ela vê um lápis diferente ela vai lá e toma aquilo como seu e já começa o conflito, tudo gira em torno dela então ela não sabe pedir ou ainda não tem esse habito de tomar emprestado, ela vai lá e pega como se aquilo fosse dela e ai isso gera conflito. (P37) Tem o bullyng dentro da sala de aula, no aspecto de se colocar acima do outro. (P38) Conflitos de relacionamento, isso é natural do ser humano como é natural da criança. (P39)	então, às vezes, saber lidar com esse outro é algo difícil. (P35) É que ela é egocêntrica. Vejo também que não tem uma educação que vem de casa, falta dialogo, onde a família explique, há pouca convivência com os pais, esta um pouco perdida a questão dos valores, estando a cargo da escola, das entidades. (P37) É falta de se colocar no lugar do outro, não ter essa sensibilidade, tem essa questão do egoísmo, de se importar mais com ele mesmo. (P38) Em relação às questões materiais, são coisas bobas, pegou o meu caderno ou a minha cola sem pedir. (P39)	olho, eles tentam se entender deu certo deu, não deu, eles vão conversar de novo, eles são livres assim, eles falam bastante, conversam, então tem muitos conflitos entre eles, porque na verdade penso que isso seja um objetivo positivo eles aprenderem a resolver os problemas. É nosso papel deixar que eles vivenciem no primeiro momento eles vão achar um caminho, se não foi possível ai eu tento ajudar de alguma maneira, vamos conversar, nunca só um parte porque tem sempre os dois lados e estamos num coletivo, é uma turma, eu faço parte dela, então não estou lá para impor alguma coisa, então estou no comum. (P35) Eu procuro estar conversando com eles, explicando o que pode e o que não pode, às vezes, eu chamo a família, se precisar eu chamo a coordenadora. (P36) Eu procuro fazer a criança entender, se colocar no lugar do outro, chamo a criança, tenho um dialogo com ela e faço com que ela perceba que se fosse ela naquela situação como ela se reagiria e depois dessa reflexão a gente coloca assim para ela pedir desculpas. (P37) De várias formas, individualmente, com uma reflexão individual, no coletivo, eu pego algum livro didático que trate do assunto e faço eles refletirem. (P38) Conversando, precisa ouvir ambas as partes, fazer eles se conversarem, eles	

			também se ouvirem e pedirem desculpas um para os outro. Criança é uma coisa muito fácil de lidar ao contrario do ser humano que cria e enraízas as suas magoas, a criança ela esquece muito fácil então assim em cinco minutos esta brincando. (P39)	

Quadro 2 – Síntese das entrevistas da questão seis a onze.

Q6 – Dificuldades para atuar	Q7 –Outros conflitos	Q8 –Como escola age	Q9 –Papel da família	Q10 – Informação	Q 11 Algo mais
É bastante complicado, porque não é de uma hora para outra que aquilo vai mudar e de repente aquele conflito vai acontecer de novo e você vai ter que trabalhar novamente, é um trabalho continuo. (P1) Você conversa que na próxima semana eles estão cometendo o mesmo erro, ai você vai conversar com eles, estão agitados devido a algum problema que esta acontecendo lá em casa. (P2) A principal dificuldade para atuar é falta de informação da teoria, a gente não tem esse embasamento teórico, isso é uma busca pessoal e a maior dificuldade é a família e em algumas escolas a parceria com a coordenação e a direção. (P3) Existe uma resistência muito grande dos pais aceitarem, tem muitas crianças que são filhos únicos. (P4) A resistência da família, às vezes, você vai conversar com algum pai para falar do filho	Sempre vai acontecer, acabamos focando mais ali, mas a gente sabe estão ocorrendo outros conflitos na escola também. (P1) Não diariamente, não tão graves. (P2) No intervalo e na educação física que eles estão fora. (P4) Eles seguram a criança e chamam alguém da direção para ver o que está acontecendo, diante dos relatos a escola convoca os pais e eles ficam mais espertos. (P5) A gente observa sim, a gente já vem fazendo um projeto de disciplina ao longo dos anos e é tudo uma questão da disciplina. (P6) É a gente fica sabendo, às vezes, a gente não presencia, mas a gente fica sabendo, de agressões dentro da biblioteca, no recreio, acontece. (P7) Nessa faixa etária até os onze anos é normal, às vezes quando acontece alguma situação e eles mesmos falam, não preciso chamar a atenção, procuro exaltar a qualidade, elogiar quando eles fazem tudo certinho. Na hora de sair para o lanche eu já oriento que não quero nenhuma reclamação, que procurem não correr demais,	A gente tem que ajudar as crianças a começarem a refletir sobre os acontecimentos. (P1) Eu percebo que elas procuram conversar com os alunos se não resolver chama a família das crianças envolvidas para estar passando o caso, para não chegar no futuro e falar que não foi avisado do estava acontecendo. (P2) A gente tem um suporte da coordenação, mas eu não tenho muito o costume de mandar crianças eu tento resolver na sala, eu mando quando a coisa é muito fora do normal, quando estou vendo que a coisa está tomando dimensões que a família pode vim reclamar. (P3) Bastante mediação com os pais, chamado os pais para conversar, os professores e a gente vem recebendo orientações nas horas de estudo de como lidar com isso. A escola como um todo tem preocupações em relação a isso, para a resolução desses conflitos desses problemas. (P6) A primeira ação é convocar os pais para poder conversar. (P7) Quando acontece	Cada criança foi educada de uma forma, as famílias são diferentes, então a família tem um papel muito importante e a escola precisa estar junto com essa família para poder estar resolvendo isso. (P1) As crianças não têm mais aquela identificação com o pai, a mãe e o irmão, eles são criados por avós, tios, tem crianças que moram com pessoas desconhecidas, são agredidas. Eles contam que são rejeitados, que não foi uma criança planejada, se sentem ofendidos com isso. (P2) A família tem um papel muito importante, mas eu não consigo ver a família ajudando a resolver os conflitos, ela esta sendo até, um ponto de conflito, porque a gente faz um trabalho em sala de aula, conversa com as crianças, a família em casa não. A criança chega em casa e fala para o pai, ele vem cobrar da professora, não temos essa parceria com a família eu não consigo ver, é raro. (P3) Às vezes, uma criança se destoa tanto, que acaba causando uma situação em sala de aula que	Sim, bastante. (P1) Sempre é bom (P2) Acho interessante. (P5) Eu super importante, por mais que a gente venha trabalhando, é um tipo de reflexão que vale a pena porque às vezes uma coisa que você viu antes e não servia para você e dependendo das reflexões que você faz, pode repensar a sua pratica. (P6) Eu gostaria. Eu acho nem sempre a gente tem a visão do que é apropriado e às vezes a gente age de uma maneira que não é o correto. (P9) Tudo que a gente interioriza pesquisa e aprende é importante. (P10) Tudo que for para melhorar é sempre bem vindo. (P16) A gente esta sempre aprendendo, sempre é muito	Eu acho assim que o importante é ter sempre alguém da saúde, um psicólogo dentro da escola, a gente conversa com as crianças, mas não é a mesma coisa por que a gente esta ali no contado dia a dia e não sabemos os problemas que vem ocorrendo com eles. (P2) Acho que é para os maiores, mas eu via isso muito grave bem forte, a questão da sexualidade. (P4) Eu queria alguém com uma preparação para estar ajudando a mediar esses conflitos. Esse negócio de deixar para depois perde uma oportunidade muito boa de ser trabalhado e fortificado ali o caráter. (P5) A falta de tolerância, uma inversão dos valores, não sei se é devido a mídia, desse excesso de TV, de informações, quando um agride o outro a pessoa sente prazer em agredir e ver o outro passar por algum constrangimento.(P6) Tem muita coisa que ouço das crianças e acabo me envolvendo, não sei muito separar o profissional do pessoal então tem coisa que a criança comenta e isso entrar na minha cabeça e eu fico pensando como eu posso resolver, mas acabam atormentando a cabeça da gente desnecessariamente nem tudo eu vou poder agir e resolver

fez e ele diz: "não, o meu filho não faz isso". (P6) Eu não senti nenhuma dificuldade. Com os pequenos a gente consegue sempre resolver e não tem conflitos. (P7) Os pais, quando acontece uma discussão, você tem parar o que você está fazendo, respirar fundo e resolver o problema. Essa criança leva geralmente a sua fala para os pais sem analisar o contexto que foi falado, então o pai vem aqui nervoso. (P8) Atingir o conteúdo e lidar com esses conflitos, equilibrar de forma que consiga resolver os dois lados, ensinar e não deixar de dar atenção. (P9) Eu acho que tem que ser uma coisa em conjunto, porque só o professor não dá conta, precisa sim da colaboração dos pais. (P11) A família que não participa da vida escolar do aluno, a gente percebe que as famílias estão mais afastadas. Os alunos mais problemáticos, os pais não comparecem as reuniões, eles não se preocupam com	entender o amigo, pedir desculpa e sempre chamar um adulto que possa resolver o problema ali mesmo e não trazer um problema lá de fora para a sala de aula, por que na sala de aula não tem muito desses conflitos. (P8) Eles trazem muitas coisas de casa, da rua, eles querem falar o que o outro fez delação. Em casa eles têm uma rotina, uma ética, uma moral e quer cobrar que o outro seja igual, até por ser criança, às vezes, ele não tem essa noção ainda de como cobrar do outro. (P9) Não, não me recordo e não vejo problema, é meio tranqüilo. (P10) Eu vejo os professores reclamando que está tão difícil, às vezes, as diretoras buscam os alunos e levam e eu não sei o que aconteceu, mas assim por cima eu sei que está acontecendo alguma coisa. (P12) Na hora da perua sempre tem reclamação, que uma criança beliscou, a criança da outra sala beliscou também, a gente procura a direção e a direção que vai esclarecer. (P13) Aqui tem assim uma questão de disciplina muito grande, claro que há conflitos, mas eu acho que eles são mais pontuais e não tem uma coisa gritante. (P14)	alguma coisa mais grave a gente procura passar para as meninas da coordenação e para a direção e que ai elas vão conversar. Elas sempre orientam para nós ouvirmos os dois lados. (P8) Eu não sei falar de outros lugares, mas aqui na escola tem um trabalho forte, a criança é convocada para falar o que aconteceu, as crianças envolvidas, todas são ouvidas e as outras crianças participaram de testemunhas. (P9) É uma escola que está sempre aberta a tudo que você precisa e algum problema que a gente tem com as crianças eles falam para a gente chamar os pais e conversar, se você tem alguma coisa e você pede e a ajuda é imediata. (P10) No geral, começa conversando, perguntando o que foi que aconteceu e tenta resolver na conversa, se continua eu acho que comunica os pais e daí para a frente eu não sei se vai para reunião do conselho, mas acho muito difícil, tem que ser uma coisa muito, muito grave. (P12) Eu sempre vejo pais, alunos de outras salas conversando com o pessoal da direção, com os	desestrutura, no dia em que ela falta é um dia que você consegue trabalhar melhor (P4) A família tem que estar aberta para conversar, ter dialogo com a escola e estar presente. A família de hoje não é só o pai e a mãe, a família é mais ampla hoje, acho que a família precisa se envolver para melhorar a criança, seu comportamento. (P6) Eles são presentes, eles vêm quando são convocados, vem para tentar resolver o problema, um ou outro que não. A presença da família é importantíssima, por que se não for a família, como a gente vai resolver (P7) Procuro passar para eles a minha dificuldade em sala de aula, peco para eles auxiliem também em casa, conversem antes de vir para a escola e se que acontecer alguma situação tem que agir, é muito importante essa parceria entre a escola e os pais para se ter um resultado positivo do trabalho. (P8) Eu acho. Eu acho que assim tanto na resolução como na produção do conflito depende muito da clientela da escola, aqui os pais são participativos, eles vem participativos são pessoas que, às vezes, eles vem não posso dizer	importante não perder essa vontade de aprender, de crescer e com eles mesmos estamos aprendendo. (P17) Eu gostaria, eu acho que todo o professor gosta. (P21) Eu acho muito importante porque são novas idéias. (P26 Eu acho bom ter um material de apoio, é muito bom. (P32) Não, os meus interesses são outros, mesmo por que eu fiz mestrado também e eu estou em outra coisa e a minha formação nem é educação a minha formação é sociologia, ai a minha área de interesse é para esse lado. (P39)	para essas crianças. (P9) Tem alunos com sintomas de hiperatividade, tem um com diagnóstico, mas falta o medico mandar a carta para a escola, dois já passaram pelo médico e estão esperando o laudo. E eu acho que esses três agitam a minha sala, eles falam muito alto, não param sentados, não conseguem se concentrar nas atividades, ouvir as orientações para fazer a atividade então para conseguir a atenção deles é muito difícil, às vezes, tem que chegar bem perto e falar mais de uma vez e falar, falar é complicado. (P11) Eu acho que é necessário assim que não só o professores, o educador, a escola tenha acesso a essas informações, mas que a família também tenha, eles estão precisando de ajuda, de palestra de conversa para abrir os horizontes. (P18) Eu tenho uma criança com um diagnóstico que ainda está sendo pesquisado e a família não vai atrás é só a gente que fica ali então até que ponto a gente tem que interferir tem que acionar alguém que é um direito, uma obrigação da família. (P23) Eu acho que os conflitos são positivos, muitas vezes o atrito vai ajudar a criança, não só as duas crianças, mas o grupo, muitas vezes o conflito vem para que a criança descubra o erro e repense, reflita através do conflito.

a tarefa e essas crianças acabam achando que podem fazer tudo o que querem. (P13) Quando tem que conversar com os pais, eles nem sempre são abertos as criticas, porque você está criticando na verdade da família, da educação deles, uma falha deles e isso é complicado, o mais difícil mesmo é chegar aos pais e tentar fazer com que eles compreendam que a gente precisa agir em conjunto. (P14) O cuidado com as palavras. Às vezes, a gente fala algo para nós é normal, mas a criança chega em casa e fala de uma outra maneira e o professor é interpretado de uma maneira errada, a gente pode estar arrumando problemas futuros. (P15) Não depende da gente, às vezes, a gente chama a família e ai você entende o porquê aquilo aconteceu, então na hora que você escuta todo o histórico familiar, a gente começa a compreender um pouco melhor o que acontece com a criança por que a criança age desse jeito. (P17)	Aqui o recreio é mais dirigido, muitas pessoas estão em cima então dificilmente, entre eles assim baixinho um cutuca, empurra, tem aquela criança que fica com vontade do lanchinho do outro. (P15) Tem sim, porque ninguém pensa igual a ninguém, tem conflitos entre os professores com determinadas atitudes, tem em todos os lugares. A outra professora que trabalha comigo não pensa como eu e eles acabam ocorrendo. (P16) Têm algumas pessoas, alguns funcionários até mesmo colegas de trabalho que você percebe algumas coisas assim, eu tento não me envolver em nada, tento não tomar partido para nada, eu chego e já vou direto para a minha sala. (P17) É natural, somos seres humanos. (P18) A gente tem uma idéia bem restrita dessa palavra conflito; brigas são conflitos de diversidades, de opiniões o que eu vejo é isso, a diversidade de opiniões. (P20) A aqui entre eles não, não é bem tranqüilo. (P21) No ensino fundamental é tranqüilo, acho que essa gravidade maior é lá no estado, que tem alunos que dão um pouco de trabalho. (P22) A gente chama os pais, tem que	coordenadores da escola, ela são bem atuante nessa parte, ela tenta resolver, tanto que na escola eu não vejo muitos problemas de indisciplina, é uma escola boa. (P13) Conversando com os pais, chamando os pais para ter uma conversa inicial e ver porque esta acontecendo isso , às vezes, a criança esta se comportando de uma forma diferente e pode ser por muitos fatores, separação de pais sabe e a criança fica mais agressiva mais triste, mais apática então essas conversas assim. (P14) É isso, é muita conversa, é dialogo com os pais nas reuniões, quando não, chama em particular. (P15) Eu acho que através do diálogo e dos membros da coordenação, que são excelentes e sempre mostram os meios, as estratégias para você trabalhar melhor e você chegar naquele resultado. (P16) Eles chamam, conversam, pedem opinião, tentam resolver na medida do possível. (P17) Eu acho que sobrou tudo para a escola, você é mãe, você é educadora, você é psicóloga, você é o professor, acho que de uma forma geral ta tudo tão bagunçado no	assim que os pais têm trabalho, eles ajudam muito quando é orientado e uma coisa que eu percebo que quando é feito um encaminhamento ele vem buscar, ajuda, tentam auxiliar. (P9) A família tem que participar, tem que ver aonde o filho esta errando, porque está tendo reclamação, o que está acontecendo, perguntar para o próprio filho, estar corrigindo e orientando a seguir as regras pré estabelecidas na escola. (P11) Normalmente os alunos que mais precisam os pais não dão muito retorno, são chamados e não vem. A maioria dos alunos que tem dificuldades de se relacionar, a família é difícil. (P12) Papel de acompanhamento do dia a dia, de olhar o caderno, ver se a criança está bem, se a criança esta se relacionando bem com os professores e com os outros colegas se ela está feliz de ir para a escola. (P13) A parceria é essencial, um mal exemplo dentro de casa, a criança reproduz na escola ou também pela falta de exemplo, a criança que não é amparada pode ficar mais apática, agressiva, aqui os pais são bastantes participativos. (P14) É um papel extremamente		(P27) Na questão dos conflitos a gestão da escola é uma coisa importante. A regra não pode fazer limitações, pelo contrario ela tem que orientar e muitas vezes o que acaba acontecendo, por um exagero de ordem a gente acaba fazendo com que elas não se relacionem, estamos em fila um atrás do outro do menor para o maior, mão para traz e boca fechada a gente só tem esse tipo de comportamento, a gente fica amarrado nessas regras, a escola acha que ter ordem é ter silencio, se chegou uma visita surpresa, tem que estar tudo em ordem, organizado o que está tudo em ordem ninguém fala ninguém levanta, mas a escola é um lugar de relacionamento, onde o silencio não é possível. (P31) Com a inclusão já vem sendo feito um trabalho com as crianças, porque pode gerar conflitos, aceitar uma criança que não enxerga, um coleguinha que não escuta e respeitar a deficiência dele.(P34) A postura do professor hoje está um pouco perdida com relação a resolução dos conflitos, a questão da autoridade. No curso de pedagogia estudamos Piaget, o moral da criança, mas existem situações que na pratica fica perdido, eu acho que é muito importante um curso de formação de professores com essa questão da postura dos professores

Acho que essa educação tem que vir do berço, é aos poucos, é um processo que não acontece assim; você vai e já resolve, por mais que você converse é em longo prazo, não é uma coisa rápida. (P18) Tem a dificuldade da criança em expressar o que aconteceu, às vezes, a mentira também envolvida ali no meio, porque não assumem você não sabe quem esta certa na história e quem esta mentindo. (P19) Eu acho que é a paciência de falar dez vezes a mesma coisa, as vezes que a gente desanima, todo o dia é a mesma coisa, aquele mesmo conflito. (P20) Tem crianças que são muito agressivas, você vai conversar, vai chamar a atenção, eles não aceitam, eles se revoltam, ficam mais bravos. (P21) É o que eles trazem de casa. Os pais não aceitam que a criança fez alguma coisa para o outro, os pais não aceitam nenhuma colocação a respeito dos filhos. (P23) É o fato da criança não aceitar limite,	encaminhar para psicólogo, para um neurologista, então assim essas crianças que se sobressaem em relação a indisciplina, a gente esta sempre encaminhando. Eu mesma tenho um olho bem clinico para esses alunos desde o inicio do ano, vejo quem é diferenciado. Vamos chamar a mãe para conversar, vamos encaminhar, porque tem que tentar ajudar essa criança. (P22) Nessa questão disciplinar, parece que conforme eles vão crescendo a coisa vai ficando maior também por que eles já estão mais acostumados com a escola, com as regras da escola, com as atitudes que a escola toma e também em casa eles já vão ficando mais soltos que hoje em dia as crianças são muito sozinhas e muito soltas também então tem esse questão que eles já chegam no primeiro ano sem eles limites dos pais conforme vai crescendo a coisa vai ficando maior e na escola também. (P23) Durante o recreio, eu percebo falta de compreensão das regras; não pode correr no recreio , tem criança que não entende que pode cair, derrubar um amigo, se você estiver chupando uma bala, pode engasgar, na escola tem rampa e você pode cair e bater com a	nosso mundo, tudo tão cheio, os pais não conseguem resolver e jogam para a escola resolver. (P18) Aqui é bem tranqüilo, no geral resolve dentro da sala mesmo, só quando acontece alguma coisa mais grave, quando alguém se machucou, coisas assim, que a gente acaba trazendo para a direção. A direção chama o pai, a mãe e conversa. (P19) Nos temos alguns trabalhos sobre isso na escola, no começo do ano, a gente pensa e repensa de novo como resolver tudo isso, essa questão de aceitar o outro, de aceitar a diversidade de opinião. (P20) Sempre com muita conversa, com muita orientação, quando necessário chama os pais (P21) Eu acho que varia muito de escola para escola, de pessoa para pessoa, aqui na escola tem pessoas na parte administrativa que é mais razão, tipo tem que chamar a atenção, ficar bravo e têm outras que já são mais parecidas comigo, que é mais coração. (P22) A nossa direção apóia bastante, já tivemos palestra aqui na escola, projetos para tentar orientar pais em todo o sentido da	importante, dentro da família a criança vai observar como os pais, os avós resolvem os conflito, o que reflete na maneira que a criança vai usar fora para resolver. (P15) A família é a base na questão da educação, de respeito, dos valores que estão muito esquecidos hoje. (P16) Então a família precisa orientar é orientação para tranqüilizar a criança deixar ela mais calma. Hoje em dia é complicado porque os pais trabalham e quem acaba educando é a escola. (P19) A família passou a responsabilidade para o professor literalmente e se você tenta por limites os pais não gostam sempre a culpa não é do filho, é do professor e nós estamos extremamente estressados e sobrecarregados é uma profissão linda mais hoje é ingrata demais. (P22) Hoje em dia, as crianças estão crescendo com aquela coisa, eu posso, eu sou, porque o meu pai deixa, não se respeita o direito do outro, é o meu e pronto. Eu acho que isso vem refletindo bastante no social, prejudicado no andamento da escola. (P23) A gente chama a família na escola para tentar resolver o		frente aos alunos. (P38)

ele não aceita limite para atuar, que não pode invadir o espaço do outro. (P25) Eu acho que a questão da família, cada casa tem uma educação diferente. (P26) Acho que não existem tantas dificuldades, a professora tem que ser a mediadora, conversando e tentando resolver os conflitos. (P27) Quando não tem o dialogo, são situações em que se a criança não fala com a gente. (P28) Quando a criança já vem com uma formação de casa, quando o pai e a mãe ensinam que se apanhar tem que devolver. (P30) Eu não posso fazer o papel da família, me sinto de mãos atadas, impotente, acabo entrando em conflito, tento deixar claro para eles que eu não posso e eu não vou tomar o lugar da família, a criança acaba depositando tudo que ela é em você e não pode, e da muito trabalho. (P31) É tentar fazer com que eles entendam o que está acontecendo às vezes, a gente toma atitudes e	cabeça, mas eles não respeitam. (P25) Eu acho que tem que ocorrer, isso faz parte da rotina da escola, não tem muito jeito, são 26 alunos por sala, fica difícil no dia não ter algum conflito. (P27) Quando acontece algum conflito é encaminhado para a direção porque as pessoas que ficam no pátio estão vendo e a única coisa que eu percebo é de empurrar para querer ficar na fila, do lugar na fila (P28) Muito pouco, são coisas comuns, como elas não tem essa formação, eles sentem e batem, mas não é nada grave e eu não vejo assim como um problema. (P29) Tem crianças que se aproveitam do seu tamanho para bater nas outras crianças pequenas, quando posso interferir eu interfiro, mas se eu percebo que a professora está ali, está vendo o que está acontecendo ai eu não interfiro, só na ausência eu interfiro. (P30) Tem muito as preocupações com o conteúdo pedagógico que é cobrado, tem essas avaliações externas e também dentro da escola, esses gráficos que são mensurados o trabalho do professor. (P33) No ambiente geral, acontecem coisas de empurrar, de cutucar o outro entre eles por que muitos deles são	criação, de colocar limites, da importância disso então essa parceria mesmo da conversa da escola com os pais é o que tem ajudado. (P23) A escola tem um projeto de disciplina, a gente trabalha bastante, conversa sobre amizade, sobre a importância do amigo, sobre a importância de não estar sozinho e que se gerar conflito você acaba ficando sozinha e isso é ruim e que a gente precisa conviver bem com as pessoas. (P25) Quando está passando do limite, a gente conversa com a direção, a direção chama a família dessa criança e vamos tentar resolver o problema junto com a família, por que tem coisas que são do dia a dia aquelas briguinhas que a gente resolve aqui, agora tem coisas que fogem, uma situação de agressão, de bylling (P26) Vamos desenvolver um projeto do, por favor, com licença e muito obrigado, um projeto que a escola esta iniciando esse ano e pediu para os professores prepararem uma atividade dentro da sala de aula para que as crianças agradeçam as merendeiras da escola, então eu	problema e ai a gente acaba arrumando mais um, por que a família não aceita o que o filho está fazendo e eu acho que a ajuda da família é muito importante, a gente precisa desse apoio em casa. (P26) Eu tenho contato com a família só em reuniões de pais ou em festas da escola. (P27) Quando acontece alguma coisa de bater, empurrar, se machucar, a gente chama os pais, faz uma convocação. (P28) A família está faltando hoje em dia, faltam coisas na sociedade de hoje, exatamente o que mais está faltando é na família, é no básico, é quando eles estão formando a personalidade, eu vejo mesmo um abandono. (P29) Eu acho que a família não poderia interferir nos conflitos da escola. Os conflitos da escola devem ser resolvidos dentro da escola, eles acabam é tomando uma proporção que não é a que você queria, a gente pode chamar a família para conversar e pedir ajuda, mas não assim deixar que ela venha e interfira dentro da escola. (P30) Infelizmente hoje a gente tem um retrato das crianças de descuido, uma geração formada para não ser família. (P31)		

eles não entendem o motivo, eles são pequenos. (P32) A participação da família, porque na sala durante o tempo que estão comigo eu faço isso, só que em casa isso não acontece assim igual, quando tem um feriado prolongado eu percebo que quando eles voltam, estão agitados e é um recomeço, a gente tem que ter novamente muita paciência para começar tudo de novo. (P33) O que eu acho mais difícil é quando a gente combina e mesmo assim eles não cumprem, converso, converso e nada disso não resolve. Eu gostaria que fosse de uma maneira mais agradável o convívio de todos por que ninguém gosta que o amigo fique tirando o saro, fique dando risada, a gente vai levando, conversando e nunca desistindo, os fazendo perceberem que naquele ambiente não cabe falar aquilo porque esta incomodando. (P35) A falta da parceria com os pais, a ausência	colegas desde Emei, já se conhecem, eles se socializam na hora do recreio falam juntos, ficam juntos. (P35) O bullyng, de chamar o outro de gordinho, ou quando a criança tem uma deficiência, é raro, mas acontece, as crianças brigam muito por desentendimentos em brincadeiras, acho que estão mais agressivas, intolerantes com qualquer coisa. (P37) Com certeza, aqui, como em todas as escolas, todas as salas de ensino têm conflito e isso é normal. (P38) Não, é uma sala muito sossegada, há alguns anos atrás a rede pensou em fazer um projeto sobre indisciplina e no nosso caso a gente teve uma dificuldade bem grande porque nós não temos grandes casos de indisciplina e é um ou outro aluno que bate boca, ousa peitar, mas o que eu não acredito que tenha grandes dificuldades tanto é que a gente procurou fazer outro projeto, de formação da criança, da responsabilidade dos pais em acompanhar a criança. (P39)	conversei com eles para que quando forem buscar a merenda até o balcão com as merendeiras possam agradecer. (P27) Quando eu cheguei nessa escola haviam conflitos grandes entre os alunos e os professores, mas assim dos quatro a cinco anos que eu estou aqui eu acho que isso diminuiu, nos horários nossos de estudo a gente coloca as dificuldades e vejo que melhorou bastante. Quando eu vejo pela TV os acontecimentos com a escola, fico pensando que o que falta talvez seja essa parceria, e esse dialogo que é demorado. (P29) A gente procura fazer um trabalho bom, resolver os conflitos mesmo na escola, é um trabalho de equipe de todo mundo. (P30) A gente tem tentado a alguns anos estar dando orientação aos pais, são palestras que a gente tem semestrais para poder dar orientações na questão da aprendizagem, da saúde e do intelecto da criança. (P31) Olha aqui na escola tem um combinado de no recreio observar as crianças e dar um cartãozinho de determinada cor, se tiver três cartões amarelo leva um	A família é a base, de uma minoria a família está presente, não faltam em reuniões e atendem as solicitações da gente, mas a maioria sempre se justifica. (P33) A família também faz parte dessa comunidade escolar, no entanto, penso que eles estão distantes daqui, eles deviam estar muito mais presentes dentro da escola. A família tem o papel de contribuir para conversar, de explicar para ajudar, a família tem o seu papel e a escola tem o seu. (P34) Eu acho que os conflitos ocorrem com os alunos que não tem muito apoio da família, assim a família vai deixando a crianças de lado. Nas famílias que cuidam e estão sempre participando, as crianças são mais tranqüilas. (P35) É a família que vai conduzir todo tipo de conflito, de orientação de valores, aquela família é bem presente, a criança não tem tantos problemas de conflitos, é mais tranqüila, ela tem a iniciativa de pedir desculpas, de admitir que errou e isso é claro, é visível. (P37) É eu acho assim que a família ela tem que estar a par do que esta acontecendo com a criança na escola, nos casos		

da família, são crianças de entidades. (P37) Há uma diversidade muito grande e a decisão que a gente toma para resolver esses conflitos é de corrigir entre aspas esse aluno e esquece-se de ver a historia que está por trás. Essa semana aconteceu um conflito com um aluno, ele não queria participar da festa junina, ele estava muito agitado, foi chamada a atenção dele e ele me falou que o ouvido estava doendo e a gente estava insistindo e insistindo. (P38) Se tudo você começar falar que vai mandar para a diretoria, você perde a autoridade dentro da sala de aula, é meio que dando um jeito aqui um jeito lá e de certa forma ou de outra a gente consegue resolver. (P39)		vermelho, e ai vão ter uma advertência, chamar os pais por comportamento inadequado. O recreio complicou porque são vários alunos e se tiver muitas indisciplinas pode causar um acidente, machucar, foi uma forma de tentar amenizar um pouco. (P32) Aqui na escola tem um projeto de disciplina, fica a critério de cada professor colocar em pratica dentro de sua sala de aula e nem sempre as coisas acontecem de uma forma harmoniosa por que, às vezes, até no inicio é as professoras até se envolvem bastante com os projetos ela tem idéias, mas no decorrer do ano com as falta e as dificuldades de contato com a família, às vezes a participação da direção da escola, fica tudo para o professor resolver dentro da sala sozinho e acaba se perdendo um pouco o interesse que se teve no começo do ano. (P33) A gente procura a ajuda da coordenação e da direção quando a gente não consegue resolver dentro da sala. Hoje mesmo no IEC a gente discutiu sobre isso, está tendo que assim crianças estão brigando demais na hora do recreio	mais sérios, eu costumo chamar a família e conversar. (P38) Ela precisa estar presente com certeza, saber o que aconteceu, qual foi à posição que a escola tomou, a família vem para defender o lado do filho, não importa se ele é o lado certo ou errado da questão alguma, mas eu acho importantíssimo mesmo assim. (P39)		

		e o professor tem que ir conversando dentro da sala por que dentro da sala são menos alunos, não adianta querer resolver na hora do recreio a gente tem que começar a resolver dentro da Sala. A gente está sempre fazendo projetos de disciplina justamente para não acontecer essas coisas. (P34) Na nossa escola temos bastante autonomia, cada um tem a sua maneira de trabalhar, cada um conduz a turma de uma maneira. Na minha turma, eles falam muito, mas da maneira que eles estão para mim é agradável, temos os nossos combinados. (P35) No recreio estava dando confusão e a escola decidiu que seria assim por etapas, o primeiro ano, depois só o segundo ano, acho que ficou bom assim, o recreio separado, que a maior parte dos conflitos acontecia na hora do recreio, brigas ou cai e machuca e ai quando começou a separar ficou melhor e mais confiável para evitar. (P36) Projetos em parceria com a direção e os funcionários, isso tem ajudado bastante. (P37) Tem um projeto na escola voltado para a disciplina			

		que também foca essa questão dos conflitos, mas eu acho assim que está sendo resolvido mais individualmente, o conflito acontece e é resolvido, não tem, tem uma prevenção. (P38) Quando deixa de ser resolvido dentro da sala, se leva para a direção e ela vai tentar fazer o que talvez a professora não tenha conseguido, a questão de mediar, de tentar descobrir o que aconteceu e averiguar todas as questões, pode ser que envolva a família, tudo vai depender do tipo do conflito, da situação que aconteceu. (P39)			